

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Doroth de Assis Schimidt Doi

**Coletivos Culturais e Sociabilidades Juvenis: um olhar
sobre Indaiatuba – SP**

Versão Corrigida

São Paulo
2023

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades

Doroth de Assis Schimidt Doi

Coletivos Culturais e Sociabilidades Juvenis: um olhar sobre Indaiatuba – SP

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Carvalho de Almeida

São Paulo
2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: DOROTH DE ASSIS SCHIMIDT DOI

Título: Coletivos Culturais e Sociabilidades Juvenis: um olhar sobre Indaiatuba
- SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Avaliado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Angélica Ribeiro

Instituição: USP

Julgamento:

Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

Instituição: UFRGS

Julgamento:

Profa. Dra. Mônica Villaça Gonçalves

Instituição: UFES

Julgamento:

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D657c Doi, Doroth de Assis Schimidt
 Coletivos Culturais e Sociabilidades Juvenis: um
 olhar sobre Indaiatuba - SP / Doroth de Assis
 Schimidt Doi; orientadora Marta Carvalho de Almeida -
 São Paulo, 2022.
 138 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação
Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da
Universidade de São Paulo. Área de concentração:
Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Jovens. 2. Sociabilidade. 3. Culturas Juvenis.
I. Almeida, Marta Carvalho de, orient. II. Título.



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Doroth de Assis Schmidt Doi

Data da defesa: 02/02/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Marta Carvalho de Almeida

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/02/2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

Ao jovem Bruno M., que foi à saudade cedo demais. O mundo adulto ficou ainda mais desinteressante quando soube que você não faria parte dele...

“Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar

A vida deu os muitos anos da estrutura
Do humano à procura do que Deus não respondeu
Deu a história, a ciência, arquitetura
Deu a arte, deu a cura e a cultura pra quem leu
Depois de tudo até chegar neste momento me negar
Conhecimento é me negar o que é meu

Não venha agora fazer furo em meu futuro
Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu
Vocês vão ter que se acostumar

Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar

E tem que honrar e se orgulhar do trono mesmo
E perder o sono mesmo pra lutar pelo o que é seu
Que neste trono todo ser humano é rei
Seja preto, branco, gay, rico, pobre, santo, ateu
Pra ter escolha, tem que ter escola
Ninguém quer esmola, e isso ninguém pode negar
Nem a lei, nem estado, nem turista, nem palácio
Nem artista, nem polícia militar
Vocês vão ter que engolir e se entregar
Ninguém tira o trono do estudar”

O trono do estudar – Pedro Black

AGRADECIMENTOS

*“Viver é partir,
voltar
e repartir.”
(EMICIDA, 2021)*

“Não existe projeto de uma pessoa só”, sabiamente me disse um dos jovens participantes desta pesquisa. Esta pesquisa é prova viva e concreta disso: foi feita a muitas mãos, a partir de questionamentos que são tão meus quanto de um monte de gente e é fruto do esforço e do trabalho de várias pessoas além de mim.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus. Pela sua graça que não acaba, pelo seu amor incondicional e por sua perfeita coordenação do tempo.

Agradeço ao meu marido, Isaque Schimidt Doi. Pelas caronas de madrugada, pela louça lavada, pelas refeições preparadas e pela paciência e disposição com que você segurou as pontas enquanto eu me dedicava a realizar esse sonho, que de tão meu, se tornou nosso. Obrigada por ser descanso para minha mente e coração. Espero que partilhemos muitos outros sonhos daqui para frente. A vida é boa, mas é muito melhor com você!

Agradeço à minha família de sangue e àquela que o casamento me trouxe. Aos meus pais Eliasaf e Miriam de Assis, pelo abraço que traz a paz do passado que ainda consegue resistir ao presente: nele eu não sou profissional, não sou mãe, não tenho mil pendências para gerir, não tenho que liderar nada. No abraço dos meus pais eu só sou filha, incondicionalmente amada, e isso faz toda a diferença. Agradeço aos meus sogros Marco Antônio e Arlete Doi pelo apoio e pelo carinho enquanto eu produzia este trabalho. Também agradeço imensamente a ajuda dos meus irmãos Laura e Eliasaf Filho e do meu cunhado André Doi com as transcrições dos programas. Amo vocês!

Agradeço aos jovens que de alguma forma participaram das Interconexões que compuseram esta pesquisa. Nosso encontro foi lindo e cheio de potência de transformação. Agradeço especialmente ao querido Kleber Zanzotti, pela ideia maluca e incrível de me transformar em pesquisadora-streamer: obrigada por confiar em mim! Também agradeço ao meu amigo Vini Alceu, pela generosidade com que contribuiu com todo este processo. Se o mundo fosse justo, vocês é que seriam os mestres e doutores do rolê!

Agradeço ao meu clubinho de trabalhadoras de perto e de longe que fazem política pública com base científica, compromisso e responsabilidade. Se é gente comum que banaliza o mal, como aponta Hannah Arendt, gosto de pensar que a recíproca também é verdadeira: é gente comum que na poeira do cotidiano também luta pela justiça e verdade e enche o mundo de bondade e amor. Agradeço à Aline Kuhn, Amanda Andrade, Géscica Belo, Kelli Cristina, Patrícia Romanelli, Rubia do Carmo e a todas/os que esperançam um serviço público de qualidade e me inspiram profundamente, mesmo sem saber.

Agradeço especialmente às minhas amigas Nathália Stoco e Rebeca Windsor, por compartilharem comigo a picada pelo bichinho da transformação, que não tem jeito, não tem cura! Agradeço ao José Paulo Diniz por compartilharmos tanto ao longo dos últimos anos. Tenho muito orgulho da nossa parceria! Também sou muito grata à querida Bárbara Corá por me ensinar que é imperativo viver com indignação, leveza e alegria. É impossível existir sem sonho!

Agradeço à minha amiga-irmã Ivelize Ferraz Bernardinetti, pela disponibilidade e a excelência com que você contribuiu com as minhas ideias e com a elaboração e revisão deste trabalho. Por compartilharmos tanto ao longo da última década e por você estar sempre presente para encher a minha bola. Você me superestima, mas eu adoro isso!

Agradeço ao Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira e à Profa. Dra. Maria Angélica Ribeiro, pelas valiosas contribuições que começaram muito antes de minha banca de qualificação. Profa. Maria, agradeço a disponibilidade, sensibilidade e cuidado com o meu trabalho. Obrigada, prof. Victor, pela disponibilidade em dividir referências e conhecimento desde aquele dia em que semanas após o Congresso JUBRA nos encontramos virtualmente para trocas e debates. Obrigada também pelas lives do GEPJUVE no YouTube, que foram preciosas contribuições. Agradeço também à Profa. Dra. Mônica Villaça por tão prontamente ter aceitado o convite para participar da banca de defesa.

Agradeço à minha orientadora, Marta Carvalho de Almeida. Nossa relação foi mais remota do que eu imaginava que seria, mas não menos humana e respeitosa. Muito obrigada pela generosidade e paciência com que conduziu este processo, mesmo durante os momentos em que ainda não entendíamos muito bem aonde ele ia chegar. Você é a prova de que uma Academia acolhedora e gentil é possível!

E por fim, agradeço ao meu filho, Rafael Assis Schimidt Doi. Penso que cuido dele, mas é ele quem cuida de mim! Quem diz que a maternidade reduz as habilidades de uma mulher não faz ideia do poder transformador que há em gestar, parir e nutrir um outro ser. Obrigada por encher meus dias de poesia, meu bebê. É para que você se desenvolva ao máximo de suas possibilidades que a mamãe luta tanto por um mundo mais acolhedor às diversas infâncias e juventudes.

RESUMO

Um grande conjunto de referências importantes no estudo das juventudes aponta que espaços de sociabilidade e de criatividade consistem em um indicador fundamental para a compreensão das juventudes contemporâneas. Os grupos culturais juvenis expressam relações locais e permitem uma leitura própria dos contextos em que jovens se inserem. A partir desta perspectiva, esta dissertação de mestrado tem como objetivo principal descrever e analisar as trajetórias de alguns jovens integrantes de coletivos culturais de Indaiatuba – SP. Para tal, apresenta, em diálogo com a literatura nacional sobre o tema, reflexões sobre juventudes, cultura e tecnologia; e situa a cidade de Indaiatuba em termos sociais, históricos e demográficos. Inspirado nas abordagens metodológicas da pesquisa-intervenção, este estudo contou com a participação de vinte e um jovens articuladores e integrantes de coletivos culturais da cidade de Indaiatuba-SP que foram entrevistados em seis lives interativas na plataforma de streaming Twitch. Essas entrevistas foram elaboradas e realizadas com a participação dos espectadores da plataforma. A partir das referências metodológicas da análise de conteúdo, este trabalho aborda a relação dos jovens interlocutores da pesquisa com a cidade em que vivem, identificando os circuitos que constroem a parte de suas narrativas de pertencimento em relação aos vínculos que estabelecem com seus pares, em relação com sua dimensão criativa e contestatória. Conclui-se que a relação dos jovens com os espaços e com as instituições da cidade é atravessada por tensionamentos e pelo sentimento de não-pertença. Esses conflitos são enfrentados pelas narrativas de pertencimento dos jovens aos grupos e coletivos, que constituem importante experiência de participação, reconhecimento identitário e mobilização afetiva. Juntos, os jovens criam práticas culturais que atribuem novos sentidos aos espaços da cidade e expressam desejos, denúncias e possibilidades de transformação.

Palavras-chave: Jovens; Sociabilidade; Culturas Juvenis.

ABSTRACT

A large set of important references in the study of youth points out that spaces of sociability and creativity are a fundamental indicator for understanding contemporary youth. Youth cultural groups express local relationships and allow a proper reading of the contexts in which young people are inserted. From this perspective, this master's dissertation has as its main objective to describe and analyze the trajectories of some young members of cultural collectives in Indaiatuba - SP. To this end, it presents, in dialogue with the national literature on the subject, reflections on youth, culture and technology; and situates the city of Indaiatuba in social, historical and demographic terms. Inspired by the methodological approaches of intervention research, this study had the participation of twenty-one young organizers and members of cultural collectives from the city of Indaiatuba-SP who were interviewed in six interactive lives on the Twitch streaming platform. These interviews were designed with the participation of viewers on the platform. Based on the methodological references of content analysis, this work approaches the relationship of the young interlocutors of the research with the city in which they live, identifying the circuits that build part of their narratives of belonging in relation to the bonds they establish with their peers, in relationship with its creative and contesting dimension. It is concluded that the relationship between young people and the spaces and institutions of the city is crossed by tensions and the feeling of non-belonging. These conflicts are faced by the narratives of belonging of young people to groups and collectives, which constitute an important experience of participation, identity recognition and affective mobilization. Together, young people create cultural practices that attribute new meanings to city spaces and express desires, complaints and possibilities for transformation.

Keywords: Young people; Sociability; Youth Cultures.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Publicação do vídeo de apresentação do programa Interconexões	44
Figura 2: Captura de tela das mensagens de orientação e roteiro enviadas em um dos grupos de convidados pelo aplicativo de mensagens Whatsapp	47
Quadro 1: Datas, temas e convidados(as) do programa Interconexões	49
Figura 3: Publicação da divulgação de uma das edições no Instagram	50
Figura 4: Captura de tela da transmissão #IC01: Interconectando o coletivo Elas no Skate	67
Quadro 2: Transcrição da apresentação das convidadas da transmissão #IC01: Interconectando o coletivo Elas no Skate	66
Figura 5: Captura de tela da transmissão #IC02: Interconectando o coletivo Complexidade	69
Quadro 3: Transcrição da apresentação dos convidados da transmissão #IC02 Interconectando o coletivo Complexidade	63
Figura 6: Captura de tela da transmissão #IC03: Interconectando a produção de moda nas quebradas	72
Quadro 4- Transcrição da apresentação dos convidados da transmissão #IC03: Interconectando a produção de moda nas quebradas	65
Figura 7: Captura de tela da transmissão #IC04: Interconectando a arte urbana	74
Quadro 5: Transcrição da apresentação dos convidados da #IC04: Interconectando a Arte Urbana e suas expressões	73
Figura 8: Captura da tela da transmissão #IC05: Interconectando a produção de conteúdo audiovisual	77
Quadro 6: Transcrição da apresentação dos convidados da transmissão #IC05 Interconectando as cenas da produção de conteúdo audiovisual	76
Figura 9: Captura de tela da tela da transmissão #IC06: Interconectando a música rap e suas expressões	80
Quadro 7: Transcrição da apresentação dos participantes da #IC06: Interconectando a música rap e suas expressões	79
Figura 10: Parque Ecológico de Indaiatuba	84

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
1. INTRODUÇÃO.....	20
<u>1.1 Sobre lugares, caminhos e porquês</u>	<u>20</u>
<u>1.2 Objetivos.....</u>	<u>23</u>
2. JUVENTUDE, JUVENTUDES	24
<u>2.1 Os estudos de juventudes no Brasil: um breve panorama</u>	<u>24</u>
<u>2.2 Me passa a senha do wi-fi? Juventudes e novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's).....</u>	<u>31</u>
3. METODOLOGIA: INTERCONECTANDO CAMINHOS E INTENCIONALIDADES.....	37
<u>3.1 Metodologias participativas de pesquisa</u>	<u>37</u>
<u>3.2 Conversas, andanças e saberes: uma sinergia surpreendente</u>	<u>42</u>
<u>3.3 Análise dos dados produzidos: planejando rotas</u>	<u>50</u>
4. SITUANDO O UNIVERSO DA PESQUISA: VOOS E POUSOS SOBRE INDAIATUBA	54
<u>4.1 Indaiatuba: a cidade enquanto construção em movimento.....</u>	<u>54</u>
<u>5.1 Do terminal vazio ao sarau lotado: as juventudes de Indaiatuba</u>	<u>60</u>
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	65
<u>5.1 Conhecendo os interlocutores do estudo</u>	<u>65</u>
5.1.1 “Andar de skate é a coisa mais importante da minha vida hoje”: Elas no Skate	65

5.1.2 “Se não fossem os saraus, eu seria vazio”: o coletivo Complexidade	67
5.1.3 “Tudo isso que eu ‘tô vestindo deu 7 reais!”: a produção de moda nas quebradas	70
5.1.4 “É tipo uma parada que eu gosto de chegar no muro e liberar o que eu ‘tô sentindo”: Arte Urbana.....	72
5.1.5 “Filmar pela vivência, para curtir o processo”: produção de audiovisual	74
5.1.6 “Ele passa a mensagem de quem antes não podia falar, e por isso ele transforma”: Rap e suas expressões	77
<u>5.2 “A gente foi falando disso, de como a cidade é pequena mas tem muitos lugares diferentes, complexos”: HABITAR</u>	80
5.2.1 Indaiatuba pelos jovens.....	82
5.2.2 Jardim Morada do Sol	85
5.2.3 Parque Ecológico	86
<u>5.3 “Esse afeto é tudo o que a gente tem na vida”: PERTENCER.....</u>	88
5.3.1 “Se você vai na pista e vê uma mina andando, você já se sente mais no seu lugar”: Acolhimento.....	90
5.3.2 “A gente tem que puxar um ao outro”: Multiplicação.....	95
<u>5.4 “A causa é muito mais importante que qualquer coisa”: CRIAR</u>	98
5.4.1 “Eu canto o que eu gostaria de viver”: o que falam	102
5.4.2 “Nóis no poder”: para quem falam	108
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	121
<u>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO HOSPEDADO NA PLATAFORMA GOOGLE FORMS.....</u>	137

APRESENTAÇÃO

Eu, jovem pesquisadora de juventudes: notas sobre um percurso pessoal

“A gente pesquisa aquilo que a gente é, que a gente foi ou que a gente gostaria de ter sido”. Essa afirmação, apontada pelo Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira em minha qualificação, atribuída por ele a uma professora que foi importante em sua trajetória acadêmica, parece-me bastante oportuna para iniciar a apresentação deste trabalho. A ideia de que há uma importante dimensão afetiva na escolha de um tema de pesquisa encontra diálogo com o que foi dito por Rodriguez (2007, p. 58), para quem “[...] fazer ciência humana significa responder a uma inquietação criativa”. Haveria então uma dimensão autobiográfica na produção de conhecimento, uma vez que o autor do texto científico é um sujeito que parte de sua visão de mundo, interpretando os dados produzidos com um intelecto que se formou a partir de suas experiências pessoais. Partindo da assunção de que “[...] por trás do texto científico há sempre um narrador posicionado” (p. 37), o autor reflete sobre a importância de assumir essa realidade por meio da escrita científica em primeira pessoa, explicitando a implicação do sujeito-cientista-narrador no conhecimento produzido. Assim, Rodríguez defende que não há interpretação de tese acadêmica sem a demarcação daquilo que nomeia como “elementos extra-textuais” (p. 70), entre os quais se inserem a biografia, a formação e as motivações do autor. Nesse sentido, justifico minha opção por escrever em primeira pessoa, demarcando que fui sujeito deste processo, e transformo em “textuais” os caminhos que me trouxeram até aqui.

Meus primeiros contatos com os estudos sobre juventudes deram-se quando, enquanto uma jovem assistente social, fui-me demandado que respondesse tecnicamente pela oferta de um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), denominado CRASJovem, ofertado aos jovens referenciados a um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Indaiatuba/ SP. Tipificado, orientado e cofinanciado pelo Governo Federal, o CRAS tem como princípio fundamental de sua atuação estabelecer uma estreita relação com o território, democratizando a gestão e o acesso aos serviços e benefícios da Política Nacional de Assistência Social e prevenindo situações de risco e vulnerabilidade social (BRASIL, 2009). Executado e ofertado pelo CRAS, o SCFV tinha como principal premissa a

atuação criativa e proativa junto a jovens em situação de vulnerabilidade social, articulando saberes e potencialidades comunitárias a atividades culturais, esportivas, de formação para o mundo do trabalho e de incentivo à participação social e política (BRASIL, 2013).

O trabalho com juventudes acabou se tornando uma das experiências mais alegres, potentes e prazerosas da minha vida. Presenciei nestes anos inúmeras primeiras vezes: primeiras experiências amorosas, primeiras idas a museus ou teatros, primeiras notas azuis, primeiras formaturas, primeiras matrículas na universidade, primeiros empregos. Junto aos jovens assistidos pelo serviço, tive vivências profundamente memoráveis, como instalar um cemitério em plena praça central da cidade, em protesto às mortes violentas de jovens no Brasil, ou lotar um sarau em frente à Unidade de Saúde do bairro, recebendo poetas, músicos e artistas de várias cidades da região. Ora, mais que algumas linhas no currículo, o trabalho social com jovens de camadas populares representou em minha história pessoal e profissional uma experiência, no sentido atribuído ao termo por Bondía (2002): que me passou, me aconteceu e me tocou, mobilizando afetos profundamente transformadores.

Embora envolvente e apaixonante, a experiência como trabalhadora de um serviço territorializado que reconhecia a convivência comunitária e o incentivo à participação social como finalidades principais era recorrentemente atravessada por algumas perguntas e angústias insistentes. Talvez a principal delas fosse a seguinte: “as formas de auto-organização, participação social e sociabilidade das juventudes urbanas de cidades pequenas e médias podem ser lidas com a mesma lente usada para entender aquelas das metrópoles”?

Minhas experiências de trabalho social e mobilização traziam sempre um grande estranhamento em relação às diferenças que percebia entre a realidade observada no meu entorno e os retratos acadêmicos e midiáticos de coletivizações e associativismos juvenis, normalmente descritos como parte dos cenários das grandes metrópoles. Embora algumas referências estéticas e de consumo fossem semelhantes, outras tantas me pareciam bastante diferentes. Era bastante difícil identificar circuitos de lazer e sociabilidades que agregassem mais de uma dúzia de jovens. As tentativas de construir eventos e ações comunitárias frequentemente confundiam minha capacidade de qualificar os conceitos de “cheio/vazio”. A circulação dos jovens pelos espaços da cidade também me trazia um forte estranhamento. Ainda

que atravessar a cidade de transporte coletivo, a pé ou de bicicleta fosse óbvio e possível, se comparado aos mesmos trajetos realizados em grandes cidades, as barreiras simbólicas de circulação por eles vivenciadas me pareciam inexplicáveis. O ápice deste estranhamento se deu quando, ao celebrar a realização de um sarau no bairro, uma jovem me abordou contente, afirmando que o evento tinha sido “tão legal que parecia com aqueles de São Paulo!”. Ora, o que seria então “um evento legal como os de Indaiatuba”? Por que as referências e métricas de participação e auto-organização das juventudes desta cidade não podiam, em si, ser significativas e importantes?

Logo notei que desconhecer as particularidades da vida cotidiana de jovens de cidades do interior por vezes me levava a equivocadamente assimilar os fenômenos das grandes cidades, perdendo de vista grandes potências e possibilidades das juventudes de fora dos contextos metropolitanos. Minha experiência como assistente social apontou que se jovens de camadas populares são expostos a um cenário de profunda incerteza acerca do futuro, precarização das relações de trabalho, desemprego e violência, as tensões provocadas pela estigmatização da pobreza podem ser especialmente cruéis fora dos grandes centros urbanos. Observei, trabalhando em uma cidade do interior, que o enraizamento de imaginários depreciativos que associam indiscriminadamente jovens de camadas populares à “vadiagem”, criminalidade e uso de drogas são pouco questionados nos espaços institucionais, repercutindo diretamente na construção identitária dos jovens que aqui residem.

São esses alguns dos desejos e inquietações que deram origem a este trabalho. A introdução situa o problema de pesquisa e os objetivos deste estudo. Adiante, traço um panorama das produções acadêmicas que vêm sendo realizadas nas últimas décadas acerca da temática juventude como reflexo das preocupações que afligem as sociedades em cada época, dando destaque, ao final, aos estudos dedicados a compreender a participação das juventudes em coletivos culturais. Esta apresentação localizará este trabalho em termos teórico-metodológicos, ao expor algumas abordagens teóricas sobre o tema.

Em seguida, apresento os caminhos percorridos nesta pesquisa. Aqui, me ocuparei de refletir brevemente sobre metodologias participativas de pesquisa e apresentar o processo que levou ao projeto “Interconexões” que, elaborado e executado por mim, pesquisadora, em parceria com um coletivo cultural que atua na

produção de audiovisual, levou à realização de *lives* interativas na plataforma Twitch que tiveram como convidados/as jovens lideranças de coletivos culturais de Indaiatuba e região. Este capítulo também se ocupa de descrever o processo metodológico da construção da análise dos dados produzidos.

Em vistas de situar o universo da pesquisa, o capítulo seguinte ocupa-se de apresentar a cidade de Indaiatuba, localizada na Região Metropolitana de Campinas. Para tanto, foram abordadas diferentes fontes: dados de institutos de pesquisa e órgãos públicos, dados secundários da produção acadêmica existente sobre o tema, e dados produzidos junto aos jovens no processo da construção da pesquisa, associados a análises pessoais, atendo-se à historicidade e à vida cotidiana das pessoas que aqui residem.

Em seguida, o trabalho parte para a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Em um primeiro momento, apresenta cada um dos interlocutores do estudo e descreve sua relação com seus segmentos de atuação. Logo após, o trabalho discute os dados produzidos no diálogo com os participantes, em relação com as categorias temáticas delineadas no processo de análise. Por fim, as considerações finais encerram este trabalho ao refletir sobre os caminhos percorridos. Longe da pretensão de oferecer respostas prontas, espero que este estudo contribua para o conhecimento da heterogeneidade das juventudes contemporâneas.

1. INTRODUÇÃO

“Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pessoinhas.”

(GALEANO, 2002, p. 13)

1.1 Sobre lugares, caminhos e porquês

Este trabalho emergiu a partir do interesse de voltar o olhar para as vivências das juventudes de cidades pequenas e médias, a partir do exemplo do município paulista de Indaiatuba, em vistas de desvelar, compreender e dar visibilidade àquilo que embora esteja abundantemente presente neste cenário, é recorrentemente desconhecido: a potência da juventude que reside em Indaiatuba e se expressa na criatividade insubordinada. Uma importante hipótese que motivou a realização deste estudo é a de que os jovens de Indaiatuba produzem e reproduzem formas de participação, de criação e de contestação que, apesar de diferentes daquelas cristalizadas no imaginário dos coletivos juvenis das metrópoles, representam importantes e potentes referências de transformação e protagonismo juvenil. Compará-las às práticas culturais das grandes cidades pode levar a subestimá-las, enevoando as possibilidades de produzir encontros que expandam as formas de ver, estar, se relacionar e (por que não?) transformar o mundo.

Este trabalho trata, portanto, das práticas culturais juvenis, direcionando nosso foco para seus espaços de expressão e criatividade, por vezes mais ou menos associados ao lazer e ao uso do tempo livre. Conforme percebi durante o percurso desta pesquisa, tais espaços, físicos ou simbólicos, não se restringem ao mero desenvolvimento de atividades culturais ou esportivas, mas também expressam movimentos de contestação e insurgência no que se refere a reivindicar soluções diferenciadas para suas próprias necessidades, amparadas em reflexões que buscam entender as relações sociais que as condicionam.

Focalizo como categoria central de interesse as sociabilidades dos grupos culturais por acreditar que esta expressa relações locais e permite uma leitura própria dos contextos territoriais e sociais no qual jovens se inserem. Entendemos que compor grupos culturais leva jovens a desenharem e vivenciarem seus circuitos, pedaços e trajetos (MAGNANI, 2005) de maneira diferenciada, compartilhando sentimentos de pertencimento e apropriando-se do território da cidade de maneira singular. Isso

significa que integrar coletivos produz maneiras peculiares de vivência do período de juventude, mobilizando afetos de pertencimento e contestação que repercutem em diversas dimensões de suas vidas.

Isto posto, cabe afirmar o que se entende por “coletivos ou grupos culturais juvenis” neste estudo. Tal denominação têm como fundamentação as produções teóricas que se deram em torno das formas de agrupamento de jovens e de seus coletivos no meio urbano nas últimas décadas. Desde o início dos anos 1990, construiu-se um certo consenso entre um conjunto de autores brasileiros: as formas de sociabilidades juvenis, denominadas como coletivos juvenis, grupos culturais ou ainda grupos de estilo são importantes ferramentas de análise para uma melhor compreensão das juventudes contemporâneas (ABRAMO, 1997; CARRANO, 2002; DAYRELL, 2005; MAGNANI E MANTESE, 2007; PAIS¹ E BLASS, 2004; SPOSITO, 1994). Enquanto os modelos clássicos dos estudos sobre grupos juvenis, ancorados na tradição do funcionalismo, compreendiam-os como expressão de desvio e anomia (PARSONS, 1968 apud GROPPPO, 2017), as produções mais recentes, com as quais dialogamos neste estudo, apreendem os grupos juvenis sob o “paradigma da mudança social, menos sob o prisma da desordem e mais pela capacidade de resistência, contestação, combate, enfrentamento à ordem” (ALMEIDA, 2009, p. 162). Ademais, como afirmou Sposito (2010):

Apropriando-se do tema dos múltiplos espaços de circulação dos jovens urbanos, esses estudos oferecem elementos importantes para a compreensão dos elementos de agregação da vida juvenil por meio dos grupos de estilo e das denominadas culturas juvenis, incluindo em suas análises os temas da diversidade étnica e de gênero em constante diálogo com as travas advindas das desigualdades sociais. (SPOSITO, 2010, p. 99)

Não uso o termo “coletivo ou grupo cultural juvenil” como sinônimo de “tribo urbana”, metáfora amplamente empregada em produções midiáticas e que traz consigo uma série de sentidos implícitos que atribuem aos grupos e coletivos o caráter de “exóticos” e “selvagens”, conforme alertou Magnani em 1992. Pelo contrário, os grupos culturais fazem parte do cenário contemporâneo: são oriundos da dimensão cultural e a partir dela organizam-se, articulam-se e expressam reivindicações, contestações, desejos, condições de vida e questões cotidianas. A diversidade de expressões é de tal forma relevante que, ainda no início dos anos 2000, ao apresentar

¹ Ainda que o sociólogo José Machado Pais seja natural de Portugal, sua produção acadêmica encontra bastante interlocução com a realidade das juventudes brasileiras.

hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais e juventudes, Sposito afirmou que é comum que os grupos culturais não se limitem às suas atividades de expressão artística, dedicando-se também aos trabalhos comunitários, “envolvendo-se em atividades nos locais de moradia em interlocução com segmentos organizados da sociedade civil” (2000, p. 80). A autora já apontava que estes coletivos demonstram ter uma natureza mais fluida do que as formas tradicionais de associativismo, nascendo a partir de atividades de lazer, entretenimento ou esporte, ocupando tanto locais de moradia quanto regiões centrais da cidade, “traduzindo importante marco de sociabilidade juvenil” (p. 81). Ainda, é importante destacar que, conforme detalharei adiante, consideramos a categoria juventude como uma condição social, não sendo circunscrita a critérios fixos de faixa etária.

Diante destas considerações, o entendimento de que os grupos envolvidos nesta pesquisa constituem coletivos culturais de jovens enfatiza que estes não se resumem a esferas homogêneas de sociabilidades, mas criam desdobramentos que repercutem em suas vidas profissionais, familiares, no conceito que constroem de si mesmos e em outros diferentes aspectos da vida dos jovens. Se a segmentação excessiva dos objetos de pesquisa pode empobrecer a reflexão sobre os jovens, uma vez que “dimensões essenciais que recobrem a vida desses segmentos situam-se na intersecção de agenciamentos diversificados” (SPOSITO, 2010, p. 100), as investigações que incidem sobre os coletivos juvenis em suas dimensões culturais “[...] requerem perspectivas transversais capazes de reconstituir as porosidades entre essas ações coletivas e outros tempos e espaços da vida dos jovens” (SPOSITO, 2010, p. 104).

Para a construção do problema desta pesquisa considerou-se como pressuposto que os grupos culturais juvenis constituem um indicador fundamental para a compreensão da juventude contemporânea, articulando-se tanto aos campos mais institucionalizados – políticas públicas, terceiro setor, iniciativa privada, organismos regionais e internacionais, movimentos sociais – quanto também à vida familiar, ao trabalho, aos projetos de futuro e demais dimensões da vida cotidiana (SIMÕES BORELLI E ABOBOREIRA, 2011). Os grupos culturais juvenis são um importante espaço de partilha, tendo o enorme potencial de ampliar repertórios e subjetividades, favorecendo o reconhecimento de individualidades e tornando-se uma referência e apoio para a afirmação pessoal de seus integrantes. No tecido de seus fazeres, convivências e vínculos, os grupos constroem a base para desenvolver

aprendizados e saberes “[...] com objetivos comuns e uma metodologia que valoriza o processo histórico, a situação de cada um dos participantes e o desenvolvimento pessoal e comunitário.” (BAQUERO e HAMMES, 2006, p. 28)

1.2 Objetivos

A presente pesquisa visou compreender e descrever as práticas de sociabilidades e as experiências culturais tecidas por jovens integrantes de grupos culturais de Indaiatuba – SP. Diante deste objetivo central, estabeleci os seguintes objetivos complementares:

- Identificar alguns dos coletivos culturais que possuem poder de articulação e de representatividade entre os jovens de bairros populares da cidade de Indaiatuba e os circuitos que constroem a partir de suas interações;
- Conhecer as trajetórias de alguns jovens na participação em coletivos culturais, identificando aspectos socioeconômicos, afetos, desejos e fazeres;
- Conhecer as narrativas juvenis acerca da relação entre suas formas de expressão cultural e sua constituição enquanto sujeitos políticos.

2. JUVENTUDE, JUVENTUDES

*“[...] Para além de uma invenção da sociedade de consumo e também mais do que um pit-stop onde nossa alma de criança tenta se fortalecer para entrar na corrida da vida adulta, precisamos falar sobre a juventude como a gasolina aditivada da experiência humana.”
(EMICIDA, 2020)*

2.1 Os estudos de juventudes no Brasil: um breve panorama

O período compreendido entre o final da década de 1980 e os dias atuais corresponde ao momento histórico em que o Brasil passou a ter a maior população de jovens desde que o primeiro Censo Demográfico Brasileiro foi realizado, em 1872 (PERONDI e VIEIRA, 2018). De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (UNFPA, 2014), 25% da população mundial é jovem, sendo que 85% destes vivem em países em desenvolvimento, como o Brasil.

Apesar da projeção de que o contingente populacional de jovens reduzirá continuamente sua participação relativa na população brasileira até a metade do século (NERI, 2019), os jovens brasileiros ainda são bastante numerosos em valores absolutos. Nosso país possui aproximadamente 51,3 milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos², representando um percentual de cerca de 25% da população (IBGE, 2020). Ora, tal fato corresponde ao provável principal fator que motivou a crescente posição de destaque que jovens ocuparam, ao longo das últimas duas décadas, em estudos acadêmicos, políticas governamentais e meios de comunicação; além de também ilustrarem vários assuntos cotidianos sobre escola, saúde, violência, sexualidade, música, moda, corpo, comportamentos culturais, dentre outros (PERONDI e VIEIRA, 2018).

Desde meados da década de 1990, os pesquisadores da área (PAIS, 1993; MARGULIS e URRESTI, 1996; FEIXA, 1998; CARRANO, 2003; SPOSITO, 2003; ABRAMOVAY e GARCIA, 2006) têm concordado em conceber a ampla heterogeneidade da juventude, lançando mão do plural juventudes em reação às abordagens mais tradicionais que entendiam os jovens como grupo social homogêneo. Dentro da realidade brasileira, destacamos que apesar das várias características comuns, a população jovem vivencia cotidianamente diferenças importantes, em que

² Este recorte etário é delimitado pela Lei nº 12.582/ 2013, que Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens e os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude.

o contexto socioeconômico e cultural em que se inserem proporciona diferentes realidades e experiências acerca do que é “ser jovem”. Isto significa que ainda que viver o período juvenil em um mesmo tempo histórico possa levar jovens de diferentes contextos sociais e culturais a partilharem linguagens, estilos, sentimentos, práticas e valores, o contexto socioeconômico e cultural em que se encontram proporciona importantes diferenças no modo como experimentam o que os identifica como jovens. Como já mencionava Carrano em 2003,

Os jovens na sociedade não constituem uma classe social, ou grupo homogêneo como muitas análises pretendem intuir. Os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes. As idealizações políticas que procuram unificar os sentidos da juventude tendem a ser ultrapassadas pelo contínuo movimento da realidade (p. 110)

Desta forma, falar sobre os jovens no Brasil é um desafio sempre atravessado pela intrínseca imprecisão conceitual da categoria juventude, uma vez que sua definição envolve uma série de situações e contextos com poucos elementos comuns entre si. Essa imprecisão não é um mero detalhe: seu reconhecimento constitui um ponto de partida de extrema relevância, pois “a própria indefinição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem como sujeitos são históricos e culturais” (SPOSITO, 2000, p. 7). A juventude consiste, deste modo, em construção social, que apresenta-se de diferentes formas em diferentes culturas – e mesmo no interior de cada cultura, apresentando diferenciações relevantes ao se relacionar com outros determinantes sociais.

Diante do cenário brasileiro de múltiplas desigualdades sociais, a primeira diferenciação que nos ocorre diz respeito às questões relacionadas à classe social e poder econômico. Cerca de um terço dos jovens brasileiros vivem em famílias com renda familiar per capita de até meio salário-mínimo, sendo que a cada dez desempregados no país, três são jovens (PNAD, 2015). Na realidade socioterritorial brasileira, os jovens moradores de grandes centros urbanos têm condições de acesso à infraestrutura de saúde, educação e cultura de forma bastante diferente daqueles que vivem em áreas rurais e/ou de menor concentração de recursos (CANGAS, 2003; WEISHEIMER, 2013).

Não obstante, no cenário das grandes cidades, os jovens que vivem nas periferias lidam com diversos obstáculos físicos e de circulação em seu acesso à cidade, além de também frequentemente lidarem com diversas nuances de estigma e

preconceito por morarem em locais comumente associados à violência, uma vez que as ações e a cobertura da segurança pública distribuem-se de forma “extremamente desigual nas diversas áreas geográficas, priorizando espaços segundo sua visibilidade política, seu impacto na opinião pública e, principalmente, na mídia, que reage de forma bem diferenciada de acordo com o status social das vítimas” (WASELFISZ, 2015, p. 104). As experiências de jovens residentes em regiões periféricas mostraram-se tão significativas que pesquisadores apontam que a periferia, para além de uma condição territorial, torna-se uma espécie de categoria social que congrega uma série de cruzamentos identitários assumidos em suas vivências (ALMEIDA, 2011).

Também há as desigualdades de gênero. As taxas de ocupação juvenil por sexo, por exemplo, são significativamente mais baixas para as mulheres jovens em todas as unidades territoriais, em comparação àquelas registradas para os homens (ABRAMOVAY e CASTRO, 2015). Ainda, em nosso país é frequente que mulheres tenham remuneração menor que homens no desempenho da mesma função, ocupem menos cargos de destaque em empresas e lidem com a expectativa de serem as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado da família (SOUZA-LOBO, 2011). Sob esta mesma perspectiva, a forma com que cada indivíduo vivencia o exercício de seus desejos afetivo-sexuais traz significativo impacto sobre suas vivências: a homossexualidade é o modelo dominante de exercício da afetividade, enquanto expressões sexuais não afinadas com a homossexualidade compulsória são estigmatizadas (HENNING, 2016).

Outro importante marcador a ser destacado é a diversidade étnica/racial. As juventudes indígenas são frequentemente invisibilizadas de dados oficiais, apesar da frequente violação de seus direitos (CIMI, 2022). Cerca de 80% das famílias que se encontram entre os 10% mais pobres do Brasil são negras ou pardas (IBGE, 2016), e a taxa de homicídios de negros é duas vezes e meia maior que a de não negros (CERQUEIRA et al, 2018). Ademais, as desigualdades socioterritoriais em relação à violência racial são atroztes no Brasil: doze dos dezesseis estados das regiões norte e nordeste têm altos índices de vulnerabilidade em relação à violência e desigualdade racial entre a população juvenil (BRASIL, 2017). Como já afirmaram Levi e Schmitt em 1996:

De um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de

fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX [...]. Tampouco se pode imaginar que a condição juvenil permaneça a mesma em sociedades caracterizadas por modelos demográficos totalmente diferentes. (p. 17)

As diferenças aqui apontadas são apenas algumas que se destacam e não representam todos os grupos. A juventude também é marcada por diferenças ideológicas, culturais, biológicas, sociais, políticas e religiosas que impactam diretamente suas vivências. Reconhecer que a juventude se constitui em categoria social plural implica assumir que aquilo que denominamos como juventude adquiriu sentidos diferentes ao longo da história, assumindo inúmeras possibilidades de símbolos, valores, expectativas e significados. Isso significa dizer que juventude não é um termo unívoco, sendo mais correto compreender que existem juventudes que expressam situações plurais, diversas e desiguais na vivência da condição juvenil. Mais do que uma simples convenção, a flexão plural do termo “juventudes” demonstra o cuidado que pesquisadores passaram a ter com as generalizações e a universalização que obscurecem a historicidade das vivências juvenis. Implica, ainda, no reconhecimento de que a juventude não consiste em fenômeno meramente demográfico, mas em categoria social complexa e que possui uma condição dinâmica e mutável ao longo do tempo, no fluxo das transformações da sociedade (GIL, 2004).

Contudo, é importante destacar que a pluralidade de circunstâncias de vida dos jovens nem sempre encontra correspondência nas representações que as sociedades elaboram sobre este tema. É comum que essas estejam ancoradas em ideias sobre o que seria o “jovem ideal” (GIL, 2011) e em estereótipos e narrativas estigmatizantes acerca daqueles que não se enquadram aos valores do senso moral dominante. Assim, ao considerar que a juventude constitui uma condição social e, ao mesmo tempo, um tipo de representação, é preciso também reconhecer que, quase sempre, o imaginário social acerca da juventude estigmatiza os jovens das camadas populares, reforçando alguns estereótipos, como aqueles que os associam indiscriminadamente à indolência e à transgressão.

Neste sentido, os marcadores que atravessam as identidades e experiências da população jovem têm constituído importante lente para a compreensão das condições de vida das juventudes brasileiras, uma vez que esta fase da vida representa, em muitas situações, seu confronto direto com múltiplas formas de exclusão e opressão. Jovens de camadas populares lidam cotidianamente com a falta de acesso a direitos sociais, com o estigma e o preconceito de estarem associados à

violência, desordem e a problemas sociais e a uma série de outras expressões das mazelas do capitalismo contemporâneo (SCISLEZKI et al, 2012). Tais (im)possibilidades sociais afetam diretamente o cenário em que se situam suas escolhas e oportunidades, afetando significativamente suas chances de mobilidade social e reverberando no conceito que constroem de si e em sua relação com o mundo. Conforme afirmou Gil (2011),

“[...] a juventude não é só um signo nem se reduz aos atributos “juvenis” de uma classe. As modalidades sociais de ser jovem dependem da idade, da geração, do crédito vital, da classe social, do marco institucional (das instituições) e do gênero. Há mais possibilidades de ser “juvenil” quando se é rico e homem.” (p. 31)

Tais observações não têm a intenção de assumir a vulnerabilidade social como condição particular da população jovem, como se os problemas comumente associados aos jovens fossem exclusivamente deles. Pelo contrário, entende-se que tais questões são expressão de um contexto social injusto e desigual, do qual todos e cada um de nós fazemos parte. Esta compreensão se faz importante, uma vez que além de impedir que se atente para a complexidade das determinações que produzem estas situações, enxergar o jovem unilateralmente como vítima ou como problema obscurece o entendimento de algo fundamental: suas possibilidades, capacidades e criatividade.

Felizmente, uma série de estudos têm assumido um compromisso ético-político na defesa da dignidade e dos direitos das juventudes por meio de investigações que se ocupam de conhecer quem são os jovens contemporâneos e a formação das culturas juvenis, empreendendo esforços no entendimento e na análise da condição e das situações juvenis sob diferentes perspectivas (PAIS, 1993, ABRAMO, 1997, FEIXA 1998). O campo de estudos e pesquisas sobre as juventudes coloca-nos frente à possibilidade de investigar sobre as múltiplas constituições dos jovens em vários contextos, como a cidade (OLIVEIRA, 2020), a política (BHOGOSSIAN e MINAYO, 2009), a religião (GOMES, 2010), as sociabilidades e o lazer (PERONDI, 2013), a presença ou ausência dos jovens no mercado de trabalho, na escola, na universidade (TREVISOL e NIEROTKA, 2015). Tais estudos têm sido essenciais “para que se alarguem os escopos analíticos para a conjunção de múltiplos elementos, os quais auxiliem no entendimento de quem são os jovens contemporâneos, quais são suas necessidades e por quais questões sociais mais latentes padecem” (OLIVEIRA, 2021, p. 359).

Isto posto, afirmamos que guardamos uma série de afinidades com a linha de estudos constituída por autores que vêm tentando compreender o jovem enquanto sujeito social, construindo uma noção de juventude na perspectiva da diversidade, livre de critérios etários rígidos e que considera a juventude como condição social que se desenha no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos em seu contexto histórico-social, isto é, extrapolando critérios de idade e/ou biológicos (ABRAMOVAY e CASTRO, 2015). Nesse sentido, não compreendem a juventude enquanto momento de preparação para a vida adulta ou mesmo enquanto etapa com fim determinado, mas como um “ciclo da vida” que tem características particulares. Ainda, advertem que a vivência da juventude, assim como qualquer outra etapa da vida, deve ser lida como produção de um processo histórico, que não exclui diferenças importantes entre os jovens que são contemporâneos em uma mesma sociedade, uma vez que compreende que jovens podem construir diferentes modos de serem jovens.

A noção de culturas juvenis, impulsionada por diferentes autores do campo das juventudes (FEIXA, 1998; PAIS, 1993), consiste em importante lente de interpretação da heterogeneidade cultural dos jovens. Assumir a construção juvenil da cultura implica na rejeição da ideia de que as instituições seriam as principais responsáveis pela socialização das novas gerações. Pelo contrário: falar em culturas juvenis significa reconhecer a centralidade das sociabilidades juvenis na vivência das juventudes e em sua circulação cultural e social. Nesse sentido, tais autores ocupam-se de compreender a formação, a composição e as intencionalidades de grupos ligados e produzidos pelas culturas juvenis, partindo da compreensão de que estas consistem em modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que por sua vez expressam valores, sentidos e afetos em diferentes perspectivas. Ao contrário das teorias tradicionais da juventude, que enxergavam as culturas juvenis na perspectiva do desvio e da anomia, essas referências compreendem sua manifestação como produtos próprios do jovem, que não limitam-se a mimetizar aspectos do mundo adulto e das instituições tradicionais, mas articulam estas últimas de acordo com parâmetros próprios. Conforme discute Perondi (2021), a compreensão de culturas juvenis traz consigo o compromisso de:

“[...] fazer ouvir as vozes dos segmentos juvenis marginalizados da investigação social as representações e práticas juvenis como metáforas da mudança social, rompendo com as interpretações lineares e “fazendo falar” o conjunto de elementos com os quais os

jovens interagem – desde diferentes âmbitos e localizando-se em múltiplas dimensões como classe, gênero, geração, etnia, território, espaço urbano-rural – e com os quais constroem novas formas e concepções de política, de relações sociais e afetivas, de cultura, etc....” (p. 237)

Nota-se que a bibliografia contemporânea sobre juventudes desde o início do século parece convergir no entendimento de que os espaços de sociabilidade são uma importante categoria de análise para uma melhor compreensão das juventudes. Sabendo que os grupos culturais consistem em espaços de expressão e legitimação de identidades (PAIS, 2011), entendemos que produzir dados sobre estes significa investigar expressões político-culturais juvenis e suas implicações estéticas, éticas e formativas. Para tanto, há de se imergir nos espaços físicos e simbólicos ocupados por jovens, entendendo-os como espaços de produção de cultura, arte e política.

Deste modo, cultura não é sinônimo de erudição, mas um lugar complexo de vida, conflito, interesses diversos, negociações materiais e simbólicas e trocas quase sempre assimétricas –, entre classes sociais, fragmentos de classes, segmentos populacionais e estilos de vida (LARANJEIRA, IRIARTE e LUEDY, 2018). Tais relações se estabelecem em todos os aspectos da vida cotidiana; e aí incluem-se “[...] atividades artísticas e intelectuais, produtos/produção culturais e suas formas e processos de produção e apropriação, de negociação e de luta pela constituição das hegemonias” (BORELLI e ABOBOREIRA, 2011, p. 170). Assim, a pesquisa aqui realizada parte desta compreensão de cultura com o objetivo de identificar os circuitos que os grupos culturais em Indaiatuba constroem a partir de suas interações.

“Circuito” é a mais abrangente das categorias designadas por Magnani (2005) para descrever as sociabilidades juvenis nas cidades e dialoga em complementaridade com o conceito de culturas juvenis. Além do espaço físico, também abrange territorialidades simbólicas no campo das sociabilidades juvenis, tais quais as trocas, os afetos e seus pontos de conflito e contestação. Para o autor, estudar coletivos culturais de jovens empregando a noção de “circuitos de jovens” necessariamente se desdobra na articulação entre as referências comportamentais dos sujeitos e o seu uso e apropriação do espaço, levando em consideração elementos sociais, espaciais e subjetivos. Nestes circuitos, a cultura apresenta-se como um elemento fundamental de produção e agregação de sentidos, além de demarcar identidades e fronteiras simbólicas. Tendo em vista que aqui falamos de jovens de camadas populares, residentes em territórios marginalizados, empreender uma investigação desta natureza implica em empenhar esforços na tentativa de

compreender as dinâmicas de apropriações, ressignificações e resistências culturais juvenis contemporâneas. Conforme afirmou José Machado Pais sobre grupos juvenis,

Frequentemente, a identidade dos grupos é afirmada através de um estilo, isto é, de um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais ou imateriais de afirmação simbólica. É o que se passa com as culturas juvenis. Não quer isto dizer que os jovens sejam cabides ambulantes de estilos e visuais, mas, de alguma forma, estes modelam as suas sociabilidades. [...] os estilos juvenis poderiam ser interpretados como uma reacção dos jovens à situação de subalternidade em que vivem. À falta de protagonismo no mercado de trabalho, sucede-se a sua afirmação no mercado de consumo. À perda de capitais sociais tradicionais respondem os jovens com investimentos em capitais sociabilísticos. À falta de identidades profissionais, os jovens aderem a identidades fabricadas em torno das mais diversificadas imagens e estilos. (PAIS, 2011, p. 30)

Essas formas de coletivização e auto-organização juvenil, fluidas e em movimento, ampliam o repertório de escolhas e possibilidades dos jovens em seu movimento de estar no mundo. Constituem narrativas que expressam um profundo mal-estar relacionado às incertezas e riscos de sua condição de jovem e periférico, mas “também nos dizem das potencialidades da experiência do viver e agir coletivamente na busca por alternativas criativas para a existência” (CARRANO, s.d., p.1). Embora pareçam por vezes sem sentido para os “de fora”, estes gestos, símbolos e formas lúdicas de sociabilidade dão liga à experiência comunitária de “ser jovem” nesse nosso tempo histórico.

2.2 Me passa a senha do wi-fi? Juventudes e novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's)

“Sim, sim, por mais machucado e fodido que a gente possa estar, sempre é possível encontrar contemporâneos em qualquer lugar do tempo e compatriotas em qualquer lugar do mundo. E sempre que isso acontece, e enquanto isso dura, a gente tem a sorte de sentir que é algo na infinita solidão do universo: alguma coisa a mais que uma ridícula partícula de pó, alguma coisa além de um momentinho fugaz.”

(GALEANO, 2002, p. 123)

Ainda em 2011, Sousa descreveu a tecnologia “[...] como uma objetivação das relações sociais que comanda e fecunda qualquer sociedade, não sendo esta autônoma e apartada daqueles que a geram, isto é, do próprio homem, da sociedade” (p. 172). Não há dúvidas de que entre as várias novas tecnologias, a Internet, por fundir diversas facetas tecnológicas até então separadas, como a escrita, a imagem, o

som, dentre outras, sobressai-se expressivamente. A Internet é o mais completo meio de comunicação criado pela tecnologia e tem reconfigurado as culturas e suscitado novas estruturas de sociabilidade contemporânea (SOUSA, 2011).

A compreensão de que a Internet é um importante catalisador de transformações culturais e de mudanças estruturais nas formas de sociabilidade é compartilhada por autores de renome no campo do estudo das juventudes. No início dos anos 2000, Feixa publicou o artigo intitulado “Generación @. La juventud en la era digital” (FEIXA, 2000). O termo “Geração @” e sua concepção se tornaram bastante populares, identificando-se como os principais traços da geração do novo século. No texto, o autor aponta que a geração jovem da virada do século foi profundamente afetada pela junção entre a mídia e a informática, associada à popularização das redes comunicacionais: essa amálgama transformou não só a vida cotidiana dos indivíduos, mas também a percepção dos jovens em relação ao mundo, a si mesmos e ao outro. Posteriormente, Feixa atualizou a discussão, cunhando os termos “Geração #”, definida como a “geração da web social” (FEIXA, FERNÁNDEZ-PLANELLIS e FIGUERAS-MAZ, 2016) e “Geração Blockchain” (FEIXA e WEISSBÖCK, 2019). Todos estes três termos fazem referência a signos relacionados ao uso da tecnologia, e a transição entre essas diferentes gerações está relacionada às transformações na conectividade, viabilizadas pelo advento da Internet móvel e das redes sociais virtuais, que se desdobram em um grande conjunto de novos elementos analíticos.

Se a relação entre as juventudes e as redes sociais na Internet já era relevante, a pandemia acelerou e intensificou sua ocupação (CONJUVE, 2020, 2021). Essas redes, como afirma Sousa (2011), têm se multiplicado em diversidade e relevância de forma exponencial na contemporaneidade, sendo responsáveis por conectar pessoas e difundir informações e interesses. O advento das redes virtuais potencializou inúmeras transformações nas relações sociais, uma vez que, por meio delas, comunidades e laços afetivos globais podem se formar, compartilhando vivências, ideias, percepções e sentimentos com facilidade e rapidez.

Desde o início do século, o uso de NTIC's pela população mais jovem tem sido encarado como um complexo desafio para diferentes áreas do conhecimento, em especial a educação, sendo tema de reflexões teóricas por parte de diversos autores (MOREIRA E KRAMER, 2007; SELWYN, 2017). Ao apresentar pesquisa sobre os impactos das redes virtuais na sociedade, Castells, ainda em 2003, discorre sobre os

conflitos e visões negativas que se teve nos primeiros momentos de difusão exponencial da Internet, no final da década de 1990. Ele menciona que participou de uma comissão de especialistas na Europa cuja incumbência era "ver como se poderiam atenuar os efeitos devastadores que a Internet poderia produzir na sociedade, na política e na cultura" (CASTELLS, 2003, p. 257). Neste período havia uma "mitologia de destruição" que cercava a rede mundial de computadores e, segundo ele, a sociabilidade via Internet era "o tema mais carregado ideologicamente" (p. 272).

Contudo, cabe afirmar que aqui, ao discutirmos a relação entre jovens e NTIC's, compartilhamos da perspectiva de Lévy (2008), que entende o virtual não como o oposto de real, mas como o sinônimo de atual. A tendência do virtual é manter-se em constante processo de atualização, sem depender de marcos concretos ou formais. Desta forma, inversamente ao possível, ao estático e ao já constituído, o virtual remete à potência que "acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer e que chama um processo de resolução: a atualização" (LÉVY, 2008, p. 16).

Compartilhando desse entendimento, Martín-Barbero (2008) ressaltou que o crescimento e a popularização das NTIC's têm modificado potencialmente diversas esferas da sociedade, tornando a relação com a tecnologia "[...] uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido - redes e interfaces - da construção de subjetividades". Para o autor, que refletiu sobre o papel dos meios e da tecnologia na teoria das mediações, as novas tecnologias vêm revelando nuances de sociabilidades e comportamentos que outrora estavam ocultas, ao mesmo tempo em que também os transformam, tornando-os mais complexos. Tais transformações, catalisadas por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais, refletem mais intensamente nas experiências cotidianas dos jovens, dada a sua empatia com a cultura tecnológica (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 187).

Na literatura, uma série de pesquisas contestam o viés demonizador de algumas discussões sobre as relações virtuais, apontando que estas são potentes no aumento da participação cívica e engajamento em causas políticas e sociais pelos jovens usuários de ambientes virtuais na Internet (KATZ, RICE e ASPDEN, 2001; ABDEL-MONEIM, 2002 e MARQUES, 2006). Outras pesquisas apresentam a possibilidade de relacionamentos virtuais consistentes, solidários, intensos e profundos, bem como a formação de laços de amizade entre os membros de grupos

virtuais (NICOLACI-DA-COSTA, 2005; PREECE e GHOZATI, 2001 e MCKENNA e GREEN, 2002). Castells (2003, p. 109) também defende essa perspectiva ao mencionar que “as redes on-line, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou eficazes na criação de laços e na mobilização”. Destarte, de acordo com essa perspectiva, os relacionamentos virtuais não tendem a substituir os reais, mas a complementá-los.

Na perspectiva de Lévy (2004), a Internet abre um novo espaço para a liberdade de expressão, porque todos podem publicar, editar e colher informações - mesmo que não tenham nenhum poder econômico. Ainda que o acesso a ela seja assimétrico e desigual entre diferentes classes sociais, a Internet constitui-se enquanto importante ferramenta de democratização ao criar possibilidades para os jovens mostrarem seus trabalhos artísticos, suas ideias, democratizar o acesso à informação e potencializar a convivência e a sociabilidade a despeito das distâncias geográficas. Inclusive, perguntado por Oliveira et al acerca das principais demandas da juventude atual, o antropólogo espanhol Carles Feixa aponta a democratização do acesso a Internet e às redes sociais como uma das três demandas universais da juventude contemporânea. Para o autor, “[...] o capitalismo tardio gerou muitas desigualdades no acesso às redes e hoje poderíamos dizer que [...] no século XXI, o alfabetismo digital seria um dos desafios a ser superado” (OLIVEIRA et al, 2017, p. 314).

Reconhecer todas essas potencialidades, contudo, não significa negar seu lado sombrio, como alerta Pasquale (2017). É fato que todas essas conquistas são atravessadas pelos interesses econômicos de corporações bilionárias, que ao mesmo tempo que fortalecem vozes frequentemente silenciadas, também protegem “*trolls*, extremistas e atores mal-intencionados que silenciam outros discursos pela intimidação” (p. 17). O autor ainda aponta o efeito desestabilizador que os algoritmos das grandes corporações da Internet – como o Google e o Facebook – têm exercido sob a agenda pública e sobre a democracia mundial, ao não regularem a proliferação de discursos de ódio e de notícias falsas. Reconhecer as contradições implicadas nos efeitos sociopolíticos do uso da Internet e das redes sociais explicita o fato de que a Internet tem sido um “trampolim para o acesso à visibilidade, ao poder e ao seu exercício, democrático ou não” (SOUSA, 2011, 188).

Falando de coletivos culturais, é certo afirmar que as NTIC's têm notórias implicações em sua formação, atuação e manutenção, por meio da criação de novas linguagens, sociabilidades e interesses. Como bem lembram Oliveira e Hermont (2014), a participação juvenil contemporânea é bastante diversa e abarca várias dimensões cotidianas, que vão desde os coletivos fluidos e agrupamentos formados nos circuitos até a militância em movimentos sociais ou partidos políticos diversos. As autoras, em consenso com outras referências importantes no campo das juventudes (BOGHOSSIAN e MINAYO, 2009; ALMEIDA, 2009; OLIVEIRA et. al., 2017 e 2018) apontam o “ciberespaço como importante territorialidade juvenil do mundo contemporâneo.” (OLIVEIRA, 2020, p. 132)

Contudo, cabe ressaltar que a emergência da Internet enquanto espaço de sociabilidade não se dá separada das reestruturações produtivas, econômicas e culturais que se deram a partir do final do século XX, conforme enunciou Setton em 2011. A sociabilidade juvenil tecida na territorialidade das NTIC's não pode ser apartada do entendimento de que estas representam um produto capitalístico relacionado à formação e mercantilização das culturas de massa (p.76). Assim, além de representarem novos elementos para a reflexão sobre circuitos juvenis, as NTIC's representam também uma forte relação simbiótica entre a socialização e o consumo de bens culturais disponibilizados por um mercado de cultura. Ao mesmo tempo que possibilitam a construção de identidades mais reflexivas, que ampliam o repertório de possibilidades e saberes e que advogam autonomia e liberdade, as novas mídias e tecnologias também trazem consigo novas formas de controle, novas hierarquias e relações de poder.

Nesse sentido, a autora parece concordar com Pasquale (2017), que alerta para a submissão do pluralismo e das funções democráticas do discurso aos interesses mercadológicos, mediados por algoritmos voltados à maximização dos lucros de megaempresas digitais. Atendendo a agendas que nem sempre são democráticas, a “automatização da esfera pública” denunciada por Pasquale constitui uma importante força política e subjetiva que tece uma complexa relação entre liberdade, poder, consumo e autonomia.

As NTIC's constituem, desta forma, uma importante expressão da “estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais” (HARVEY, 2018, p. 161) e são importantes responsáveis pelo enfraquecimento das referências e autoridades consideradas

tradicionais na difusão e transmissão de valores societários, tais quais a família, a escola e o Estado. Por este motivo, a emergência das culturas de massa e a popularização das NTIC's estabelecem um importante ponto de partida para a compreensão da constituição identitária das juventudes contemporâneas (BONILLA, 2012; NICOLACI DA COSTA, 2002, 2005; SETTON, 2009, 2011; SOUSA, 2011), consistindo em um dos fatores obrigatórios a ser investigado em vista da melhor compreensão de suas sociabilidades. Pais, em entrevista concedida a Oliveira et al (2018), cita o uso das NTIC'S como um dos principais temas que devem ocupar a agenda dos jovens pesquisadores de juventudes. O autor concorda com o arcabouço argumentativo construído até aqui e afirma que as redes sociais têm um papel determinante na mobilização dos jovens, possibilitando que “[...] eles interconectem-se, teçam tramas de cumplicidade, envolvam-se em novas formas de comunicação de suporte à participação cívica e política: websites, facebook, blogs, fóruns, protestos online, etc” (p. 311).

A efemeridade das modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias, ideologias, valores e práticas estabelecidos desenha-se como uma das principais características da modernidade e afeta diretamente o cotidiano dos jovens, inclusive seu comportamento em meio virtual. Se outrora o correio eletrônico, o ICQ, as Salas de Bate-Papo, o MSN, os blogs, o Orkut ou o Facebook eram as redes sociais mais populares, hoje, várias delas se tornaram obsoletas e caíram no ostracismo, chegando, em alguns casos, a serem extintas por completo. Um pesquisador que se proponha a desenvolver investigações em meio virtual deve estar atento às tendências, ferramentas e *habitus* das diferentes redes sociais. Destarte, estabelecer contatos, ambientes e plataformas virtuais como lócus de pesquisa, neste trabalho, não se dá como uma mera substituição dos contatos presenciais, mas sim como a aceitação consciente deste desafio.

3. METODOLOGIA: INTERCONECTANDO CAMINHOS E INTENCIONALIDADES

*“[...] Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
 Que nem deviam tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir”
 (EMICIDA, 2019)*

3.1 Metodologias participativas de pesquisa

Há mais de três décadas, o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes disse que “[...] não há neutralidade possível: o intelectual deve optar entre o compromisso com os exploradores ou com os explorados” (1986, p. 25). Hoje, é predominante nas Ciências Humanas o entendimento de que toda intenção de pesquisa traz em si as escolhas ideopolíticas do sujeito pesquisador. Quando se define o que pesquisar, para que pesquisar e como pesquisar, está se fazendo escolhas que carregam em si intencionalidades políticas e ideológicas, mesmo que em última instância. Não perder tal questão de vista é imprescindível para não ser seduzido pela fantasia de uma suposta ‘neutralidade científica’, que ignora a função social do conhecimento produzido e o resultado social das investigações dos pesquisadores. Ora, as minhas escolhas ideopolíticas não foram acidentais e nem tampouco inconscientes. A consciência do condicionamento histórico e social do conhecimento científico foi componente ineliminável de meu processo de pesquisa, desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação.

A primeira reflexão acerca dos caminhos que poderiam ser trilhados para respondermos às inquietações que deram origem ao meu processo de pesquisa no mestrado é a de que o presente estudo se trata de uma pesquisa qualitativa. As abordagens qualitativas de pesquisa cumprem um papel importante nas Ciências Humanas. Elas iluminam o universo de significados, motivações, representações,

crenças, valores e emoções, permitindo elucidar atitudes, comportamentos e práticas sociais – dimensões do real que necessitam de uma perspectiva qualitativa para serem compreendidas. A contribuição da pesquisa qualitativa, de acordo com Chizzotti (2003), abrange uma diversidade de tendências, advogando métodos os mais variados, como entrevista, observação participante, história de vida, testemunho, análise do discurso, estudo de caso, entre outros.

Todos, no entanto, partilham o pressuposto básico de que os fenômenos humanos (um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia frente a um problema, um procedimento de tomada de decisão, preferências, visões do mundo etc.), determinados por uma multicausalidade e pouco passíveis, por essência, de serem medidos, distinguem-se por um alto grau de complexidade interna, e sua investigação requer características específicas, próprias aos “fatos humanos”. O estudo desses fatos, segundo Mucchielli (1991, p. 3), “escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousa essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência intuitiva e generalizante, de outra parte.” Neste sentido, tenho consciência de que é profundamente improvável que, enquanto pesquisadora, eu tenha uma mente passiva e seja uma mera fotógrafa dos fenômenos. Antes, sei que sou uma agente que exerce influência, com minhas preferências e inclinações, sendo incapaz de apagá-las frente a esses fatos humanos. Os procedimentos metodológicos de que esta pesquisa se serviu para alcançar os objetivos propostos assentam-se sobre esse fundamento das disposições gerais da abordagem qualitativa.

Tendo a perspectiva qualitativa como ponto de partida, afirmo que os caminhos metodológicos de um trabalho acadêmico comprometido com as juventudes de camadas populares na perspectiva dos direitos humanos jamais podem se limitar a uma mera sequência de ações. Pesquisas recentes realizadas junto a este público (destacamos Souza, 2009) apontam as frustrações dos jovens com o universo acadêmico, sobretudo, por serem tratados como “objetos” e terem pouco ou nenhum retorno do conhecimento produzido sobre eles. Diante da preocupação de não produzir “[...] mais um TCC para enfeitar biblioteca de escola de playboy” (SOUZA, 2009, p. 23), afirmo minha escolha ético-política por uma metodologia de pesquisa que considere a produção compartilhada de conhecimento como princípio inegociável de todo o processo de investigação.

Ao ser entrevistado por Oliveira et al (2017), Feixa afirma que a maioria dos pesquisadores de juventudes iniciam sua trajetória enquanto ainda são jovens, atribuindo “[...] um quê de autobiografia ou autoetnografia às primeiras fases de pesquisa juvenil” (p. 324). Como já é sabido pelos leitores deste trabalho, trabalhar e estudar junto às juventudes mobilizou múltiplos e relevantes afetos em minha trajetória. Longe de entender tais afetos como fatores que enevoam minha capacidade analítica, concordo com o autor quando este diz que jovens pesquisadores de juventudes devem

[...] transformar sua paixão e seu ativismo militante ou seu “hobbie” em uma forma de pesquisa mais profissional, mais séria, mas que ao mesmo tempo não percam nunca esta capacidade de emocionarem-se e de comprometerem-se com este tema de pesquisa. Que não deixe nunca de ser um tema neutro, pois poderiam estudar as juventudes ou qualquer outro tema, mas que lhes mova sempre um vínculo pessoal e emocional de interesse, de vinculação direta que, no fundo, é o secreto elixir da eterna juventude, a capacidade de renovar os pensamentos através da criatividade, das informações e das renovações que vem do mundo juvenil. (p. 325)

As *experiências* que me levaram a ter convicção de que os jovens, com seu poder criativo e realizador de propostas diferenciadas, são quem melhor compreendem suas próprias necessidades são componente ineliminável de minhas escolhas metodológicas. Desde o início de minha trajetória no mestrado, antes de amadurecer meus saberes teórico-metodológicos, já flertava com as abordagens participativas de pesquisa. No campo dos estudos sobre juventudes, a opção por uma metodologia participativa implica em produzir pesquisas com jovens, e não sobre eles. Embora a constituição sintática de ambas as premissas tenha apenas uma preposição de diferença, o sentido ético-político desta transição sempre me foi muito caro. Para Castro e Besset, pesquisar com juventudes determina de modo irretatável as intencionalidades da investigação, implicando diretamente em “[...] uma reflexão sobre a posição do investigador, sua relação assimétrica – em todos os sentidos – em relação aos pesquisados, e sobre os efeitos de tal assimetria no fazer da pesquisa” (2006, p. 11).

A apresentação dos percursos metodológicos adotados, contudo, não pode deixar de mencionar que durante o processo de levantamento bibliográfico, da escolha de disciplinas e dos demais caminhos que envolvem a elaboração de um problema de pesquisa na pós-graduação, somou-se um grande, importante e já amplamente conhecido desafio: o distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19 e todos os desdobramentos psicossociais de tal calamidade.

A despeito das angústias do período, considerei que a necessidade de mudança apontada pela realidade não era uma derrota: embora muito desafiadora e recheada de inúmeras frustrações e limitações, a adaptação da pesquisa para a conjuntura da pandemia trouxe a reformulação de perguntas e trajetórias metodológicas que enriqueceram as possibilidades analíticas do estudo (LACERDA e RAMALHO, 2020). Paiva (2020), quando perguntada “Como fazer pesquisa com/sobre/para as juventudes no contexto da pandemia da Covid-19?” apontou que o momento atual reforçava a necessidade de “juvenilização das práticas tradicionais de pesquisa”, lançando mão da criatividade para a construção de metodologias de pesquisa que fossem mais participativas, menos adultocêntricas e “mais amigáveis e atrativas para o público juvenil, efetivando o compromisso ético-político com uma pesquisa com/sobre/para as juventudes” e apresentando estratégias para corrigir a assimetria entre pesquisador e pesquisados (CASTRO e BESSET, 2006, p. 11). Incitada por este desafio, inobstante a necessidade de isolamento social, realizei aqui uma investigação inspirada nas abordagens de pesquisa-intervenção, que se deu principalmente em espaços virtuais.

Rocha e Aguiar (2003, p. 66) afirmam que a pesquisa-intervenção “consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo um caráter socioanalítico”. Dito de outra forma, “pesquisa-intervenção” refere-se a uma atividade que “põe em movimento, no mesmo ato, conhecimento, intervenção e autoria” (MARASCHIN, 2004, p. 99). A articulação destes três elementos pode permitir o exercício criativo e de apropriação de um modo de investigar que é construído durante o processo da própria pesquisa.

Embora a literatura estrangeira não se preocupe tanto em descrever as diferentes abordagens de pesquisa participativa quanto com diferenciar as participativas das não participativas (RIZZINI, CASTRO e SARTOR, 1999), no Brasil as diferentes referências que envolvem o conceito de participação apresentam grande polêmica. Segundo Oliveira e Oliveira (1985), para desenvolver uma metodologia participativa é necessária uma mudança na postura do pesquisador e dos pesquisados, uma vez que todos são coautores do processo de diagnóstico da situação-problema e da construção de vias que possam resolver as questões. Os autores apresentam os pressupostos das pesquisas participativas sem uma distinção entre as diferentes abordagens de trabalho em campo, definidas como estratégias de

pesquisa que têm como proposta a participação dos grupos sociais na busca de soluções para as problemáticas vividas, envolvendo um processo de compreensão e mudança da realidade. Pesquisas participativas são processos contínuos que acontecem “[...] no curso da vida cotidiana, transformando os sujeitos e demandando desdobramentos de práticas e relações entre os participantes” (SCISLESKI e GALEANO, 2018, p. 22). O fundamental nas pesquisas participativas é que o conhecimento produzido esteja permanentemente disponível para todos e possa servir de instrumento para ampliar a qualidade de vida da população.

Mais que uma série de técnicas, a pesquisa participativa se constitui em uma metodologia com pressupostos gerais de pesquisa, podendo envolver diferentes procedimentos. A pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico (ROCHA e AGUIAR, 2003). O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sociopolítica, já que propõe uma intervenção na experiência social (ROCHA e AGUIAR, 2003, p. 67).

Para Maraschin (2004), embora todo pesquisar seja uma intervenção, uma vez que cria sujeitos, objetos e conhecimentos, a pesquisa-intervenção, ao mesmo tempo, pergunta e incide “sobre os modos de viver, de existir, de sentir, de pensar próprios de nossa ou de outras comunidades de sujeitos” (p. 105). A autora segue dizendo que a investigação da pesquisa-intervenção produz, ao mesmo tempo, tanto no pesquisador quanto nos sujeitos da pesquisa, possibilidades de autoprodução, uma vez que os “objetos de pesquisa” também são observadores ativos, produzem outros sentidos ao se encontrarem com o pesquisador, participam de redes de conversações que podem ser transformadas a partir de novas conexões, novos encontros.” (p. 106).

Após esta breve apresentação sobre a pesquisa-intervenção no campo das pesquisas participativas, espero ter deixado claro que a opção por me inspirar nesta forma de abordagem metodológica se deu a partir de princípios ético-políticos que me são muito caros. A escuta, que neste caso não se resume ao uso da audição, mas se deve a um olhar atento e respeitoso que considera os sujeitos envolvidos como parceiros e não como objetos de estudo, foi transversal em todo o caminho percorrido até aqui. Concordo com Lahire (2002, p. 41) quando este afirma que “[...] as palavras não estão à espera de que um pesquisador venha coletá-las”. Como é peculiar ao

sujeito humano, este é dotado de valores, emoções, sonhos e experiências. Inspirado nas abordagens metodológicas da pesquisa-intervenção, o presente trabalho partiu de levantamento bibliográfico sobre juventudes, tecnologias e sobre a cidade de Indaiatuba para propor uma intervenção participativa realizada junto a alguns jovens integrantes de coletivos culturais, mediada pela plataforma Twitch, conforme descrito a seguir.

3.2 Conversas, andanças e saberes: uma sinergia surpreendente

“E se o processo criativo da sua pesquisa fosse conteúdo para o meu canal da Twitch?”. Kleber Zanzotti, ex-operário do setor de logística de uma multinacional da cidade que decidiu abandonar o emprego para seguir seu sonho de ter uma produtora de audiovisual, me mandou esta pergunta em um áudio pelo Whatsapp em meados de junho de 2020. Kleber é diretor da Sinérgica Filmes (@sinergicafilmes no Instagram e @tvsinergica na Twitch), que tem como propósito dar visibilidade a discussões sobre diversidade, cultura popular e direitos humanos. Embora este tenha sido um empreendimento próprio, o trabalho da produtora está longe de ser solitário ou de ter como único objetivo a rentabilidade. Importante articulador cultural da juventude local, marido e pai, Kleber já trabalhou como oficinairo cultural, articulou diversas produções audiovisuais sobre as cenas culturais de jovens em Indaiatuba e região e, além de tudo isso, também é um skatista bastante experiente.

Eu estava lamentando a impossibilidade de frequentar pessoalmente os saraus, a pista de skate, o Festival de Rock e uma série de outras aglomerações que considerava que ofereceriam material analítico para a minha pesquisa. Juntos, eu e Kleber já havíamos disputado alguns editais, produzido um curta-metragem e trocado muitas ideias e percepções sobre as cenas juvenis de Indaiatuba. Ele havia encerrado uma temporada bastante próspera de um programa semanal de entrevistas na Twitch, denominado “Conversa Sinérgica”, e me procurou para propor que eu também produzisse conteúdo para a plataforma.

Comprada pela Amazon por US\$970 milhões (R\$3,7 bilhões em conversão direta) em 2014, a Twitch foi criada em 2006, a princípio com o objetivo de transmitir ao vivo partidas de jogos on-line, tornando-se um grande sucesso entre o público *gamer* (PASE et al, 2020). O interesse econômico de grandes empresas multinacionais na plataforma é uma prova de que Setton (2011) estava correta ao afirmar que, além de representarem uma instituição de forte caráter socializador, as redes sociais e as NTIC's são importantes produtos do mercado cultural e de

entretenimento. A Twitch mobiliza mais de 100 milhões de espectadores e 1,7 milhão de streamers mensais, que geram o quarto maior tráfego de Internet dos Estados Unidos (NEEDLEMAN, 2015 apud PAZ e MONTARDO, 2018).

De um lado, fica o *streamer*, que transmite suas partidas de jogos através do computador ou de videogames com acesso à Internet, do outro, espectadores que formam uma comunidade e podem interagir pelo chat. Há alguma semelhança entre Twitch e YouTube, porém o segundo tem seu foco em vídeos pré-gravados, enquanto a Twitch embasa sua atividade em transmissões ao vivo. Apesar de popular entre os gamers, atualmente a Twitch também é plataforma para outras inúmeras formas de produção de conteúdo de entretenimento, que vão de palestras ou entrevistas interativas, como o proposto pela TV Sinérgica, até *coworkings* virtuais, onde o *streamer* transmite sua própria imagem trabalhando ou estudando e propõe que os espectadores o acompanhem em um momento de foco e produtividade. Destacamos também a produção de conteúdo sobre fatos e acontecimentos contemporâneos, como a iniciativa recente do *streamer* Luide Matos (@luide no Instagram, Twitter e Twitch): o influenciador propôs, por várias horas diárias, transmitir a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a omissão do governo federal no enfrentamento à pandemia da COVID-19, com comentários bem-humorados e uma sonoplastia bastante satírica, diante de milhares de espectadores. Tal iniciativa foi congratulada pelo Partido dos Trabalhadores por meio de um post na rede social Twitter, que afirmava que “[...] trazer a juventude para a política é vital para a manutenção da nossa democracia!” (@ptbrasil, 4 de maio de 2020).

A proposta de produzir conteúdo de entretenimento para a plataforma ao mesmo tempo em que produzia dados para minha pesquisa acadêmica a princípio me pareceu ousada, descabida, inviável. Propus pensar no assunto, mas já tinha uma forte predisposição a declinar o convite. Além de achar a ideia de fazer uma pesquisa em forma de *livestreaming* bastante heterodoxa, também nunca fui muito amiga das câmeras... Contudo, algumas experiências vividas nos meses seguintes aguçaram minha percepção e atenuaram minhas barreiras: esta poderia ser uma ótima ideia.

Apesar de me parecerem uma proposta nova e ousada, as pesquisas no ciberespaço se desenvolveram muito no Brasil desde o início dos anos 2000 (DORNELLES, 2008), ganhando crescente destaque dentro das Ciências Sociais. O reconhecimento do uso da Internet como instrumento de pesquisa não é recente e nem uma “derrota” imposta pelas restrições de contato social. Pelo contrário, ainda no

início do século XXI, Guimarães Júnior (2000) já defendia a utilização da Internet não apenas como meio de comunicação, mas como "um espaço de sociabilidade no qual se desenvolvem culturas relativamente autônomas" (p. 141). Nesse sentido, o autor acredita que "mais do que um meio de comunicação, elas oferecem suporte a um espaço simbólico que abriga um leque muito vasto de atividades de caráter societário, e que é palco das práticas e representações dos diferentes grupos que o habitam" (p. 142).

Ora, partindo do já afirmado reconhecimento do ciberespaço como importante território de convivências juvenis, com o aval de minha orientadora e com o firme desejo de construir um espaço virtual acolhedor, dialógico, participativo e que representasse e visibilizasse os coletivos culturais juvenis de Indaiatuba - SP, aceitei em novembro de 2020 o convite feito por Kleber alguns meses antes. Após uma série de reuniões de pauta, visitas técnicas, chuvas de ideias, pesquisas e alinhamento de agendas, nasceu o programa Interconexões, que teve sua estreia na plataforma de *streaming* Twitch em 20 de fevereiro de 2021.

Figura 1: Publicação do vídeo de apresentação do programa Interconexões.



Fonte: Instagram³.

A divulgação do programa foi veiculada nas redes sociais da Sinérgica Filmes e compartilhada diversas vezes por seguidores e apoiadores. Esta se deu, em um

³ Captura de tela. Disponível em

<https://www.instagram.com/p/CLcE86NH375/?igshid=ZjA0Njl3M2I=> Acesso em 10 mai 2021.

primeiro momento, pela publicação de um vídeo em que eu me apresentava como assistente social e pesquisadora de juventudes na FFLCH - USP, convidando os/as jovens de Indaiatuba a produzirem “[...] as interconexões que formam esta pesquisa junto com a gente, tomando seu café da manhã de sábado, a partir das nove horas da manhã, enquanto assiste as lives que a gente vai promover no canal da Sinérgica Filmes na Twitch.”

As reuniões de planejamento do programa que tive com Kleber envolveram orientações técnicas sobre *streaming* e a avaliação dos dispositivos eletrônicos de que dispunha para realizar a transmissão de minha própria casa, de forma remota e condizente com as orientações de distanciamento social. Também envolveram definições e possibilidades acerca do conteúdo do programa. Definimos que faríamos uma temporada de seis transmissões, durante as manhãs de sábado, com o máximo de duas horas de duração. Estas definições se deram em razão da experiência de *streamer* de Kleber acerca dos horários em que havia a possibilidade de atrairmos mais espectadores. Começamos a transmissão do primeiro episódio às nove horas da manhã, mas, a pedido da audiência que escreveu no *chat* da plataforma que considerava este horário “cedo demais para um sábado (sic)”, decidimos postergar o início das próximas edições, começando a transmissão às dez horas.

A escolha de realizar seis transmissões não foi aleatória: entendemos que esta quantidade de programas seria a mínima suficiente para abranger a diversidade de expressões culturais das juventudes periféricas de Indaiatuba. Em sua experiência de quase doze anos como articulador cultural entre jovens de camadas populares na cidade, Kleber conhecia pessoas que representavam lideranças juvenis em movimentos culturais diversos e que poderiam ser importantes informantes para o processo de pesquisa. Contudo, embora tivéssemos algumas ideias em mente, não estabelecemos um cronograma a priori, uma vez que a proposta era que os espectadores/as, a qualquer momento, apresentassem sugestões de convidados ou convidadas para o programa. Todavia, tínhamos em mente alguns sujeitos, individuais e coletivos, que pela sua relevância social, cultural e comunitária, indubitavelmente deveriam estar entre os convidados entrevistados.

Em vistas de garantir alguma uniformidade nos dados produzidos, uma vez que o conteúdo destes seria analisado por meio do método de análise de conteúdo, sistematizado por Bardin (1977) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do

conteúdo das mensagens; estabelecemos um roteiro semiestruturado que seria o mesmo em todas as edições do programa. A despeito da particularidade das expressões culturais abordadas e do perfil e da história de vida dos convidados, todas as nossas edições contaram com quatro “quadros temáticos” fixos:

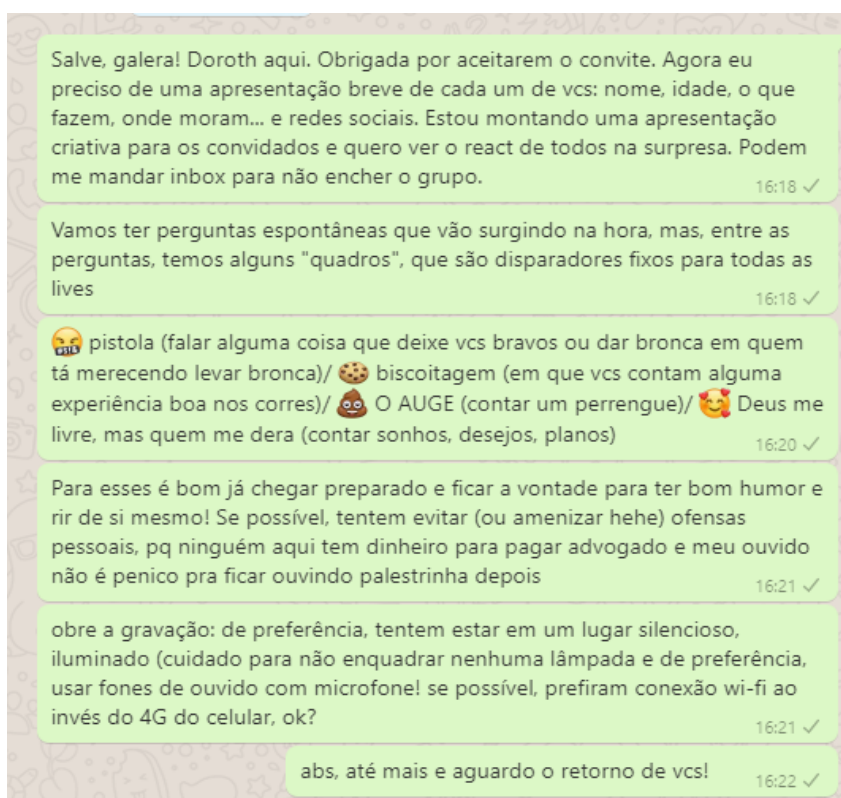
1. O AUGE: os convidados deveriam narrar alguma história desafiadora, em que se sentiram constrangidos, em risco ou frustrados;
2. BISCOITAGEM: em referência à gíria “biscoito/ biscoitar”, cujo sentido é “pedir elogios, gabar-se de suas qualidades”. O quadro era um convite para que narrassem uma ocasião ou uma característica de suas trajetórias que considerassem positivas, elogiáveis e de que se orgulhassem;
3. PISTOLA: em referência à gíria “pistola/pistolagem/pistolar”, que significa esbravejar, enfurecer-se ou “dar broncas”, os convidados deveriam descrever um comportamento, um episódio ou alguma outra situação que lhes provocasse revolta e indignação. Quando este quadro era apresentado aos convidados, eu sugeria que fossem cuidadosos ao citar nomes de pessoas ou instituições específicas;
4. “DEUS ME LIVRE, MAS QUEM ME DERA”: neste quadro, os interlocutores seriam convidados a compartilharem desejos, sonhos e planos para o futuro.

Estes quadros serviriam para dar uma pitada de humor ao conteúdo produzido, além de também disparar afetos, narrativas, desejos, memórias e outras questões relevantes para a minha análise. Estes eram enviados aos convidados com antecedência, em vistas de oferecer tempo para que elaborassem suas memórias, qualificando o conteúdo produzido. Além disso, combinamos que eu prepararia uma apresentação bem-humorada dos convidados, baseada na leitura de suas produções culturais e na análise de suas redes sociais, que estes conheceriam somente ao vivo. A “apresentação surpresa” tinha a intenção de funcionar como uma forma de aliviar a tensão dos convidados, levando-os a sentirem-se acolhidos e valorizados, percebendo que eu havia empenhado esforços para conhecer sua história e suas produções. Também combinamos que cada edição teria outras perguntas disparadoras que dependeriam do tema e da expressão cultural abordada. Ainda, estabelecemos que durante toda a transmissão, eu faria convites para que a audiência participasse com comentários, sugestões e perguntas aos convidados no *chat* da

plataforma, que seriam lidos por mim em tempo real, de forma a proporcionar que mais que mera espectadora, a audiência fosse protagonista do processo.

A partir destes combinados, estabelecemos que o programa aconteceria por seis semanas consecutivas, entre 20 de fevereiro e 27 de março de 2021. Cada episódio priorizava uma forma de expressão cultural e tinha, além de mim, de dois a seis participantes. Estes eram convidados pelas redes sociais, junto à apresentação da proposta do programa e de um breve roteiro, em que constavam os quadros temáticos e algumas orientações técnicas sobre a transmissão ao vivo. Os convites eram feitos, em geral, com uma semana de antecedência, ao passo que a divulgação nas redes sociais era lançada cerca de dois dias antes da transmissão. Tanto nas publicações de divulgação quanto durante as transmissões, compartilhamos as redes sociais dos convidados e imagens ou outras formas de mídia que estes considerassem representativas de sua trajetória.

Figura 2: Captura de tela das mensagens de orientação e roteiro enviadas em um dos grupos de convidados pelo aplicativo de mensagens Whatsapp



Fonte: Captura de tela. Arquivo pessoal da autora, 2021.

Na primeira edição, optamos por fazer uma “reunião de pauta” com alguns dias de antecedência, mas entendemos que este procedimento não era essencial e suprimimos este encontro das edições seguintes. Em atenção à privacidade dos

sujeitos, o convite era feito individualmente por meio das redes sociais, especialmente Instagram e Whatsapp, e apenas após o aceite dos convidados, montávamos um grupo virtual de mensagens com todos os participantes, conforme as orientações da Carta Circular nº1/2021-CONEP/SECNS/MS. O grupo tinha a finalidade de apresentar os convidados que porventura ainda não se conheciam, alinhar detalhes e enviar orientações gerais sobre o conteúdo do programa e direcionamentos de natureza técnica, em vistas de manter padrões aceitáveis de qualidade na captação de áudio e imagem. Entendendo que o processo de captação de convidados, o contato anterior às transmissões, a repercussão delas e os afetos mobilizados em mim, pesquisadora, constituíam importantes dados analíticos, fiz uso de diários de campo como instrumento de registro durante todo o processo de construção da intervenção.

Embora a participação como informante de uma pesquisa de mestrado compusesse o eixo central do programa e do convite, coletamos de todos os participantes, antes de cada transmissão, o seu consentimento para o uso das informações prestadas para fins acadêmicos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado com atenção ao disposto na Resolução nº 510/2016 do CONEP/MS e aprovado pelo parecer 5.357.540 do Comitê de Ética em Pesquisa da FFLCH-USP, foi hospedado no Google Forms, dada a natureza virtual de nosso contato, e continha um campo em que os participantes assinalavam se autorizavam que seus nomes reais e redes sociais fossem divulgados no material final da pesquisa, ou se preferiam o uso de pseudônimos. É importante deixar claro que todos os participantes autorizaram a divulgação de seus nomes reais, artísticos e de suas redes sociais.

Foi uma opção metodológica importante a de não optar imediatamente pelo uso de pseudônimos: entendo que este é um cuidado ético importante para proteger, quando há, a fragilidade dos informantes. Contudo, neste processo de pesquisa, o caráter público da participação estava dado a priori, uma vez que a participação nas transmissões foi pública. Inclusive, vários deles se mostraram bastante animados com a possibilidade de “estarem na biblioteca da USP” (Nats Pereira, *Elas no Skate*). O quadro a seguir apresenta as datas, temáticas e convidados das transmissões:

Quadro 1: Datas, temas e convidados(as) do programa Interconexões

Data	Foco do Programa	Convidados
20/02/21	Interconectando o coletivo “Elas no Skate”	Talita Alves e Nats Pereira
27/02/21	Interconectando o coletivo Complexidade	Vini Alceu e Bruno Peron – Opoeta 7C
06/03/21	Interconectando a produção de moda nas quebradas	Tais Fonte, Ana Beatriz, Big Laddy, PH e Jaqueline Rocha
13/03/21	Interconectando as cenas de grafite e arte urbana	Estranho, Carol e Mazzi 5E
20/03/21	Interconectando a produção de audiovisual	Juliana Videla, Cadu, Kleber Zanzotti, Mel e Vinicius Durock
27/03/21	Interconectando a música rap e suas expressões	Cottta/C3, Jessi, Vica e BruninhoGonzaga

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Participaram das edições o total de vinte e um convidados, sendo dez do sexo feminino e onze do sexo masculino, de idade entre dezoito e trinta e três anos. O único critério inegociável é que estes deveriam, de alguma forma, compor a cena cultural da juventude de Indaiatuba, ainda que residissem em cidades vizinhas. Os temas acima foram delineados em interlocução com o Kleber, de acordo com as referências que nós dois possuíamos: ele, como articulador cultural, skatista e cineasta e eu, frequentadora das cenas culturais da cidade. Objetivamos abranger a diversidade das expressões presentes no território periférico da cidade e os convidados eram definidos com cerca de uma ou duas semanas de antecedência, acolhendo as sugestões do público.

Alguns dos convites foram feitos diretamente a sujeitos que conhecíamos a partir de nossas referências, outros partiram de indicações de jovens espectadores do programa ou mesmo dos próprios participantes. No chat da plataforma ou por meio de mensagens em nossas redes sociais, recebíamos sugestões de temas e de convidados e buscamos acolhê-las sempre que possível. Quando efetivávamos o convite a um determinado participante ou coletivo, também solicitávamos que este indicasse ao menos algum outro participante, dentro ou fora do seu segmento de atuação. Desta forma, ainda que partíssemos de nossas referências, também evitamos que o repertório de interlocutores do estudo fosse restrito a elas. Buscamos

priorizar nas participações a diversidade racial, de gênero, local de moradia e ramo de atuação. A temporada de programas teve dezenas de espectadores virtuais em tempo real e centenas de visualizações posteriores no canal da plataforma, onde os vídeos ficaram integralmente disponíveis por setenta e duas horas após o encerramento da transmissão. Abaixo, consta captura de tela de uma das imagens de divulgação veiculada nas redes sociais virtuais.

Figura 3: Publicação da divulgação de uma das edições no Instagram



Fonte: Instagram⁴ (2021)

3.3 Análise dos dados produzidos: planejando rotas

Após a finalização da temporada de transmissões, dediquei-me a trilhar os caminhos propostos por Bardin (1977) para a análise dos dados produzidos. O primeiro passo empreendido foi a “organização propriamente dita do material construído, denominada pré-análise” (FRANCO, 2005, p. 47). Esta fase consiste na organização do material a partir da leitura flutuante e da seleção do material a ser analisado. Tem o o objetivo de conhecer as mensagens contidas no material produzido, “permitindo-se invadir por impressões, representações, conhecimentos e

⁴ Captura de tela. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CLuI9mJFOnn/?igshid=ZjA0NjI3M2I=> Acesso em 10 mai 2021.

expectativas” (FRANCO, 2005, p. 48). Os vídeos das transmissões foram integralmente transcritos e seus registros orais, corporais e escritos foram revisitados inúmeras vezes. A leitura foi se tornando mais precisa à medida que avançava, “em razão das hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas com materiais análogos” (BARDIN, 1977, p. 96).

Em seguida, dediquei-me à exploração do material, que consiste especialmente na realização de “operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p. 101). Nessa fase, dediquei-me a construir as categorias que delineariam o tratamento e a interpretação dos dados produzidos. Campos (2004) define categorias como:

“[...] grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e que possam através de sua análise, exprimirem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos.” (p. 614)

Franco (2005) afirma que “a construção das categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo” (p. 57). Estas podem ser definidas a priori ou não: no primeiro caso, são predeterminadas em função da busca a uma resposta específica do pesquisador. No segundo, podem emergir da fala, do discurso, do conteúdo das respostas, implicando em constante ida e volta do material de análise à teoria. As categorias nesta pesquisa foram elaboradas após o contato com os interlocutores entrevistados, a partir da exploração do material construído, constituindo-se, assim, em categorias não apriorísticas.

A relação dos jovens com a cidade era uma importante questão a ser analisada. Prevedello et al (2018) afirmam que essa relação consiste em “importante eixo de análise na medida em que a cidade se apresenta como o principal cenário das territorialidades juvenis” (p. 12). A cidade é, ao mesmo tempo, “cenário e partícipe” (OLIVEIRA, 2020, p. 78) das experiências cotidianas dos jovens, que produzem estruturas particulares de significados que transformam espaços físicos em espaços sociais, como afirmaram Dayrell e Carrano (2014).

Nesse sentido, a forma com que os jovens habitam a cidade de Indaiatuba constitui importante lente de análise para este estudo. Aqui, uso o termo “habitar” aludindo à noção heideggeriana que amplia a concepção tradicional de que a habitação se limita a morar dentro de uma casa. Em sua famosa palestra *Bauen*,

Wohnen, Denken (1951), Heidegger afirma que habitar é o nosso modo de viver, em paz, sob abrigo e cuidado. Mansur Garda (2017) relaciona esse conceito à vida na cidade afirmando que habitá-la é viver o espaço de forma livre e criativa, de forma que “favorece espaços de convivência sob a experiência do cuidado, proteção, enraizamento e encontro entre os habitantes” (p. 15, tradução minha). Assim, interessa-nos saber como os jovens produzem seus espaços sociais a partir dos espaços físicos na cidade, bem como as impressões e afetos que sustentam nesse processo.

É no espaço da cidade que os jovens constroem suas narrativas de pertencimento. A relação com os pares, a camaradagem e a amizade e o sentimento de acolhimento dentro de certo universo simbólico apareceram como um elemento central a todos os grupos entrevistados. Pais (2005) afirma que “os sentimentos de pertencimento e as subjetividades que se investem nas relações de sociabilidade” (p. 56) constituem importante aspecto para a compreensão dos movimentos de expressão cultural juvenil. Para o autor, “a filiação grupal gera sentimentos de pertença, os seus marcos conviviais são garante de afirmações identitárias. Por isso, nestes grupos, encontramos manifestações de resistência a à adversidade, mas também vínculos de sociabilidade e de integração social.” (2011, p. 281).

Outro importante denominador comum que unia todos os jovens apresentados é a relação que mantinham com suas ações criativas. Criatividade, aqui, é posta como mais do que apenas um predicado individual relacionado ao exercício das artes, mas como competência e necessidade inerentemente humana, elaborada no seu contexto cultural, a partir do enunciado por Ostroyer em 1997. Campos e Sarrouy (2020) apontam que esta dimensão coletiva da criatividade vem sendo compreendida de como central na forma com que a juventude tem sido analisada por parte das Ciências Sociais e manifesta-se em diferentes esferas da vida coletiva. Os autores afirmam que esta compreensão de criatividade está

“[...] basicamente associada à ideia de mudança, mas também à improvisação e resolução de problemas, funcionando numa interface entre a dimensão racional e emocional. Pode, por isso, ser entendida como provocadora, nomeadamente para visões mais conservadoras, porque cria tensão face ao que já estava instituído, ao que garante a estabilidade.” (p. 27)

Esta “tensão face ao que já está instituído” apareceu como força de importante mobilização afetiva e material para os entrevistados. Os grupos entrevistados apresentavam um forte sentimento contestador em relação aos valores e costumes

instituídos, ao Estado em suas diferentes instâncias e a uma série de outras representações e instituições tidas como tradicionais. Para Oliveira (2020), “rebeldia, inquietação e inconformidade formam parte das culturas juvenis” (p. 65). Para os jovens, criar é uma forma de expressar essa inconformidade.

Assim, em vistas de construir categorias capazes de oferecer “resultados férteis em índices de referências, em hipóteses novas e em dados relevantes para o aprofundamento de teorias e para a orientação de uma prática crítica, construtiva e transformadora” (FRANCO, 2005, p. 66), elegi **Pertencer**, **Habitar** e **Criar** como as categorias temáticas que direcionaram a análise da presente pesquisa.

4. SITUANDO O UNIVERSO DA PESQUISA: VOOS E POUSOS SOBRE INDAIATUBA

4.1 Indaiatuba: a cidade enquanto construção em movimento

“Na infância, ouvi uma frase que, pelos anos permaneceu em minha mente, levando-me sempre a observações contrastantes: ‘Indaiatuba não virá a ser uma grande cidade, pois está localizada perto de grandes centros, como Campinas e São Paulo. Nasci aqui e observei, através dos anos, o desenrolar dos acontecimentos: das ruas de terra cobertas por pedrinhas, para as ruas feitas de ‘macacos’, depois o asfalto. [...] Tenho o maior respeito por aqueles que descrevem as transformações da cidade de forma histórica [...], por não guardarem para si as lembranças e as tornarem vivas, quando colocadas em livros e jornais, para que outras gerações tomem conhecimento de uma cidade pequena do interior, que venceu o prognóstico de não tornar-se grande. [...] Indaiatuba... Que virá a ser? Hoje, com certeza a resposta é: uma grande cidade com um futuro maior ainda.”

(DOI, 2006, p. 50)

Às sete horas da manhã do primeiro dia útil do ano de 2016 eu vivenciava uma experiência quase inédita ao longo dos meus então vinte e um anos de idade e de uso frequente de transportes coletivos: estava em um terminal rodoviário vazio. Um passageiro de transportes coletivos com alguma experiência sabe muito bem que o conceito de “transporte ou terminal vazio” é profundamente circunstancial. Dizer que o Terminal Sapopemba ou a Estação da Luz, em São Paulo, estão “vazios”, por exemplo, provavelmente quer dizer que: 1. estão inoperantes, fora do expediente de funcionamento ou 2. circular por eles é possível de forma fluida, sem esbarrões e nem pisar no pé de ninguém. Para fins descritivos e acadêmicos, devo deixar clara a percepção de que o Terminal Central de Indaiatuba, localizado à Praça Dom Pedro II, popularmente conhecida como “Praça das Pernambucanas”, em referência à loja de departamentos, estava vazio em um significado semelhante ao dicionarizado: sem ocupantes ou frequentadores. A despeito de ser a primeira semana do ano, encontrar um terminal central vazio me parecia curioso — e mesmo um tanto lúgubre.

Estava naquele terminal — e por terminal, também devo deixar claro que falo aqui de uma marquise e de alguns bancos de praça em uma avenida de mão-única, e não de uma estrutura arquitetônica elaborada, cheia de catracas e sinalizações — apenas algumas semanas após a minha colação de grau na graduação, a caminho do meu primeiro dia de trabalho como assistente social em um Centro de Referência

de Assistência Social - CRAS⁵ da Prefeitura Municipal de Indaiatuba. Minha atuação profissional a partir dali se daria integralmente nos CRAS da cidade, operando serviços, programas e projetos da Proteção Social Básica⁶ da Política de Assistência Social para a população dos territórios atendidos.

Naquele terminal, eu entendi uma clara aplicação da reprodução ampliada das práticas de diferencialidade de bairros de camadas populares no que se refere à acumulação de capital fundiário e à exploração da mão-de-obra da classe trabalhadora, conforme afirmou Côrrea em 1986. Ele ficaria lotado uma hora depois, quando os trabalhadores e trabalhadoras do comércio e dos serviços descessem dos ônibus lotados que circulavam naquele horário pelos setores populares da cidade, a caminho do centro. As classes dominantes ocupam territórios estrategicamente localizados, denominados “centrais”, ao passo que às classes populares resta residir em localidades “[...] sujeitas às enchentes, aos mosquitos, [...] às horas desperdiçadas no transporte, à autoconstrução e ao sobre-trabalho, ao desemprego, aos biscates, a ganhar um salário-mínimo” (p. 74). Ora, ali, na primeira vez em que fazia o trajeto até o meu local de trabalho, percebi algo importante acerca dos territórios em que se dariam minhas experiências profissionais: eram bairros que lotavam os ônibus com destino à área central no início da manhã e que, ao final do expediente, recebiam dezenas de ônibus lotados de trabalhadores e trabalhadoras que retornavam às suas casas. Isto significa que eram bairros habitados por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras que fazem e refazem suas experiências de vida na cidade por meio da venda de sua força de trabalho e na lógica de desigualdade social, percebida nas condições de vida oferecidas e articuladas diretamente em espaços segmentados “entre populações e lugares, entre um pedaço e outro da cidade, entre o lugar e a totalidade da cidade, entre a situação do lugar e as políticas que se direcionam à manutenção ou à transformação das condições de vida” (KOGA, 2003, p. 55).

⁵ Cabe definir o que o CRAS representa no cenário das políticas sociais. É por meio desta unidade pública estatal que a política de Assistência Social chega mais perto das famílias de territórios vulnerabilizados, ofertando, por meio de ações grupais, comunitárias ou individuais, serviços e benefícios socioassistenciais que têm a intenção de prevenir ou minimizar situações de risco e violência (BRASIL, 2009).

⁶ “A Proteção Social Básica tem como objetivos prevenir situações de risco por meio do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização de vínculos afetivos – relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras).” BRASIL, 2004, P. 35

Não me ocuparei de descrever o processo de urbanização de Indaiatuba, posto que os trabalhos de Araújo (2019), Ribeiro (2019) e Alves (2019) já o fizeram sob diferentes perspectivas. A cidade de Indaiatuba já foi tema central e tangencial de uma série de trabalhos acadêmicos: o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES aponta 38 dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado entre 1990 e os dias atuais. Filtrando os resultados para a grande área das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, totalizam-se 22 dissertações e 9 teses, a maioria consistindo em estudos de caso nas áreas da Educação, Geografia e Administração. Destaco, contudo, como grande referência para meus esforços de atribuir historicidade ao panorama social e demográfico da cidade a tese de doutorado de Walter Assis Alves (2019), apresentada à Universidade Federal de Uberlândia sob o título “SÓ NOSSA LUTA MESMO! SOCIEDADE E REIVINDICAÇÕES NO BAIRRO MORADA DO SOL E INDAIATUBA-SP, 1980-2010”. O autor propõe pensar parte da realidade indaiatubana a partir de uma perspectiva que inverte o olhar habitual lançado pelos grupos tidos por tradicionais moradores, elegendo os bairros de camadas populares como lente de interpretação da cidade, escutando, de forma completa e sinestésica, as experiências e práticas dos cidadãos comuns, trabalhadores de fábricas, comerciantes, estudantes e senhoras donas de casa,

[...] que ora se colocam em movimento e assumem protagonismo na construção política e econômica dos espaços, recusando a ocultação de suas memórias frente às histórias selecionadas nos círculos elitistas e institucionalizados, visto que a cidade é um sistema que adquire sentido de acordo com a posição assumida por cada agente em relação aos demais, ocorrendo daí a responsabilidade em perceber em seus ocupantes a complexa variação na interpretação e uso do lugar. (ALVES, 2019, p.5)

O povoamento de Indaiatuba remete às políticas de incentivo do governo português à produção de açúcar na província de São Paulo, na segunda metade do século XVIII. A princípio, o povoado de Indaiatuba era um bairro rural da Vila de Itu, localizado estrategicamente de forma a cruzar as passagens das tropas para as vilas mineradoras de Mato Grosso e Goiás e para o Sul do país. O então arraial aparece como Indaiatuba já nos registros do censo de 1768. Com uma pequena população que vivia, sobretudo, de suas roças de milho e feijão, esse arraial também é chamado de Cocaes, por causa dos seus campos de palmeiras Indaiá (ALVES, 2019). Em torno dessas fazendas de açúcar foram se fixando, desde o final do século XVIII, pessoas

que viviam do comércio e da fabricação artesanal de produtos para os habitantes próximos.

O núcleo urbano de Indaiatuba formou-se em torno do Largo da Igreja, como era costume. Inclusive, a história política de Indaiatuba inicia-se com a construção de sua capela curada, através da doação de alguns imóveis (INDAIATUBA, s.d.). A construção da igreja possibilitou ao pequeno bairro ser o centro civil local, uma vez que, a partir daí, o povoado passou a ter autonomia para a realização de batizados, casamentos e sepultamentos. A cidade passou a gozar de autonomia política e jurídica em relação a Itu por meio de decreto imperial datado de 1830, passando a ter sua própria câmara de vereadores. O projeto urbano da cidade inicia-se no século XIX, com um traçado quadriculado, conforme a tradição racionalista já implantada nas cidades portuguesas e em algumas Vilas brasileiras desde o século XVIII. A partir daí, Indaiatuba passou pelos processos de modernização que marcaram o Estado de São Paulo nos séculos XVIII e XIX: a Estrada de Ferro Ituana marcou profundamente a vida cotidiana da cidade, ligando-a à capital e “[...] possibilitando a ida e vinda cotidiana de pessoas e de mercadorias, o telégrafo, a chegada diária do correio... Por ela chegaram os imigrantes, e por ela saíram as batatas, a madeira” (INDAIATUBA, s.d.).

A história oficial do município, veiculada em seu próprio site e em documentos históricos investigados por Alves (2019), aponta um amplo desejo de modernização e uma notável intensificação da disputa por poder político e econômico em Indaiatuba a partir de finais de 1970. O poder público da época mostrou-se ávido pelas vantagens e oportunidades produzidas a partir da ampliação demográfica local, reveladas na expansão sistemática das políticas habitacionais geradas com o redimensionamento e aceleração econômica da cidade e reverberando em grandes ondas de migração até o início dos anos 1980. Contudo, um entendimento atribuído de historicidade e criticidade em relação à história do município deve estar alerta para não ser seduzido pelo canto da sereia que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama em sua palestra na conferência TEDx de “O Perigo da História Única”:

Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos

britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (ADICHIE, 2009)

É claro que a história hegemônica sobre o processo de modernização de Indaiatuba não é a única. Alves (2019) articula sua investigação historiográfica acerca do processo de urbanização do município em torno da hipótese de que as versões oficiais da história passaram por um processo de “apropriação e manipulação do passado”, que se dá pelo registro e pela difusão de “vias tematicamente selecionadas [...] como propósito reiterar o atributo de herdeiros dos valores considerados tradicionais” (p. 19). Isto posto, apesar de observações pejorativas sobre os bairros de camadas populares da cidade serem corriqueiras para quem vive e circula por aqui, Alves observa que a história oficial pouco se ocupa de

[...] revelar os contornos territoriais demarcados e corporificados em zonas habitacionais distintas: de um lado a zona sul, região recentemente ocupada em grande parte por famílias de operários, conduzidas à Indaiatuba em busca de emprego e do desejo de conquistar moradia própria, de outro a zona norte, formada por bairros mais antigos e áreas de habitação nobre. [...] Porém, ao eleger certos panoramas do passado, o painel permite avaliar a forma como a história da cidade vem sendo convencionalmente contada, os temas selecionados inclinam a uma amarração teatral dos fatos e impõe certo hiato acerca da história da cidade, exibindo debilitada capacidade em urdir os processos históricos que definem o perfil de cidade notadamente levantada por migrantes, por exemplo. (p. 213)

Desta forma, considero importante demarcar, ainda que brevemente, que os bairros populares de Indaiatuba foram invisibilizados nos registros oficiais da história da cidade e que, historicamente, a lente usada para retratar seus moradores era “[...] turva, preconceituosa, homogeneizante e, porque não, racista e classista” (ALVES, 2019, p. 115). Cabe citar um trecho de um texto de um jovem escritor em comemoração ao vigésimo aniversário de um grande bairro popular da cidade, o Jardim Morada do Sol:

Na década de 1980 com 55.454 habitantes, de acordo com o IBGE, era Indaiatuba somente mais uma pacata cidade do interior de São Paulo, que como as demais cidades do estado, já apontava um crescimento urbano considerado, tendo em vista as correntes migratórias de outros estados, que se deslocavam para São Paulo e região de Campinas atraídas pela instalação de grandes indústrias metalúrgicas [...] Morada do Sol é hoje um bairro com cerca de 40 mil habitantes, portanto em vinte anos esse bairro cresceu ‘monstruosamente’ e foi um fator decisivo para o crescimento de Indaiatuba. E não cresceu somente em número de habitantes, mas adquiriu uma estrutura, que com certeza é de fazer inveja para centenas de cidades brasileiras. [...] Para muitos indaiatubanos, nós (moradores deste bairro) não passamos de forasteiros, sem nomes

tradicionais, discriminação a parte, somos todos brasileiros com direitos iguais. E as pessoas que por terem nomes tradicionais e serem donos da cidade, aí vai um recado: Indaiatuba já não é aquela cidade de meia dúzia de famílias, embora a política ainda seja dominada pelos antigos aristocratas. (RIBEIRO, 2000, s/n)

Isto posto, cabe registrar que Indaiatuba é um município que compõe a microrregião de Campinas, cuja população estimada é de 250.000 habitantes (IBGE, 2020). Cerca de um terço de sua área territorial é de ocupação rural (INDAIATUBA, 2013), ao passo que ao longo dos anos, grande parte desta vem sendo ocupada pela extensão urbana. Está em franco crescimento populacional, uma vez que de acordo com o CENSO de 2010, sua população era de 201.619 habitantes, apresentando um superávit populacional estimado de cerca de 20% em dez anos, ocupando a 32ª posição entre os municípios mais populosos do estado. Em 2018, o salário médio mensal de seus habitantes era de 3,6 salários-mínimos. Cerca de 30% dos domicílios têm rendimento mensal de até meio salário-mínimo por pessoa, o que representa uma média bastante inferior à estadual ou regional (IBGE, 2020).

O município já se consolidou como uma cidade industrial e exportadora, principalmente para países da América Latina. Grande pólo atrativo de empresas, concentra três fortes segmentos industriais — automobilístico, de maquinário e químico —, tendo em seu território sucursais de grandes multinacionais, como a Toyota, a Unilever e a John Deere. Foi responsável por 1% de todas as exportações paulistas em 2020 (LISA JÚNIOR, 2020). Estando bem próxima do aeroporto de Viracopos e a pouco mais de uma hora da capital do estado, a cidade frequentemente é midiaticamente retratada como um bom lugar para se viver, tendo excelentes índices em diferentes setores: a cidade teve o maior Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) do estado de São Paulo e o segundo maior do Brasil (INDAIATUBA, 2020) e é a segunda cidade menos violenta do país (IPEA, 2019). Ainda, figura na terceira posição entre as cidades com menor índice de vulnerabilidade juvenil à violência, tendo baixíssimos indicadores de mortalidade por homicídio e acidente de trânsito, pobreza e desigualdade, ao passo que seus índices frequência à escola e situação de emprego são bastante superiores aos nacionais (IVJ, 2017).

Quem passar pela região central de Indaiatuba provavelmente se surpreenderá com os trinta quilômetros do Parque Ecológico, um dos maiores do Brasil em extensão linear. Também se admirará com a opulência de algumas casas e condomínios e com a sofisticação das boutiques, bares, restaurantes e casas de shows que fogem muito do estereótipo de “cidade pequena e bucólica” cristalizado no imaginário do senso

comum. Contudo, cabe lembrar: a Indaiatuba das grandes empresas, da sofisticação e das ruas bem pavimentadas não é a mesma para todos os seus moradores. Dentro de seus 311.545 km² de área territorial, a cidade é rica em contrastes e cisões e propicia uma ampla e heterogênea gama de experiências urbanas.

Alves (2019) teorizou um fenômeno que eu identifiquei logo em minhas primeiras horas na cidade: havia o centro da cidade, construído por famílias tradicionais e abastecido por uma sofisticada estrutura comercial e de serviços. E havia, atravessando a Av. Francisco de Paula Leite e passando pelo Hospital Municipal, “o lado de lá”. A diferenciação entre o centro e os bairros de camadas populares é corriqueira no cotidiano da cidade e ainda traz consigo inúmeras representações. Conforme Alves (2019), o cronista Antônio Zoppi publicou na Gazeta de Indaiatuba ainda na década de 1950 artigo intitulado “Do Outro Lado”, em que narra sobre o bairro Santa Cruz:

[...] há muitos anos o Coronel Teófilo Oliveira Camargo construiu uma capelinha, que deu o nome ao bairro de Santa Cruz. Todavia, o nome de ‘Outro Lado’, que lhe davam então, ainda persiste até hoje. Em geral, os moradores ‘do Outro Lado’ são constituídos por caboclos nascidos e criados ali, em casas de barrotes que ainda hoje assinalam certas residências do referido bairro. É comum, ainda hoje, como era comum há muitos anos aparecer pela cidade de Indaiatuba, vagando sem destino, alguma menina faminta e esfarrapada, tanto basta e tanto bastava para identificar criatura tão estranha como alguém proveniente ‘do Outro lado’. (ZOPPI, 1998, p.33)

Ora, cabe indagar: que tipo de experiência o pertencer “ao outro lado” proporciona aos moradores de bairros periféricos da cidade, especialmente aos mais jovens? Retornando à metáfora de Chimamanda Adichie citada um pouco acima, como seria a história da cidade se em primeiro lugar esta fosse contada pelos trabalhadores, operários e migrantes de classes populares? Ainda, enquanto uma jovem assistente social comprometida com “[...] a eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (CFESS, 1993, p. 23), muito me interessava saber: de que forma eu poderia construir uma prática profissional alinhada a estes valores, recusando os arbítrios e subordinações historicamente impostos, ainda que de forma tácita e sutil, à população periférica do município?

5.1 Do terminal vazio ao sarau lotado: as juventudes de Indaiatuba

Retomemos, portanto, as observações sobre o terminal vazio que abriram este capítulo: em meu primeiro dia de trabalho, estava me deslocando entre o meu local

de residência, localizado em um bairro central da zona norte da cidade, em direção a um bairro popular na região sul de Indaiatuba. Oferecer os serviços de Proteção Social Básica da Política de Assistência Social aos 30% de domicílios de renda per capita inferior a meio salário-mínimo seria minha ocupação por trinta e seis horas semanais. Ao longo de toda a minha carreira, fui lotada em diferentes postos de atendimento, mas a lógica que abriu este capítulo sempre se repetia: eu embarcava em ônibus vazios ao início e ao final do expediente.

Uma de minhas principais atribuições era responder tecnicamente pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) CRASJovem⁷. Vinculado à Política Nacional de Assistência Social – PNAS (BRASIL, 2005) e cofinanciado pelo governo federal, o CRASJovem era oferecido anualmente pelos seis CRAS do município de Indaiatuba a cerca de 250 jovens, de idade entre 15 e 17 anos, residentes em bairros com maiores índices de vulnerabilidade social. Atendendo às normativas federais (BRASIL, 2016), cerca de um terço dos coletivos era formado por adolescentes que compunham o público prioritário para o atendimento em serviços socioassistenciais, a saber: adolescentes em vivência de trabalho infantil, violência, negligência, fora da escola ou com defasagem escolar superior a dois anos, em situação de acolhimento, em cumprimento de medidas socioeducativas (MSE) em meio aberto ou egressos de MSE em qualquer modalidade, em situação de rua ou com deficiência. As atividades do serviço ocorriam de três a quatro vezes por semana, no período vespertino, pretendendo-se ocupar o contraturno escolar dos jovens atendidos.

O serviço era executado em parceria com uma tradicional Organização da Sociedade Civil do município que atua no atendimento a adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Tinha a finalidade de integrar os objetivos do SCFV à realidade da cidade ao incorporar a um processo de acompanhamento social de um ano de duração atividades de formação para o mundo do trabalho e espaços de convivência que abordavam questões relacionadas à realidade social e ao fortalecimento de vínculos comunitários. As atividades sempre eram acompanhadas por um educador

⁷ O SCFV é tipificado como um serviço socioassistencial realizado em grupos e organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários. Em vista de prevenir situações de risco social, o SCFV constitui uma forma de intervenção social planejada em torno do objetivo de ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. (BRASIL, 2014)

social, função que geralmente era executada por um profissional de nível médio. Minha função no SCFV era oferecer suporte técnico às atividades desempenhadas, atuando junto ao educador social do CRAS e submetida a uma coordenação local e a outra, de nível municipal.

O CRASJovem representava o principal SCFV diretamente executado pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Indaiatuba e consistia em foco da ação intersetorial de quase todas as pastas municipais. A administração de Indaiatuba afirma ter a “preocupação com os jovens” como um de seus principais pilares (INDAIATUBA, 2019). As secretarias municipais de esporte⁸, cultura⁹, saúde¹⁰ e até mesmo o próprio prefeito¹¹ da cidade frequentemente empreendem atividades com jovens e adolescentes que são amplamente difundidas na mídia local. Existe um Conselho Municipal de Políticas para a Juventude, vinculado ao Gabinete do Prefeito e instituído pela Lei Municipal nº 6.673/2017.

Contudo, cabe trazer à mente as ideias de Novaes (2018), quando esta afirma que a despeito dos marcos legais que estabelecem a juventude como sujeito de direitos e da crescente onda de práticas institucionais e políticas públicas voltadas a este segmento populacional, outras práticas e concepções acerca das juventudes não saíram de cena. A autora destaca que é comum que a ótica dos direitos conviva com outras - tais quais a da coerção e do controle -, “[...] mesmo no espaço de um mesmo governo e até mesmo de um mesmo projeto” (p. 20).

Em minha experiência no trabalho com juventudes em Indaiatuba e na pesquisa de campo que será apresentada adiante, tive inúmeras confirmações deste fenômeno. Normativas legais e discursos sobre direitos nem sempre se materializam em práticas e compreensões alinhadas com a perspectiva dos direitos humanos e sociais das juventudes. Percebi, em minha experiência profissional e de pesquisa, que a lógica dos direitos das juventudes nas políticas públicas para jovens em Indaiatuba coexiste

⁸ Destacamos o Programa Juventude Esportiva, que abrange jovens de 15 a 21 anos: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/esportes/juventude-esportiva/>

⁹ Destacamos a realização de oficinas culturais, de concurso literário para jovens e de eventos anuais de lazer. Podem ser conferidos em <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/cultura/>

¹⁰ Destacamos o Programa Indaiatubano para Redução da Gravidez na Adolescência, que visa iniciar a inserção de DIU hormonal (sistema intrauterino hormonal com levonorgestrel) em adolescentes de 14 a 19 anos (INDAIATUBA, 2020).

¹¹ Destacamos o “Papo Jovem”, evento itinerante nas escolas públicas e privadas em que o prefeito e o vice-prefeito recebem propostas, ideias e sugestões de jovens e adolescentes (INDAIATUBA, 2017).

com no mínimo outras duas, historicamente construídas e cristalizadas no imaginário comum: a da juventude enquanto vítima ou produtora de problemas.

A despeito da boa vontade dos envolvidos, a perspectiva adultocêntrica que vê no jovem alguém que não sabe e não pode gerir as próprias escolhas e que, portanto, precisa ser suprido e controlado foi observada inúmeras vezes em minha trajetória. “Essa vinculação da juventude com a desordem social é uma concepção que contribui fortemente até os dias atuais para reforçar a relação entre vadiagem/ociosidade/pobreza, bem como entre pobreza e criminalidade” (SOUZA e PAIVA, 2012, p. 355). Derivam desta lógica as políticas concentradas, sobretudo, a partir da ideia de prevenção, de controle ou de efeito compensatório. As intervenções direcionadas à juventude oscilam entre aquelas de caráter preventivo, que objetivam evitar que os problemas apareçam, ou corretivas, para os problemas já manifestados.

Esta concepção da juventude tem sido dominante também nas políticas públicas: em grande parte, o foco dos programas desenvolvidos tem sido a contenção do risco real ou potencial dos adolescentes, pelo seu afastamento das ruas ou pela ocupação de sua ociosidade. Esses programas, baseados em políticas repressivas ou de prevenção, buscam enfrentar os problemas sociais que afetam a juventude, tomando os próprios jovens como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social. Além de minha experiência empírica, os dados construídos junto à intervenção que se tornou minha pesquisa de campo apontam de forma unívoca a perspectiva adultocêntrica e, por vezes, coercitiva ou assistencialista presente em algumas ações desempenhadas pela administração municipal, direta ou não. Durante o quadro denominado “pistola”, em referência ao neologismo “pistolagem/pistolar”, que quer dizer “dar bronca, esbravejar, expressar raiva”, queixas sobre posturas institucionais do poder público local foram citadas em cinco das seis edições.

É importante deixar claro que apesar de ter Indaiatuba como foco analítico, não falo de um fenômeno que se restringe a esta cidade. Desde o início dos anos 2000, a produção bibliográfica sobre políticas públicas para as juventudes expressa o frequente hiato entre as práticas institucionais e as reais demandas dos jovens (ABAD, 2003; GIL, 2004; ROCHA, 2006), apresentando a importância de práticas de “apoio à organização dos jovens, à construção de seus espaços de autonomia e de experimentação da cidadania, de participação na definição das políticas públicas” (TOMMASI, 2004, p. 177).

Ora, o adultocentrismo, a criminalização das contestações dos jovens e a expressão institucionalizada do racismo, do machismo e da homofobia nas políticas públicas para juventudes são citados aqui como mais do que um conflito moral que acontece pela má-fé daqueles que os praticam. A crítica a tais questões, neste espaço, reflete o entendimento de que tais compreensões consistem em imaginários profundamente arraigados e cristalizados no senso comum (DOIb et al, 2018). Eu mesma, em minha história profissional e até mesmo na intervenção construída durante o processo de pesquisa, por vezes tive de repensar práticas, falas ou posicionamentos. Mais do que expressar críticas ou apontar culpados, o objetivo das colocações aqui apresentadas é refletir sobre as práticas institucionalizadas direcionadas às juventudes, e, de alguma forma, contribuir para a reflexão sobre o tema. Isto posto, dedicar-me-ei nas próximas páginas a apresentar e discutir os resultados desta pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Conhecendo os interlocutores do estudo

5.1.1 “Andar de skate é a coisa mais importante da minha vida hoje”:

Elas no Skate

O massivo e crescente interesse de pessoas de todas as idades pela cultura do skate constituiu importante aspecto a ser considerado no planejamento da primeira edição da temporada de transmissões. O skate pode ser considerado um dos esportes que mais ganhou visibilidade nos últimos anos. Uma pesquisa realizada pelo IBGE em parceria com o Instituto Datafolha (2015) aponta que a quantidade de adeptos da prática aumentou expressivamente entre 2009 e 2015, estando presentes em cerca de 11% dos domicílios brasileiros. Ora, levando em conta o número de domicílios brasileiros apurados pelo IBGE no ano em questão (PNAD, 2013), infere-se que em 2015 havia cerca de 8,5 milhões de praticantes de skate no Brasil. Um passeio atento por alguma grande cidade facilmente comprova que o skate já consolidou-se como prática esportiva e de lazer das juventudes. Jovens e crianças portando seus “carrinhos” já fazem parte do cenário urbano do Brasil que vibrou com as três medalhas olímpicas conquistadas por atletas brasileiros na primeira aparição do esporte na história dos Jogos Olímpicos, em Tóquio no ano 2021¹².

Em uma construção historiográfica sobre os caminhos do skate no Brasil, Brandão (2011) aponta que a prática surgiu nos Estados Unidos da América, especificamente no litoral da Califórnia em meados dos anos 1950. Em períodos sem ondas, rodas e eixos fixados em pranchas de madeira serviam como suporte para que surfistas imitassem as manobras que faziam na água. O skate chegou ao Brasil na década de 1960, no início da Ditadura Militar, logo fundindo-se ao contexto cultural e político da época, consolidando-se como “uma prática de forte produção simbólica, formadora de comportamentos ritualizados” (BRANDÃO, 2011, p. 7). Desde então, o skate vem consolidando-se como uma atividade de lazer juvenil, bastante apreciada pelas camadas populares¹³, não obstante seu ostensivo impulsionamento pela

¹² Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (realizados em 2021 em razão da pandemia do novo Coronavírus) marcaram a estreia do skate enquanto modalidade olímpica, em que o Brasil ocupou posição de destaque ao conquistar três medalhas, sendo que uma delas foi a prata da “Fadinha” Rayssa Leal, a atleta olímpica mais jovem da história do Brasil, à época com 13 anos (COB, 2021).

¹³ A já citada pesquisa Datafolha em parceria com o IBGE (2015) aponta que 52% dos adeptos do skate no Brasil são de classe C, D e E.

indústria cultural. Para Brandão, no devir de sua história, o skate dinamizou aos seus praticantes novas e inusitadas relações com as cidades. Jovens que fazem uso do skate, mais do que simplesmente transitar pela cidade, “[...] passam a tomá-la como um local de interpretação, lendo-a das mais diversas formas” (2011, p. 94).

A participação do Coletivo Elas no Skate foi a primeira proposta na fase do planejamento das transmissões. Eu já conhecia suas articuladoras por meio de outras atividades culturais da cidade e acompanhava entusiasmada sua crescente repercussão nas redes sociais. A visibilidade do coletivo motivou nossa decisão de abrir a temporada de transmissões com a sua participação, em vistas de também ampliar a abrangência de nossa divulgação. Por compor as cenas do skate e por já ter realizado trabalhos diversos sobre a prática na região, o produtor Kleber Zanzotti facilitou o acesso às duas articuladoras do coletivo. A conversa com as jovens articuladoras do coletivo abrangeu temas como suas histórias pessoais, estereótipos de gênero na cultura do skate, a marginalização da prática e a (i)legitimidade das instituições representativas. Abaixo, apresento um quadro com a transcrição da apresentação elaborada para as participantes, bem como um captura de tela desta edição.

Quadro 2: Transcrição da apresentação das convidadas da transmissão #IC01: Interconectando o coletivo Elas no Skate

#IC01: Interconectando o coletivo Elas no Skate	
Participante	Apresentação
Nats Pereira	<i>Ela tem vinte anos e é a fundadora da página do Elas no Skate, cujo canal tem três mil inscritos no Youtube, treze mil seguidores no Instagram e oitocentos mil seguidores no TikTok. [...] Natália começou a jornada dela no skate como uma “maria rolamento¹⁴”, segundo ela própria, mas hoje ela mostra que não é mais por aí. Ela tá ocupando outros espaços no rolê de skate. Ela é gata, como vocês podem ver, estuda Direito na PUC - Campinas, faz os melhores brigadeiros e donuts do mundo e é muito corajosa e especial.</i>
Talita Alves	<i>Talita é skatista desde os nove anos e hoje já está com vinte e um. Ela estuda Logística Aeroportuária na FATEC e também é crossfiteira. Ela trabalha como administrativo em um horário bem maluco que eu ainda não entendi se ela estava me zoando ou se é</i>

¹⁴ Expressão que nomeia as meninas que demonstram interesse pelos rapazes skatistas, e não pelo skate.

	<i>verdade. E para a nossa tristeza e para a sorte do marido dela, Talita é casada...</i>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 4: Captura de tela da transmissão #IC01: Interconectando o coletivo
Elas no Skate



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

5.1.2 “Se não fossem os saraus, eu seria vazio”: o coletivo Complexidade

Segundo Teninna (2013), a palavra “sarau” não é recente. O ato de ocupar espaços públicos ou privados com a intenção de tornar suas criações artísticas públicas remonta a diversos romances, crônicas e memórias do século XIX na Europa e na América. Para os artistas, apresentar-se em um sarau era uma oportunidade de acumular capital simbólico e legitimar suas produções artísticas frente à sociedade aristocrática da época. Ao mesmo tempo, para os frequentadores de saraus, ocupar estes espaços era uma forma de afirmar sua posição de classe. Os dois séculos corridos não são a única coisa que separa os saraus do século XXI daqueles que ocorriam no século XIX. Retomado e ressignificado nas regiões periféricas da cidade de São Paulo, os saraus contemporâneos são tão diferentes daqueles do século XIX que não comportam comparações entre eles. Como discute Teninna, a realização contemporânea de saraus nas periferias urbanas consiste em “[...] uma apropriação livre que mantém apenas o rótulo sarau e a arte como palavra de ordem central” (2013, p. 12).

O coletivo Complexidade, cujos articuladores participaram da segunda edição da temporada de transmissões, foi a primeira iniciativa popular de realização de saraus em espaços públicos de Indaiatuba. Diretamente influenciados pelo Sarau da Cooperifa, articulado pelo poeta Sérgio Vaz, o coletivo ocupava a Concha Acústica do Parque Ecológico - espaço de fácil acesso e de ampla visibilidade e circulação de pessoas - para a realização dos saraus. De modo bastante breve, os saraus do coletivo Complexidade podem ser definidos como reuniões de aproximadamente duas horas, onde os participantes leem ou declamam textos próprios ou de outros diante de um microfone. Música, dança e outras formas de expressão artística também são acolhidas.

Os saraus Complexidade compuseram a cena cultural da cidade de forma bastante mobilizadora por ao menos quatro anos. Seus articuladores eram todos jovens e as atividades produzidas partilhavam o espaço com outras formas de expressão cultural também contempladas neste estudo. Por este motivo, considerei que a emergência do papel mobilizador de seus integrantes justificava sua participação no programa. A entrevista com os participantes contou com ampla participação da audiência no chat e contemplou temas como a história e a trajetória do coletivo, reflexões sobre cultura marginal e direito à cidade. Participaram da segunda edição dois de seus principais mobilizadores, conforme mencionado no quadro e na imagem abaixo:

Quadro 3: Transcrição da apresentação dos convidados da transmissão #IC02: Interconectando o coletivo Complexidade

#IC02: Interconectando o coletivo Complexidade	
Participante	Apresentação
Perón7c	<i>“A rotina pode acabar com a criatividade: crie atividades”. Esse conselho tão sábio é um pedacinho do poema “Atividades” do Bruno Perón que está publicado no primeiro livro dele, “Profissão Andarilho”. Ele é uma celebridade que está aqui com a gente, porque ele já foi até palestrante do TEDx. Aos vinte e cinco anos, ele é um andarilho profissional e aspirante a grafiteiro e produtor cultural, poeta, MC, escritor e também pesquisador, como eu. Começou o mergulho na cultura hip-hop por meio do grapixo e logo se identificou como um artista que deseja apresentar, em suas próprias palavras, “um reflexo de suas reflexões”, por meio de olhares diferentes de um mesmo cotidiano. Hoje ele mora em Lisboa, capital de Portugal, fazendo e sendo feito (porque pesquisa é assim!) por um mestrado em Estudos e Gestão da</i>

	<i>Cultura, pesquisando a temática da Cultura Marginal e suas interconexões ao redor do mundo.</i>
Vini Alceu	<i>“Eu olhei para o lado e vi todas as minhas facetas/ Erratas em rabiscos/ Que contavam algumas das minhas tretas/ Da sobrevivência de peles pretas/ Quis falar do choro ou do riso /Do contemporâneo mundo moderno/ Mas eu escrevi sobre mim/ E sobre o meu caos interno.” Essas palavras são do nosso segundo convidado, o Vini Alceu. Pai do Matheus (o título mais importante que ele tem!), poeta de sarau, tiktokker e podcaster no Somos Assim. Aos trinta e três anos, o Vini é um dos intelectuais que eu mais admiro nessa cidade porque sem afetação e sem nenhuma frescura, ele encontra beleza em escrever sobre a relação entre os descaminhos do mundo e o nosso próprio caos interno. Se o Vini fosse rico, ele já me contou que não estaria nem aí para carro zero. O sonho dele seria usar a grana para criar um lugar para a juventude das quebradas ampliar a voz em forma de arte. Ele não é rico - muito longe disso, né Vini? Ele é um ‘pobre curumim, (não tão) franzino, mas muito risonho’. E apesar de não ser rico, Vini já é milionário do sonho!”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 5: Captura de tela da transmissão #IC02: Interconectando o coletivo Complexidade



Fonte: Captura de tela. Arquivo pessoal da autora (2022).

5.1.3 “Tudo isso que eu ‘tô vestindo deu 7 reais!”: a produção de moda nas quebradas

A palavra “Brechó”, advinda do nome de um comerciante na cidade do Rio de Janeiro chamado Belchior, se refere a uma loja de roupas usadas (SOARES, 2019). Dutra e Miranda (2013) referem que há diferentes tipos de brechós. Um deles é composto pelos brechós de luxo, que se propõem a vender apenas artigos de grandes marcas nacionais e internacionais. Também há aqueles criados a partir de um conceito estético bem definido, que realizam processos de curadoria bastante rigorosos, a fim de oferecer “peças exclusivas e impactantes, cuja singularidade estética permite que seja agregado certo valor simbólico e consequentemente, monetário” (p. 97). Ainda há os brechós destinados ao consumo popular. Esse tipo de brechó não foca em oferecer tendências ou peças exclusivas, apenas procura ofertar roupas que possam ser repassadas para outras pessoas que estão à procura de roupas mais baratas. Também há aqueles brechós cuja finalidade é arrecadar fundos para a caridade. Esses locais possuem mercadorias oriundas de doações e o lucro obtido com as vendas é destinado a obras de caridade e de apoio a instituições filantrópicas, muitas vezes ligados a estabelecimentos religiosos.

Ainda que “essa caracterização não seja estática” (p. 101), uma característica importante da maioria dos brechós dos dois últimos tipos citados é o fato de realizarem pouca ou nenhuma filtragem no processo de aquisição das peças vendidas, armazenando-as em grande volume em um ambiente que por vezes não oferece conforto para que o consumidor faça suas escolhas. Um brechó filantrópico ou popular remete a araras e cestos cheios, em um pátio ou garagem, normalmente pouco arejado e iluminado. Ao ato de adentrar estes estabelecimentos para procurar, selecionar e revitalizar peças de vestuário a preços baixos em meio a tantas outras peças menos interessantes, dá-se o nome de “garimpar” (SIQUEIRA, 2017).

A ideia de entrevistar “garimpeiros de roupas” veio de uma jovem espectadora do programa, por meio do *chat* de mensagens da plataforma e foi endossada por ao menos dois outros jovens, também no chat. Junto à sua sugestão, a jovem em questão enviou a indicação de duas amigas que fizeram dos “garimpos” de roupas usadas uma atividade lucrativa por meio da venda das peças para outras pessoas, bem como para a produção de figurino de vídeos, shows musicais e peças de teatro. A partir deste contato, alcançamos outros três jovens das periferias de Indaiatuba que trabalhavam com modelagem, costura e customização de peças de vestuário.

Em vistas de efetivar a intenção de que o planejamento das transmissões fosse dialógico e coletivamente construído, logo providenciamos a realização da edição cujo tema seria “Interconectando a produção de moda nas quebradas”, a partir das indicações e propostas dos próprios jovens participantes do processo. Os temas abordados durante a transmissão contemplaram a história pessoal dos participantes, bem como conceitos de sustentabilidade e consumo consciente e estereótipos de gênero e gordofobia na moda. No quadro e na imagem abaixo constam as transcrições da apresentação de cada um dos convidados e a captura de tela da transmissão.

Quadro 4: Transcrição da apresentação dos convidados da transmissão #IC03: Interconectando a produção de moda nas quebradas

#IC03: Interconectando a produção de moda nas quebradas	
Participante	Apresentação
Ana Beatriz	<i>“Ana Beatriz é estilista talentosíssima, de vinte e dois anos, formada em moda e que mora em Itu atualmente. Ela é empreendedora e ‘tá focada em tocar agora a “1998”, uma marca que veste todos os corpos e todos os tamanhos e que nasceu no ano passado!”</i>
Jaque Rocha	<i>“Ela tem vinte e três anos, é metade universitária, metade dona de brechó, metade de Floripa e metade de Indaiatuba! Ela veio dividir com a gente todas as suas metades pra somar na nossa conversa!”</i>
Taís Fonte	<i>“A Taís Fonte tem vinte e três anos, é mãe de duas, dançarina, artesã e tem mais de cinco anos de experiência na garimpagem e no brechó!”</i>
Evelyn	<i>“A Evelyn tem vinte anos. Ela ama adrenalina e encontra toda essa adrenalina acampando, saindo pra rolês aleatórios e garimpando também! Ela publica os garimpos dela em looks cheios de bossa no brechó “Big Led”!”</i>
PH	<i>“A gente tem também o Pedro Henrique, vulgo PH! Vamos chamar ele de PH por aqui. Eu tentei fazer uma pesquisa aí e vi que ele tem vinte e cinco anos e é produtor de moda, stylist, fotógrafo, diretor de arte e tarólogo, mas ele gosta de fazer o misterioso nas redes sociais, então né, tamo aí pra tentar descobrir mais coisa sobre ele. PH, muito obrigada, viu?”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 6: Captura de tela da transmissão #IC03: Interconectando a produção de moda nas quebradas



Fonte: Captura de tela. Arquivo pessoal da autora (2022).

5.1.4 “É tipo uma parada que eu gosto de chegar no muro e liberar o que eu ‘tô sentindo”: Arte Urbana

Embora rotulados como vandalismo, sujeira e desordem, a pichação e o grafite para Mondardo e Goettert (2008) “podem ser compreendidos enquanto expressão de movimentos político-simbólicos, com significantes e significados muito mais densos e profundos que a definição do senso comum simplificadamente reitera” (p. 294). Os autores também afirmam que o grafite e a pichação, enquanto expressão de arte urbana, compõem e comportam um conjunto de práticas que expressam “[...] formas de resistência à ordem estabelecida hegemonicamente pelos grupos e/ou atores dominantes da sociedade burguesa e pelo Estado” (p. 299).

O grafite e a pichação compõem o conceito de “escritas marginais urbanas”, termo cunhado por Carvalho e Mariani (2017) para representar todas as marcas urbanas que se consolidaram como representação artística e cultural na cidade. Além das já citadas, também cabe elencar o lambe-lambe, os adesivos e o estêncil como formas de expressão com estilos e processos de criação próprios. Para os autores, estas manifestações são em sua imensa maioria marcadas por um forte “cunho identitário, estético e político de determinado grupo, especialmente de jovens vindos da periferia” (p. 914). Estas formas de expressão artística na cidade representam marcas da presença e da resistência destes jovens, que “[...] criam novos moldes de

constituição identitária e de práxis espacial” (p. 917), e por meio das apropriações ilegais de muros e paredes, acabam por “inverter a lógica das desapropriações legais” (p. 918).

Para Canclini (2003), enquanto expressão de arte urbana, o grafite “[...] afirma o território, mas desestrutura a coleção de bens materiais e simbólicos da sociedade burguesa” (p. 337). É por meio da ocupação artística insubordinada dos espaços da cidade que os jovens transpõem os muros construídos pela desigualdade socioterritorial e pelos processos muitas vezes perversos de urbanização. A arte urbana, em suas múltiplas expressões, revela a materialização do anseio por “lugares de simultaneidade e encontros, onde a troca não seria tomada pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro”, como discutiu Lefebvre em 2001 (p. 104).

A sugestão de contemplar a arte urbana enquanto expressão cultural relevante para as juventudes da cidade partiu também de uma das jovens espectadoras do programa, por meio de uma mensagem privada em minhas redes sociais. A jovem expressou o desejo de participar de uma das transmissões enquanto entrevistada e também indicou outros três possíveis participantes; sendo que um deles não tinha disponibilidade para participar na data proposta. O diálogo com os interlocutores contemplou questões como sua história pessoal em sua relação com o grafite, as representações do grafite e da pichação cristalizadas no senso comum e o desejo de que as cidades sejam menos inóspitas às diversas expressões de arte urbana. Abaixo, consta um quadro e uma figura em que estão descritos e retratados os participantes da edição em questão.

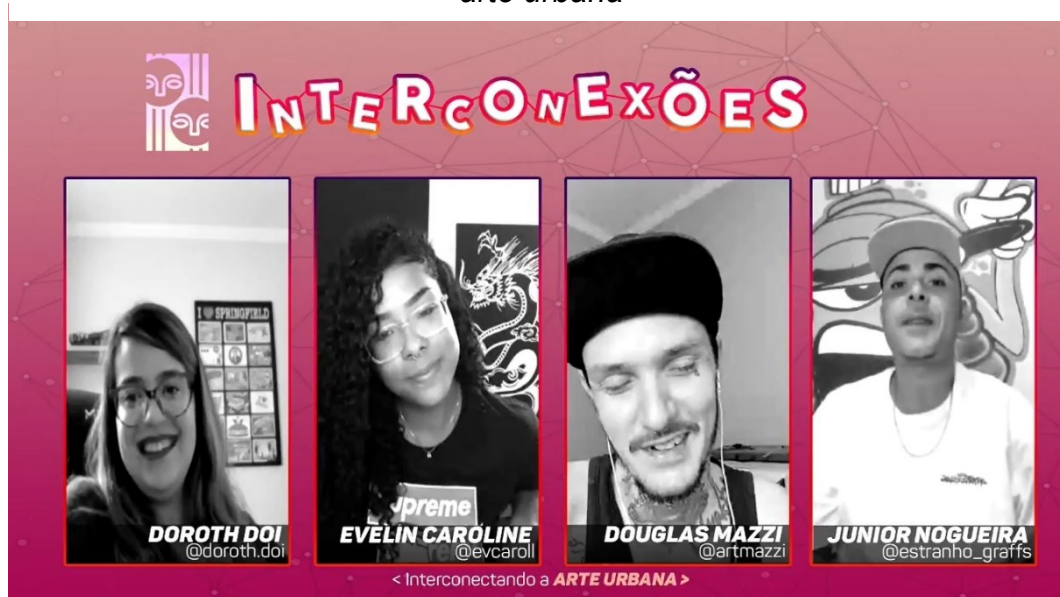
Quadro 5: Transcrição da apresentação dos convidados da #IC04: Interconectando a Arte Urbana e suas expressões

#IC04: Interconectando a Arte Urbana e suas expressões	
Participante	Apresentação
Carol	<i>“A Caroline tem dezoito anos e desenha desde que ela se entende por gente, mas está começando a se aventurar no grafite nos últimos dois, três anos. Ela é poeta, estudante de Direito, uma grande entusiasta da Arte urbana e também influenciadora digital.”</i>
Estranho	<i>“Ele tem trinta anos e fala que nunca estudou Arte, mas eu não entendi bem o porquê disso. Ele chegou na arte de rua, na arte urbana, pela pichação, mas se apaixonou pelo grafite, assim que cruzou seus caminhos. Ele busca referências na rua, o lugar dele é por lá. Anda de skate, vive com a mão suja de tinta, e além de ser grafiteiro, também faz miniaturas que são tão maneiras que</i>

	<i>fiquei até com vontade de morar em algumas delas. É, ele fala que nunca estudou Arte, mas eu acho que, na verdade, era a Arte que tinha que estudar ele!”</i>
Mazzi5E	<i>“Ele faz o misterioso nas redes sociais, mas olha só o tanto de coisa que ele faz: ele é produtor cultural, ele é ilustrador digital, designer gráfico, poeta marginal, artista plástico, tudo isso. Ele é paulistano da gema, da Zona Norte, mas desembarcou, aqui no interior, e atualmente está em Salto. Também começou os “rolês” culturais com os movimentos urbanos, e tem todo um “trampo” como oficina de arte. Aos vinte e nove anos, ele é diretor do coletivo Quinto Elemento e tem muitos outros projetos, por vir, no cenário cultural da cidade.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 7: Captura de tela da transmissão #IC04: Interconectando a arte urbana



Fonte: Captura de tela. Arquivo pessoal da autora (2022).

5.1.5 “Filmar pela vivência, para curtir o processo”: produção de audiovisual

Aderaldo (2017) afirma que a apropriação da linguagem audiovisual pelas juventudes periféricas brasileiras foi um fenômeno iniciado na primeira década dos anos 2000. A significativa evolução das tecnologias digitais, combinada à popularização dos dispositivos de comunicação (smartphones, câmeras, computadores), foram importantes catalisadores para que surgissem nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos diversas iniciativas voltadas à oferta de

cursos e oficinas de produção audiovisual. Sob a justificativa de “fornecer a um público historicamente negligenciado pelas narrativas “oficiais” e/ou hegemônicas, condições para a elaboração de formas alternativas de representação do mundo social” (BARBALHO, 2006, p. 8), essas iniciativas podem ser consideradas as principais disparadoras da eclosão de festivais, mostras e diversas linhas de financiamento – público e privado – para produções audiovisuais genericamente denominadas “periféricas”. “Cinema de quebrada”, “cinema de favela”, “cinema de periferia”, “vídeo independente” são algumas das rubricas utilizadas nas tentativas de caracterizar as produções audiovisuais que nascem destes movimentos.

Para Aderaldo (2017), em paralelo a este movimento, um outro fenômeno recorrente foi o de jovens egressos dessas oficinas de formação buscarem formas de profissionalizarem suas habilidades, para além dos “projetos sociais” e do universo corporativo a eles associado, direta ou indiretamente. Estes jovens criaram e associaram-se a coletivos dedicados à produção e exibição independente de vídeos, buscando o financiamento de agências de fomento públicas e privadas. Os mesmos jovens também atuam nas chamadas “profissões criativas” (p. 75) e “disputam editais voltados ao financiamento de atividades culturais, ao mesmo tempo em que exercem funções como a de arte-educadores, cinegrafistas, editores de vídeo e fotógrafos, quase sempre a partir da prestação de serviços ocasionais a diferentes instituições ou indivíduos” (p. 78). Kleber Zanzotti, produtor da Sinérgica Filmes e articulador da iniciativa que deu origem a essa temporada de transmissões, é um destes jovens. Desde a concepção inicial dos programas, combinamos que um episódio seria dedicado a conhecer aqueles que, como ele, dedicavam-se à produção de conteúdo audiovisual como forma de inserir questões de interesse coletivo em espaços midiáticos, ainda que compreendam suas atividades como uma profissão, que se insere no mercado enquanto prestação de serviço.

O convite para a participação foi colaborativo e recebido com bastante entusiasmo entre os participantes. O primeiro convidado selecionado foi Kleber Zanzotti, pela emergência de seu papel mobilizador junto à Sinérgica Filmes. Sugeri que ele indicasse outro participante, que deveria indicar outro também. Selecionamos cinco participantes, tendo como critério o fato de já terem atuado juntos em suas produções. Entre as questões abordadas, destaco a história pessoal dos jovens no campo da produção de audiovisual, bem como os desafios da precarização do

trabalho no campo da cultura. Abaixo, segue a apresentação dos interlocutores desta edição, bem como a captura de tela do programa.

Quadro 6: Transcrição da apresentação dos convidados da transmissão #IC05 Interconectando as cenas da produção de conteúdo audiovisual

#IC05: Interconectando a produção de conteúdo audiovisual	
Participante	Apresentação
Cadu	<i>O Cadu tem 26 anos e é um indaiatubano mil e uma utilidades, porque ele trabalha com pintura residencial e faz vários outros tramos. Pelo que ele me falou, ele tem 26 e anda de skate há 19, então ele aprendeu a andar de skate antes de aprender a ler, né Cadu? O Cadu produz vídeos pro YouTube e tem um desempenho no cardio que quando eu vi no Instagram me deu um pouco de inveja!</i>
Ju Videla	<i>Ela é nascida e criada em Indaiatuba e completou 25 anos recentemente. Vi aqui no Instagram que ela tem um gosto musical impecável e é feminista, anti-fascista e pró-ciência! Tá aí, é das minhas! A Ju é designer, é música e é artista visual e tá aí colando com a gente!</i>
Vinicius Durock	<i>A gente tem aí também o Vini, que é videomaker, skatista, tem 24 anos e mora em Indaiatuba. O insta dele é cheio de tramos legais, mas o meu preferido ainda é o retrato que ele tirou de mim! Foi ele que fez as fotos que tão aí no card da sinérgica, e apesar dele ter reclamado do frizz do meu cabelo no dia que ele fez as fotos, ele conseguiu o milagre de fazer umas fotos e vídeos em que eu não fiquei esquisita, então valeu Vini!</i>
Mel	<i>A Mel é muito gata e eu juro que eu não queria começar assim, mas depois de passear pelo Insta dela eu não consegui evitar. Ela é caçara, de Caraguatatuba, e pousou aqui por Indaiatuba há seis meses. Ela é fotógrafa mobile, tem 22 anos, é inteligente, mística, criativa e é vegana!</i>
Kleber Zanzotti	<i>O Kleber é um fundador e produtor aqui da Sinérgica! Salve, Kleber! Antes da pandemia, ele fazia uns churrascos bem legais, com cabelo ao vento e gente jovem reunida, e eu nunca fui convidada pra nenhum deles, mas eu gostaria, fica a dica, Klebinho! Depois da vacina, pode me convidar! Ele é skatista,</i>

	<i>criador aqui na Sinérgica, marido da Evelyn, pai do Lorenzo e meu diretor aqui nas Interconexões!</i>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 8: Captura da tela da transmissão #IC05: Interconectando a produção de conteúdo audiovisual



Fonte: Captura de tela. Arquivo pessoal da autora (2022).

5.1.6 “Ele passa a mensagem de quem antes não podia falar, e por isso ele transforma”: Rap e suas expressões

Para Dayrell (2002), se o mundo da cultura constitui um “espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (p. 119), a música demonstra-se como a mais mobilizadora das atividades. Foi a partir desta compreensão que decidimos dedicar um episódio da temporada de transmissões a coletivos que se organizavam em torno da música. Foi a partir da segunda edição, com a participação do coletivo Complexidade, que decidimos que o estilo musical contemplado seria o rap e seus subgêneros. Os articuladores do coletivo tinham forte interlocução com as cenas da cultura hip-hop, especialmente com o rap. Durante o planejamento e a realização da edição, tanto os dois interlocutores quanto a audiência da transmissão sugeriram possíveis participantes para um novo episódio, sendo a produção de rap um denominador comum que unia todos eles.

Rhythm and Poetry (ritmo e poesia); *Revolução Através das Palavras*; *Revolução, Amor e Poesia*: Teperman (2015) aponta que todas essas são algumas das diferentes especulações acerca do significado da palavra rap. O autor ainda refere que há diferentes interpretações sobre sua origem. Talvez a mais comum delas seja a que atribui a origem do gênero musical ao Bronx, bairro pobre de Nova York, no início dos anos 1970. Ainda há quem diga que o rap nasceu nas savanas africanas, nas narrativas dos griôs — poetas e cantadores tidos como sábios. Ou ainda, como sugerem alguns rappers e críticos brasileiros, que é uma variante do repente e da embolada nordestinos. Mesmo que nenhuma destas hipóteses possa ser historicamente verificada, para o autor é certo dizer sobre o rap que o mesmo é um ritmo que foi “[...] gestado nas festas de rua de bairros pobres e predominantemente negros, nascendo de forma marcada social e racialmente — e que faz dessas marcas sua bandeira, sem que isso a tenha impedido de se tornar objeto de interesse no mundo todo” (p. 10).

Ainda em 2002, Dayrell definia o rap como “uma crônica da realidade da periferia” (p. 128). O autor afirma que o conteúdo poético das músicas tende a refletir o lugar social concreto de onde cantam os autores, bem como expressar a forma com que elaboram suas vivências, “numa postura de denúncia das condições em que vive: a violência, as drogas, o crime, a falta de perspectivas, quando sobreviver é o fio da navalha. Mas também cantam a amizade, o espaço onde moram, o desejo de um ‘mundo perfeito’, a paz” (p. 126).

Participaram do sexto e último episódio um total de quatro jovens envolvidos com o rap em diferentes subgêneros. Embora todos estes tenham sido indicados pelos espectadores das transmissões, eles já se conheciam e já haviam partilhado apresentações e outras produções. Entre os assuntos abordados, destacaram-se as histórias pessoais dos jovens em seus segmentos de atuação e reflexões sobre o marcador racial, social e territorial de suas produções. Abaixo, segue quadro com a transcrição¹⁵ da apresentação dos jovens participantes, bem como a captura de tela da transmissão.

¹⁵ É importante demarcar que as apresentações dos participantes foram inspiradas em suas próprias produções.

Quadro 7: Transcrição da apresentação dos participantes da #IC06: Interconectando a música rap e suas expressões

#IC06: Interconectando a música rap e suas expressões	
Participante	Apresentação
Vica	<i>“O Vica é um convidado muito vintage, sabe? Muito low profile, muito anônimo, muito antigo. Porque ele ‘tá fora das redes sociais. Ele é poeta e rapper. Ele é representante comercial e assistente técnico. Ele é pai da Maitê e ‘tá agora se aventurando no teatro. Vica tem 28 carnavais. Na verdade, foram 29 carnavais, né Vica? Mas um deles foi cancelado pela pandemia e espero que a vida com vacina devolva esse carnaval depois. E, agora o Vica está aí, pra somar com o nosso papo, direto do Jardim Morada do Sol.”</i>
Jessi	<i>“Jessi é ‘rica no corpo de favelada’ e ‘tão louca quanto todo mundo, mas ela não é tão boa em fingir’. Jessi tem 24 anos, é pedagoga, modelo, trabalha com música e audiovisual. E ela é artista independente e produtora cultural que tem o ‘dom de fabricar dinheiro’. Pulando de cidade em cidade, ela teve a sorte de pegar o microfone nas batalhas de MC há anos atrás, né? E depois se aventurar no rap e na poesia. E ‘tá aqui, saltense morando em Itu pra somar no nosso papo.”</i>
Cotta	<i>“Outro dos nossos ilustres convidados é um convidado que, assim..., ‘a gente vai ter que correr mais rápido pra chegar nele!’ Porque ele ‘tá num bonde que tá portando muito ouro’. O Cotta tem 23 anos, é rapper indaiatubano porque ele está em Indaiatuba desde 2010, então a gente considera que ele é daqui. Ele é designer de moda e ‘tá fazendo grana, mas com o pé no chão porque é assim que tem que ser’.”</i>
Bruninho Gonzaga	<i>“Bruninho é alguém que eu nem tenho roupa pra dividir a live com ele, porque ele é uma grande referência, estreou e inaugurou esse espaço aqui da Twitch, da Sinérgica, com uma conversa sinérgica que a gente tá esperando que volte. Só queria falar, Bruninho, que eu queria morar num feed do teu Instagram porque só tem gente ‘daora’ e só tem ‘rolê’ de altíssimo nível por lá! Bruninho é muita coisa. Bruninho é rapper. Bruninho é sociólogo. Bruninho é ativista pela educação. Bruninho é poeta também.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 9: Captura de tela da transmissão #IC06: Interconectando a música rap e suas expressões



Fonte: Captura de tela. Arquivo pessoal da autora (2022).

5.2 “A gente foi falando disso, de como a cidade é pequena mas tem muitos lugares diferentes, complexos”: HABITAR

*“Crianças, risos e janelas
 Namoradeiras, tranças, chitas amarelas
 O vermelho das telhas, o luzir da centelha
 Te faz sentir como dentro de uma tela
 A esperança pinta em aquarela
 Chiadeira de rádio, TVs e novelas
 O passeio das abelhas,
 o concordar das ovelhas nas orelhas
 E a vida concorda de tabela”
 (EMICIDA, 2019)*

Além de ser socialmente construída, a condição juvenil também tem uma configuração espacial, conforme apontam Dayrell e Carrano (2014). Isso significa que para uma melhor compreensão das juventudes, além de um olhar atento para os determinantes sociais e históricos que a compõem, deve-se também levar em conta os seus múltiplos espaços. Estes espaços não dizem apenas das ruas e edifícios ou das demarcações e dos limites politicamente arranjados, mas ligam-se às formas com que os lugares são ocupados e apropriados e às relações de poder que se estabelecem entre indivíduos, grupos e instituições. Para Oliveira (2020), na materialidade do espaço das cidades os jovens mantém filiações de identidade e sentimentos de posse e pertencimento, imprimindo nele as marcas de suas vivências e experiências.

Lefebvre (2001) aponta que a cidade é, por definição, o “espaço das diferenças”. Sobre esta definição, Castro et al apontam que esta diferença se expressa cotidianamente, uma vez que a convivência na cidade consiste em uma experiência de encontros inevitáveis com “aqueles que são iguais, por similaridade de gostos, aparências ou pertencimentos comuns, e outros, os quais sentimos como distantes e estranhos” (2006, p. 438). Para os autores, pessoas de todas as idades são atingidas pelos desdobramentos da convivência na cidade, que não é um mero cenário de suas vidas cotidianas, mas constitui “um espaço de enfrentamentos com o outro que propicia e mobiliza disposições subjetivas, seja de identificação com o outro e reconhecimento, seja de estranheza ou afastamento” (p. 440).

Contudo, a experiência de ser jovem de origem popular na cidade traz outros contornos a essa diferença, sendo “condicionada por um tecido urbano esgarçado e completamente desigual em termos de oportunidades e possibilidades” (SIMÕES, 2014, p. 3). No cenário das cidades, morar em bairros populares normalmente significa conviver com restrições impostas pela ausência do Estado, que se expressa em uma distribuição irregular de serviços e equipamentos públicos, produzindo territórios violentados pela dinâmica espacial da acumulação do capital (SCHERER, 2018). Além das distâncias físicas, que representam de forma concreta a fragmentação e hierarquização da cidade, Simão (2014) aponta que a identidade territorial estigmatizada dos jovens de camadas populares também produz efeitos subjetivos, uma vez que “os modelos de juventude estão referenciados em determinados grupos sociais em detrimento de outros” (p. 7), produzindo padrões estéticos e morais a serem seguidos. Esses padrões produzem narrativas e representações que, para o autor, culminam na “condenação estética das juventudes periféricas” (p. 10) e acabam por reduzir o espaço de milhares de jovens de origem popular.

É a partir desta perspectiva que interessa-nos conhecer os lugares que constituem as experiências dos jovens interlocutores desta pesquisa na cidade de Indaiatuba. Aqui, usamos o termo “lugar” a partir da noção da geografia humanista que não restringe seu sentido à mera localização, mas o local que possui significados construídos por indivíduos e/ou grupos sociais (HOLZER, 2003). Para Oliveira, a perspectiva de lugar aplicada à ocupação e circulação da e na cidade pelos jovens

[...] faz com que o jovem se sinta interligado de maneira mais afetiva com alguns espaços da cidade. Quando se pergunta a alguém “Qual lugar tu mais gostas?”, faz-se uma indicação de vinculação ao espaço,

ou seja, uma adesão pessoal positiva a ele. O lugar torna-se, então, um espaço de identidade, de pertencimento.” (p. 77)

A noção geográfica de “lugar” dialoga com as categorias “pedaço” e “circuito”, propostas por Magnani para explorar as relações entre as práticas de sociabilidade e os espaços onde ocorrem. O conceito de circuito designa um uso do espaço que não pressupõe contiguidade espacial, sendo reconhecido em conjunto pelos seus usuários habituais (2005). Por sua vez, o pedaço é uma categoria formada por uma definição espacial clara e por uma rede de relações, que “[...] designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociedade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas” (1992b, p. 193). Assim, “lugar”, “circuito” e “pedaço” serviram como ponto de partida para a análise e descrição da relação dos jovens com a cidade de Indaiatuba.

Partindo do entendimento de que as experiências urbanas dos jovens são formadas pela amálgama de lugares, circuitos e pedaços e conceitos, ideias e percepções sobre a cidade, a apresentação deste tópico contemplará duas diferentes dimensões: os afetos e os trajetos. A primeira delas se ocupará de apresentar as percepções e opiniões dos jovens sobre a vida na cidade. Em seguida, propomos descrever e listar os lugares citados pelos jovens interlocutores deste estudo, bem como apresentar um desenho dos possíveis circuitos que se desenham a partir deles.

5.2.1 Indaiatuba pelos jovens

Sobre a percepção dos jovens acerca da cidade, a ideia de que trata-se de uma cidade “conservadora” parece universal e foi mencionada ao menos uma vez em cada uma das edições do programa. Essa compreensão aparece claramente na fala de PH, transcrita abaixo. Perguntado sobre qual seria a mensagem de uma marca de vestuário que se inspirasse na cidade de Indaiatuba, o jovem respondeu:

“A mensagem seria ‘Eu sou uma burguesinha conservadora!’ Aqui em Indaiatuba a maioria das marcas que eu vejo é da galera que se veste de uma forma bem normativa, conservadora e que não sai daquilo, sabe? Não expande muito a visão pra outros olhares da moda. Então acho que a imagem que alguma marca daqui fosse passar seria essa, de um conservadorismo maior, de uma forma mais discreta, mais comportada. Você não veria um recorte diferente, um *mood* diferente.”

Outrossim, é comum que essa percepção apareça na comparação com outras cidades. Indaiatuba, além de ser uma “cidade conservadora” no que se refere à defesa dos valores e costumes tidos como tradicionais, também “é mais conservadora que...”.

Essa comparação aparece explicitamente nas falas abaixo transcritas. Os jovens Mazzi5E e Vini Alceu afirmam que outras cidades do interior ou as capitais são mais acolhedoras às expressões de arte de seus segmentos de atuação:

“Tem interior e tem interior. Tem interior que o hip-hop é super afetivo, mano, então tem Porto Feliz, por exemplo, fazer um trampo de rua em Porto Feliz é uma experiência da hora. Já em Indaiatuba, jamais! Então, eu acho que vai mais do movimento, como que ele chega na sua cidade. Em Salto, a juventude tem força, apesar de não ser muito, se a gente compara com a capital. Em Indaiatuba, em compensação, eu nunca sinto que nosso trampo é bem recebido.” Mazzi 5E

“Nossa atuação, nosso estilo, não é tão diferente [em relação a atuação dos coletivos da capital], mas aqui no interior a gente tem essa coisa muito de elitizar a cultura, até mais do que essas grandes cidades. Se você chegar nessas grandes cidades, lá na secretaria de cultura, é... de São Paulo, por exemplo. Chegar lá pros pessoal que faz os eventos de cultura lá e falar que precisa mostrar o rap, eles vão falar: Ok. Agora na daqui eu já não sei. Na daqui já vai ser um pouquinho mais complicado, porque eles enxergam isso como uma marginalização ainda, como algo errado. E acaba forçando a consumir um determinado, uma determinada coisa. Aí dentro desse mesmo sistema, o que que eles fazem? Eles começam a boicotar, né?” Vini Alceu

Os jovens também referem acreditar que as desigualdades sociais em Indaiatuba não são tão evidentes se comparadas ao observado nas grandes cidades. Bruno Peron e Vini Alceu creem que isso se deva a uma menor segregação socioterritorial: devido à sua população e área territorial, Indaiatuba não teria uma grande distância física entre os bairros ricos e os bairros pobres, conforme fala transcrita abaixo:

“A diferença é... que tem, tipo, de uma cidade grande pra uma cidade pequena são as proporções que se dão as desigualdades. Tipo... em uma cidade grande você tem é... uma desigualdade muito mais cabulosa, assim, as pessoas da periferia não podem sair de seus bairros e tal. É outra proporção. E em algumas cidades do interior, que eu acho que você, assim, não é uma regra também, porque, sei lá se for pegar no interior aí o cara que tem uma fazenda e o do lado tem uma palhoça. Então, sei lá. Mas tipo, ao meu ver, assim, pelo menos, o nosso interior aí, a cidade Indaiatuba, ela tem uma desigualdade um pouco mais reduzida assim, comparado a cidades grandes, em outros moldes. Eu acho que essa é a maior diferença assim, de você tá numa cidade grande e numa cidade do interior.” Bruno Peron

“Então, se a gente pega essas grandes cidades, tem lá... 1 milhão de habitantes, e aqui tem 200 mil, mas só que aí nesse 1 milhão de habitantes, tem tal proporção que são pobres, que aí se reúne em determinado espaço, aí você consegue enxergar aquilo e fala: pô, ali tá a favela. Aqui em Indaiatuba, já é um pouco dividido as pessoas nisso, por causa da proporção populacional, né? Então, acaba meio que espalhando com as outras pessoas que tem um... uma condição

financeira um pouquinho mais favorável, e aí dá... às vezes dá essa impressão de que aqui não existe essa desigualdade tão grande. E... existe uma desigualdade grande, existe várias pessoas assim, em situações assim, bem chatas, né?" Vini Alceu

Apesar de os jovens acima manterem esta opinião, a percepção da hierarquização do espaço, culminando na dificuldade de acesso ao transporte público, foi citada em quase todas as edições. Nats Pereira, por exemplo, narrou uma das estratégias que usava para atravessar os sete quilômetros que separavam seu bairro de residência da Pista de Skate quando não tinha dinheiro suficiente para o pagamento da tarifa do transporte coletivo:

"Eu ia quase todos os dias para a pista do Parque Ecológico andando, a pé ou de skate. É longe para caralho! Eu já caí nas ladeiras do Campo Bonito, já me machuquei muito. Também enrolava os motoristas de ônibus para entrar. Entrava com o bilhete que sabia que não tinha mais saldo, mas quando chegava ali perto do Parque Ecológico eu tentava passar e fingia surpresa. 'Nossa, como assim não tem saldo?'"

A dificuldade de acesso ao transporte também aparece para aqueles jovens que dispõem de carro próprio e desejam visitar as cidades vizinhas. Bruno Peron cita o pedágio na rodovia que dá acesso a Indaiatuba como um grande impeditivo para a articulação entre o seu coletivo e outros da região, conforme a fala transcrita abaixo:

"Tipo assim, uma coisa que sempre escutava, sabe? Por exemplo, de pessoas que eu ia pra Campinas, por exemplo, pra fazer o rolê lá. Campinas é já uma cidade maior que Indaiatuba. Aí, eu falava do sarau e tal, aí sempre o que eu escutava era, da galera: pô, mas tem que pagar um pedágio de 13 reais pra ir pra lá, pra ver um sarau. E tipo, nem fica só 13 reais não, né? Fica 26 reais, porque é ida e volta. Trinta conto num rolê? Eu pago isso num barzinho que eu vou ficar aqui consumindo, fico na minha própria cidade, com meus amigos aqui. Então tipo, o quanto também tinha algumas barreiras que são colocadas ali também e que geram essa dificuldade."

A despeito das dificuldades de circulação, os jovens constroem seus circuitos e trajetos na cidade, atribuindo novos sentidos aos lugares em que estabelecem suas relações. As transmissões foram realizadas entre fevereiro e março de 2021, momento em que os encontros presenciais estavam bastante reduzidos há já cerca de um ano em razão das medidas de prevenção para a propagação da COVID - 19. Contudo, a especialidade concreta das experiências juvenis permaneceu, ainda que no campo da memória, e foi mencionada em várias edições. A minha hipótese é que a circulação reduzida acabou limitando a menção dos jovens aos únicos lugares que poderiam ser frequentados àquela ocasião. A saber, os lugares mencionados circundavam duas importantes localizações da cidade: 1. o Jardim Morada do Sol e 2. o Parque Ecológico da cidade. Descreveremos cada um destes a seguir.

5.2.2 Jardim Morada do Sol

Em referência ao lugar de moradia ou a espaços de lazer e sociabilidade, o Jardim Morada do Sol foi citado por vários jovens. Uma das possíveis explicações para a proeminência do bairro nas lugarizações mencionadas se deve ao fato de este ser o bairro mais populoso da cidade, com cerca de 70 mil habitantes, o que corresponde a 27% da população da cidade (PARRA, 2020).

Alves (2019) aponta que o bairro em questão nasceu da criação de loteamentos populares que visavam apoiar a industrialização de Indaiatuba que se deu a partir da década de 1970 e recebeu uma massiva migração de famílias das regiões norte e centro-oeste do Paraná. O autor narra situações em que os seus moradores teriam sido tratados com “níveis elevados de violência moral com pronunciamentos que anunciam ofensas, por vezes, no esforço em legitimar certa ideia de hierarquia social entre sujeitos” (p. 171), por meio de um “suposto mapeamento tendencioso que demonstra o contorno social e cultural da população de Indaiatuba” (p. 121). A princípio bastante precário, o bairro foi avançando em urbanização a partir da emergência de “práticas de mobilizações populares pelas exigências de moradia, transporte, saúde, saneamento e outras questões que tocam as necessidades daqueles que moram em bairros populares” (p. 153).

Ainda que a região tenha sido segmentada no decorrer dos anos, popularmente toda a área da zona sul da cidade é conhecida como “Morada do Sol”. Atualmente, o bairro conta com uma estrutura própria de comércio, educação, saúde e demais serviços. Por meio de levantamento próprio realizado junto aos sites da prefeitura e do governo estadual, verifico os serviços públicos localizados na região: há em seu território quatro Unidades Básicas de Saúde, uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e dois ambulatórios vinculados ao SUS. Na área da educação, há quatro escolas estaduais e dezenove unidades educacionais municipais, entre creches e escolas municipais de educação básica. O bairro também conta com dois centros esportivos, um colegiado do Conselho Tutelar e duas unidades do Centro de Referência de Assistência Social.

A região conhecida como “Morada do Sol” foi citada por Bruninho Gonzaga como a localização de eventos de lazer que foram marcantes em sua história pessoal com o rap. Também foi citada por PH como uma importante referência para seus

“garimpos” de roupas usadas: os brechós mantidos nos quintais das casas teriam peças bastante valiosas, de acordo com o jovem. Abaixo, transcrevo tais menções:

“Bom, eu estudei no Antônio de Pádua nos final dos anos 1990, na explosão da periferia de Indaiatuba e do Jardim Morada do Sol. Conheci lá os B.O. MC’s, que são da família do Lindomar ali na frente da escola... Era muita gente, o Correria, o João Malaquias... Gente que eu via na porta da escola e me despertavam pra música, para a arte que tem a responsabilidade de dizer. Os bailes do Antônio movimentavam muito a cena cultural da cidade. Eu tive a sorte de crescer na presença dessas grandes figuras do rap e aprender a curtir a música periférica em todas as suas formas, desde o samba até o rap.” Bruninho Gonzaga

“Dá uma olhada nesses bairros da Morada do Sol, mais nas quebradas de Indaiatuba, que sempre tem uns brechós mais antigos, das tias do bairro mesmo. Aí você vai dar uma caçada e cê encontra umas peças das manas de séculos passados e é uma peça muito foda que você pagaria tipo uns R\$ 300,00 se fosse numa loja convencional, e lá você paga tipo R\$ 15,00. Isso acontece bastante comigo, principalmente jaqueta. Jaqueta vintage mesmo, CGC¹⁶, jaqueta de marca boa que eu vejo que é tipo 400 conto e a gente consegue achar por 100, consegue achar por 70! Já expliquei o que é CGC pra minha vizinha e pra quase todas as tias de brechó de garagem que eu conheço e antes de colocar para vender, elas guardam para eu ver.” PH

Essas menções são relevantes na medida que evidenciam a existência de um “pedaço”: lugar que representa a intersecção entre a casa e a rua, onde “a casa se abre para fora e a rua se torna mais acolhedora” (MAGNANI, 2005, p. 14). Ainda que os brechós de garagem e os bailes sejam dinâmicos e talvez já não ocorram mais da mesma forma ou no mesmo lugar, não é sua localização geográfica que sozinha atribui a eles o sentido de pedaço, mas as relações que se estabelecem a partir deles, “denotando lealdades, códigos partilhados, pertencimentos” (MAGNANI, 1992, p. 192).

5.2.3 Parque Ecológico

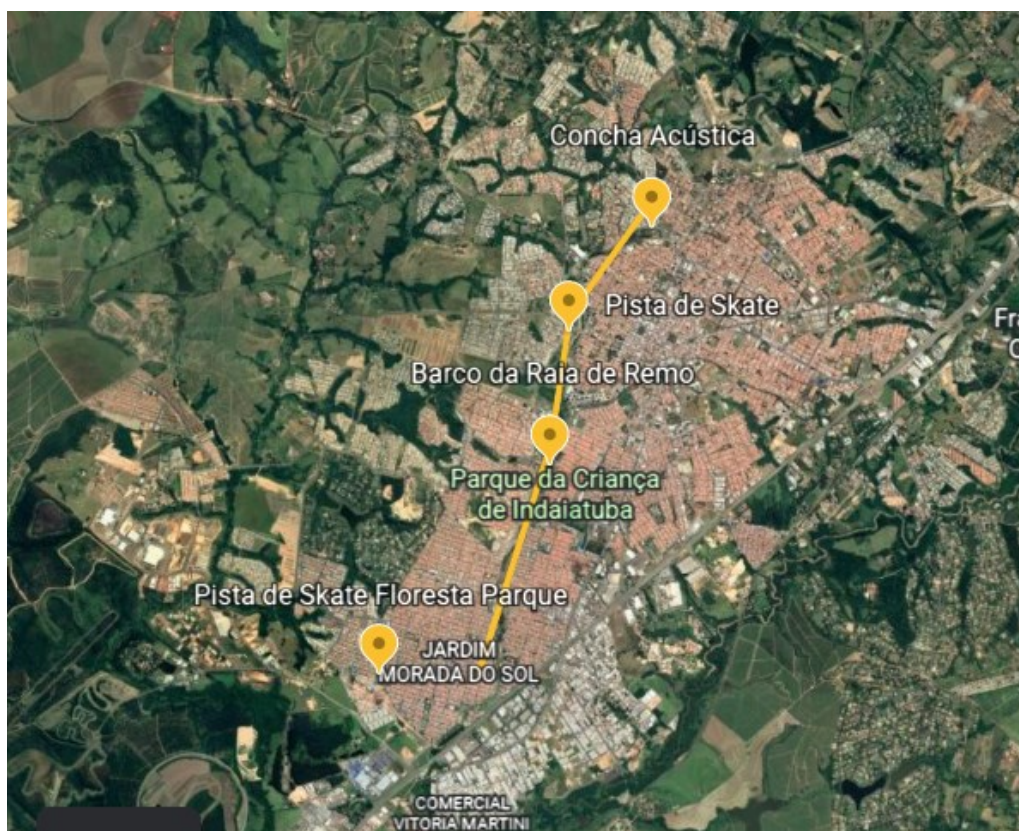
Inaugurado em 1992, o Parque Ecológico de Indaiatuba corta a cidade em 80% de sua totalidade, sendo um dos maiores do Brasil em extensão linear (INDAIATUBA, s/d). Seu perímetro é cortado por ciclovias e pistas de caminhada e abrange “bosques, lagos, jardins, áreas de recreação, quadras esportivas, uma pista de bicicross oficial,

¹⁶ A sigla CGC significa “Cadastro Geral de Contribuintes” e precede o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) (BRASIL, s.d.). Para os garimpeiros de roupas usadas, uma peça que tem CGC é comprovadamente uma peça *vintage*, por ter sido fabricada antes de 1998, data em que o CNPJ passou a entrar em vigência.

uma pista de skate profissional, uma raia de remo olímpico, equipamentos de ginástica, uma praça de eventos e parque temático infantil” (Idem, Ibidem).

Os jovens participantes do estudo mencionam o Parque Ecológico como um lugar de encontro: quando os estabelecimentos comerciais estavam fechados em razão das orientações de distanciamento social para conter o avanço da pandemia do novo Coronavírus, os jovens se aglomeravam “na concha, no barco” (Talita Alves). É no Parque Ecológico que acontecia a maior parte dos saraus do coletivo Complexidade, na Concha Acústica ou no Barco, monumento que indica a Raia de Remo do parque. O Parque Ecológico também abriga a pista de skate mencionada pelas garotas do Coletivo Elas no Skate, e em seus arredores está a Pista de Skate Floresta Park, referida por elas como “a pistinha do Paulista”, que mencionaram gostar de frequentar quando a pista de skate principal está fechada. Abaixo, coloco a imagem de uma sistematização dos lugares mencionados pelos jovens em uma fotografia da cidade, tirada por satélite.

Figura 10: Parque Ecológico de Indaiatuba



Fonte: Google Earth.

Como pode ser percebido na imagem acima, o Parque Ecológico é a linha amarela que liga espaços importantes para as práticas culturais e de sociabilidade dos

jovens. Ele é parte do Jardim Morada do Sol, é cenário para os adeptos do skate e da realização de saraus de rua. Ainda que este levantamento tenha sido feito em um momento de circulação reduzida, podemos concluir que o Parque Ecológico consiste em um importante circuito de lazer para os jovens entrevistados. São os circuitos e pedaços que dão liga à construção das narrativas de pertencimento entre os grupos, acerca das quais falaremos a seguir.

5.3 “Esse afeto é tudo o que a gente tem na vida”: PERTENCER

*“Farei um altar para comunhão
Nele eu serei um com o mundo
Até ver o ubuntu da emancipação
Porque eu descobri o segredo
que me faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo”
(EMICIDA, 2019)*

É sabido que o ser humano é um ser social, cuja “condição gregária é inexorável e necessária não só para sua sobrevivência, mas para seu bem-estar” (TORRES, 2013, p. 11). As sociabilidades humanas, em diferentes estações da vida, são marcadas por modos de viver e conviver que, em sua diversidade, são atravessados por questões culturais, econômicas e políticas que se expressam na complexidade das relações cotidianas. Nesse sentido, o sociólogo francês Serge Paugam (2008) afirma que a ideia de que o indivíduo não pode viver sem estabelecer vínculos está na “raiz da razão de ser da sociologia enquanto domínio de conhecimento sistemático” (p. 12). O autor aponta que os vínculos sociais trazem consigo a resposta para todas as necessidades humanas e propõe uma tipologia dos vínculos sociais, diferenciando-os em quatro tipos, complementares e inter cruzados:

“O primeiro destes o laço de filiação, no sentido de relações de parentesco; o laço de participação eletiva, no sentido de relações entre próximos escolhidos; o laço de participação orgânica, no sentido da solidariedade orgânica e da integração profissional; e o laço de cidadania, no sentido das relações de igualdade entre os membros de uma mesma comunidade política.” (PAUGAM, 2019, p. 215)

Para o autor, é por meio dos vínculos que o indivíduo assegura para si proteção e reconhecimento à própria existência e identidade. A proteção remete ao repertório de suportes com que o indivíduo pode contar diante dos riscos da vida, sejam eles de origem familiar, comunitária, profissional ou advindos da ação governamental (PAUGAM, GUIMARÃES e PRATES, 2020, p. 267). O reconhecimento, por sua vez,

se refere às relações cultivadas pelo sujeito que revelam o quão valorizado ele é, o quanto ele importa para os outros que lhe são significativos. A partir desta formulação, Torres (2013) aponta que os vínculos sociais carregam consigo a potência de mobilizar afetos que são capazes de fortalecer ou enfraquecer a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima dos sujeitos. Ter vínculos de filiação e eletivos fortalecidos, por exemplo, pode assegurar o reconhecimento de que “sou digno de ser amado”. Vínculos orgânicos e de cidadania saudáveis levam ao reconhecimento de que “valho tanto quanto os demais” e “minhas particularidades são dignas de serem admiradas e respeitadas” (p. 44).

Em contrapartida, a fragilização ou o rompimento de algum destes vínculos gera desproteção e vulnerabilidade, afetando profundamente a autopercepção dos sujeitos. A vivência de situações de violência, de acesso precário a bens e serviços ou de características pessoais socialmente discriminadas de forma negativa pode afetar os vínculos cultivados pelos indivíduos e, por conseguinte, as suas redes de proteção e reconhecimento e seus sentimentos de pertencimento social. O sentimento de pertencimento é, portanto, a amálgama dos diferentes vínculos cultivados pelos indivíduos, a partir das condições materiais e subjetivas que vivenciam.

É nesse sentido que o *pertencimento* aparece como uma importante questão trazida pelos grupos interlocutores desta pesquisa. Esta categoria é composta pelos afetos que sustentam e fortalecem as relações que se estabelecem entre os jovens: a partilha de interesses e afinidades comuns se desdobra no gostar do outro, admirá-lo e ser admirado por ele, apreciar a sua companhia. Andar de skate, produzir material audiovisual ou apreciar apresentações artísticas e musicais, por exemplo, passam a ganhar novos sentidos: além de atividades prazerosas, constituem espaços de convivência onde os vínculos que cultivam com seus pares são fortalecidos. Uma evidência da dimensão afetiva das relações de pertencimento estabelecidas nos coletivos culturais participantes desta pesquisa pode ser percebida na fala de Vinicius Durock, transcrita abaixo:

“E eu acho que eu entrei também numa conclusão, assim, nessa época de pandemia, que pô, o skate é legal e tal, a gente gosta de manobrar, só que eu acho que a gente gosta mesmo é de ‘tá em grupo. Eu acho que o que mais faz falta nisso tudo, com certeza é o contato. E eu acho que essa fase fez a gente parar e pensar o que é realmente importante, sabe? Então, me fez pensar que é importante eu estar com meus amigos e estar mostrando que eu quero estar com eles, ter esse contato, ter esse carinho, ter esse afeto, sabe? Porque eu acho que esse afeto é tudo que a gente tem na vida.”

Ora, as relações que se estabelecem entre jovens que se aproximam nas contingências da vida e compartilham o cotidiano constituem uma importante potência de fortalecimento identitário. É a partir desse reconhecimento de si que se dá na relação com o outro que eles ocupam os lugares na cidade e no ciberespaço, fazem planos para o futuro e criam estratégias de enfrentamento para os desafios que vivenciam.

A investigação e análise do material produzido permitiu identificar alguns aspectos centrais nas formas com que os jovens sustentam suas narrativas de pertencimento. Elas parecem se desenvolver a partir de dois movimentos: há a sua *acolhida* no grupo, atravessada por afetos de identificação e encantamento. A partir deste acolhimento é que os jovens desenvolvem afinidades, sonhos e desejos comuns, que constituem como base para a *multiplicação* de suas relações. Estes movimentos devem ser compreendidos como ações contínuas do processo de vincular-se, uma vez que atravessam toda a relação dos jovens com os grupos.

5.3.1 “Se você vai na pista e vê uma mina andando, você já se sente mais no seu lugar”: Acolhimento

Perguntados acerca dos momentos iniciais de sua vinculação a determinado coletivo, o deslumbramento aparece como um afeto universal às experiências dos jovens. Este “estar encantado” parte da experiência de sentir-se acolhido a partir da valorização de suas vivências ou características pessoais. Ao narrar sua experiência enquanto “garimpeira de roupas”, a jovem Taís Fonte aponta o momento em que deixou de considerar o ato de usar roupas usadas algo do qual se envergonhar e passou afirmá-lo como algo passível de ser admirado:

“[...] Era vergonhoso você ser visto dentro de um brechó catando uma roupa! Eu lembro que eu ia para a escola com uma bolsa da Perdigão, uma bolsa que era para guardar frango. [...] tudo o que eu vestia era do brechó ou era doado. Você ser visto comprando ali era motivo de chacota, motivo de você ser piada, ser suja. Você por ser preta já é considerada uma pessoa desprivilegiada, isso e aquilo, e vestir roupa de segunda mão era o ó! E essa bolsa era do brechó, tudo o que eu vestia era do brechó ou era doado. Então quando as pessoas passavam e me viam garimpando brechó, mesmo sendo da minha escola ou do meu bairro da quebrada, eu morria de vergonha. Mas chegou uma época, assim dos 16 anos, que eu comecei a dar mais rolê e tudo mais, as pessoas começavam a elogiar muito as minhas roupas, e eu falava ‘Você achou bonito? Tudo isso aqui que eu tô vestindo deu 7 reais!’ e as pessoas ficavam ‘Como assim? Meu Deus!’ e eu falava ‘Gente, brechó!’ E aí eu comecei a perceber que o brechó podia ser algo e passei a ter orgulho de garimpar [...]. Não fico mais

escondida, fiz amigos no brechó. Também levo amigas para garimpar comigo.”

Taís afirma que passou a ter orgulho desta dimensão de sua vida a partir do momento em que se percebeu valorizada pelos seus pares e passou a partilhá-la com outras pessoas. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento parece emergir do ato de ter a possibilidade de reconhecer no outro a valorização e a partilha de vivências e características pessoais. Os jovens participantes denominam este reconhecimento como “representatividade”, conforme pode ser visto na fala do poeta Vini Alceu:

“Aí comecei a ler Vinicius de Moraes, que foi o primeiro poeta que eu tive contato. Por causa do meu nome criei uma identificação... Pô, Vinicius, Vinicius, eu vou lá ver. Aí tá a representatividade, hein? Olha só, por causa do nome, que eu fui me conectar com ele, mas se eu tivesse aprendido sobre poetas pretos, eu teria começado [a me interessar por poesia] antes, é que eu não conhecia.”

O jovem fala sobre como sentiu falta de conhecer referências artísticas semelhantes a ele e nomeia essa lacuna como um problema de “representatividade”. Dess (2022) afirma que o uso coloquial do termo “representatividade” no Brasil condensa sentidos estéticos e políticos e significa:

“[...] a qualidade que, ao mesmo tempo, gera e é gerada por um organismo representativo quando esse adquire a capacidade de representar esteticamente, politicamente e socialmente determinada coletividade, sendo essa coletividade, na maioria das vezes, um grupo social minoritário.” (p. 8)

Compreender a representatividade enquanto uma categoria estético-política implica em reconhecer sua potência na construção de identidades e subjetividades. Mais que a mera organização de grupos para que tenham seus interesses representados, a representatividade funciona como um dispositivo de formação da subjetividade dos indivíduos que os compõem: ao ver alguém que partilha comigo alguma característica pessoal ocupando um determinado espaço, eu percebo que também posso chegar lá. Em sua constituição subjetiva, o sujeito não representado é aquele que tem dificuldade em se reconhecer naquele outro posto como padrão, a partir do qual as demais existências serão avaliadas e hierarquizadas (FRANCO LIMA E SILVA e BORGES DA SILVA, 2019). Sentir-se representado, portanto, é um componente central nas narrativas de pertencimento e vinculação dos jovens. Um exemplo desta relação pode ser percebido na fala transcrita abaixo. A jovem Nats Pereira refere que a partir do consumo do conteúdo que o coletivo Elas no Skate produz para as redes sociais, muitas meninas sentiram-se encorajadas para ocupar as pistas de skate de suas cidades:

“Eu recebo mensagens de meninas que andavam sozinhas nas pistas delas e agora, graças ao meu trabalho, já tem um grupinho de meninas skatistas formado. [...] Eu fico muito surpresa e agradecida em ver essa evolução. Por conta da representatividade também, né? Se você vai na pista e vê uma mina andando, você já se sente mais no seu lugar. Por mais que a maioria seja de moleques, quando você vê que tem uma *mina* que tem a coragem de andar... é muito gostoso e importante.”

Andar de skate com outras meninas, no caso, significa que sua presença deixaria de estar sob suspeição neste espaço. Suas ações, desafios e conquistas seriam legitimadas pelos seus pares. O mesmo se aplica a ser um poeta não-branco ou a vestir-se com roupas usadas: ver-se representado na partilha dos espaços significa, em um sentido amplo, “ser visível, ter a sua existência reconhecida e legitimada” (FRANCO LIMA E SILVA e BORGES DA SILVA, 2019, p. 36). É a partir das associações e pertencimentos criados nessas legitimações que os jovens se sentem encorajados a ocupar espaços e desafiar hegemonias. O poeta Bruno Peron aponta o impacto da formação de núcleos de pertencimento na cena cultural da cidade na fala abaixo:

“*Pô*, [no sarau] eu vi mulheres, eu vi casais homoafetivos, eu vi pessoas pretas... eu vi tanta gente, uma mistura tão bacana. Todo mundo tendo voz ali para falar, todo mundo colocando o nome no caderninho e indo lá, e as pessoas que não falavam se sentiam representadas por aquelas que estavam falando ali [...] E eu acho isso maravilhoso, eu acho que isso contribuiu muito pra cidade, pra mostrar que a arte é plural. Eu enxergo a arte em Indaiatuba do antes e depois do Complexidade. [...] Tem o Concurso Literário “Acrísio de Camargo” aqui em Indaiatuba, que dava um prêmio para as pessoas que mandassem poesias, crônicas ou contos. E aí chegou um ponto que não tinha, não estava tendo tantas inscrições. Aí ficou um tempo sem fazer, esse tempo coincidiu assim com o pico que do Sarau Complexidade na concha. Aí eles lançaram de novo essa campanha do Acrísio de Camargo, do prêmio, mas eles limitaram a idade, foram até 29 anos. Bateu o recorde de inscrição. Aí tipo ‘cê para e pensa: *peraí*, como que bateu o recorde de inscrição, e antes não *tava* nem tendo inscrito? Aí eu fui em um dos eventos que estava celebrando os premiados, pelo menos meia dúzia das pessoas que ganhara, eu já vi declamarem no Sarau.”

Para o jovem, a representatividade dos saraus foi um ponto central para que os jovens passassem a ocupar os espaços oficiais da cultura na cidade. Enquanto espaços coletivos e diversos de apreciação artística, os saraus ofereciam para os seus frequentadores a legitimação e segurança de que suas produções importam. Neste sentido, percebe-se a materialização da ideia de Pais: “as identidades grupais entrecruzam-se com identidades pessoais em processos de identificação que refletem a intersecção de um ‘eu’ com um ‘nós’” (2011, p. 35). A relação com os pares passa

a ser uma referência de identidade, como pode ser percebido na fala do grafiteiro Estranho, transcrita abaixo:

“É, na realidade, as pessoas que tipo, tão junto com você são as pessoas que te inspiram, sabe? ‘Cê sempre passa por temporada em que você ‘tá com uma galera, e essa galera te passa uma *vibe*, e você continua, vai passando o tempo, você já ‘tá em outra galera, e essa galera te dá a maior *vibe*, te passa a *vibe* pra você continuar, pra você dar continuação na sua parada. Porque, tipo, você nem sempre se identifica com quem sai na capa da revista, entendeu? Você tipo, pega a referência, você vê como que é as paradas e tal, mas na realidade, a inspiração mesmo, é a galera que tá junto com você e que te dá o apoio com as paradas que você cria, tá ligado? São as pessoas que estão junto, que são as pessoas que mais inspiram.”

Perguntado sobre suas principais fontes de inspiração, o jovem aponta que ainda que consuma conteúdos diversos, seus pares são suas maiores referências. Ora, sentir-se entre iguais também se demonstrou um importante elemento de acolhimento para os jovens em seus grupos de pertença. Os jovens admiram figuras de referência em seus segmentos de atuação, mas valorizam ser tratados “de igual para igual”. Perguntados sobre as experiências significativas de valorização pessoal em sua história nos coletivos, os jovens apontam experiências em que são tratados com personalidade e valorização por personalidades que admiram. Evidências desta percepção podem ser lidas nas falas abaixo:

“E no domingo eu abri o show do Rap Plus Size, que é uma referência enorme pra mim. A partir dali eu me tornei amiga deles, sentamos no bar para beber juntos, conversamos no WhatsApp e foi muito foda ser vista como igual por um grupo que eu admirava tanto.” Jessi

“Porra, cara, o Kamau para mim é a principal referência que eu tenho. No show, ele pediu alguém no palco para animar. Os caras que eu estava junto começaram a me empurrar, a me incentivar para ir. Ele me chamou pra subir no palco, mas eu não fui, mas curti muito o show. Ele deve ter visto que eu era muito fã, conhecia todas as letras e tal. No final do show, ele viu que eu comprei um CD e me chamou e pediu para autografar o CD. Ele perguntou meu nome, eu falei: ‘Vinicius’. Ele falou: ‘Bonito nome!’, porque o nome dele é Marcus Vinicius. A gente riu, se abraçou, tenho o CD até hoje. Esse é o meu biscoito.” Vica

“Eu doei umas 20 unidades [do meu livro] para um projeto lá do Rio de Janeiro, que é o projeto “Livrar” do Marechal, né? [...] deu uma semana assim, o choque. O cara não me posta no Instagram dele mano, uma foto de vários livros e ‘tá lá meu livro, no cantinho junto com o ‘A história da Cultura Hip-Hop’ e vários outros livros fodas assim, no perfil do cara! Eu fiquei tipo: porra, biscoito master! E... ele me seguiu no Instagram, o Black Alien também. Nossa, todos os shows que eu ia, eu entregava livro para os caras. Falava: ‘ah irmão, eu sou escritor, toma aí um presente, curto muito seu trampo, ‘cê me inspirou de várias formas e tal. Gostaria que ‘cê lesse’. Aí tipo, nisso, várias pessoas

assim, Black Alien me segue, Sérgio Vaz, tipo... maior biscoitagem.”
Bruno Peron – Opoeta7c

A fala de Bruno Peron traz um importante elemento das narrativas de pertencimento dos jovens: a Internet enquanto territorialidade. Retomando a discussão sobre sociabilidade virtual iniciada no capítulo 2, verifica-se que para os jovens participantes, a sociabilidade no meio virtual não se apresenta como mera expressão das relações offline, tampouco como antagonista destas, mas como uma complexificação das mesmas (NICOLACI-DA-COSTA, 2005). Nesse sentido, o *seguir*, as curtidas, compartilhamentos e comentários nas redes sociais virtuais assumem funções de comunicação (RICUERO, 2009), expressando uma forma de relacionamento. No TikTok esses recursos são ainda mais abrangentes: cito como exemplo os vídeos de reação, onde um usuário pode se gravar reagindo a um vídeo que já existe e acrescentar essa gravação à tela para que os dois sejam visualizados simultaneamente; e os vídeos-duetos, similares ao recurso de reação, mas com a finalidade de participar indiretamente de um vídeo já compartilhado (CHIES e REBS, 2021). O relacionamento virtual ganha contornos que permitem compreendê-lo como parte da acolhida e da vinculação aos grupos. As relações de interação no meio virtual ecoam no mundo concreto, afetando de diferentes formas as relações entre os jovens, conforme pode ser verificado nos trechos a seguir:

“Tem uma galera no Youtube, no Instagram, no TikTok que gosta de me ver andando, que se inspira nos meus corres. Nem consigo acompanhar, são milhares de likes por dia. Tem menina que começou a andar por causa dos meus vídeos e hoje está melhor que eu! [...] Eu postava vídeos de treinos, de mim mesma aprendendo manobras. Já gravei react de vídeo que mostrava eu sendo tema de trabalho de história no ensino médio, me colocando como exemplo de representatividade, como uma mulher feminista e que faz história. Foi uma menina do Rio de Janeiro, que apresentou várias feministas negras e eu era a única viva e jovem. Foi muito lindo e muito bom saber disso, saber que eu e Lélia González e Carolina Maria de Jesus estivemos no mesmo trabalho.” Nats Pereira

“Eu tava pensando aqui, nas coisas que me deixam pistola. Acho que pode ser uma coisa comum entre todos nós, que precisamos expor nosso trabalho no Instagram. Gente, a interação não mata, não custa nada! Uma curtida, uma interação com os stories, é só isso! Tem gente que se diz amigo, mas pula todos os stories, nunca curte e nem comenta nada... Aí não dá, né? Dá aquele up pra gente, por favor!” Ana Beatriz

Desta forma, fica evidente que as narrativas de pertencimento são construídas a partir do conjunto de evidências de reciprocidade que os jovens cultivam entre si,

aqui nomeadas como *acolhimento*. Os elementos que fortalecem e sustentam essa relação são o prazer de gostar e de ser gostado, admirar e ser admirado e o cultivo de interesses e afinidades comuns. Relacionar-se com o outro a partir dessa perspectiva leva os jovens a compartilharem demandas e sonhos, compreendendo a dimensão coletiva de suas experiências. É assim que estes afetos criam a base para a multiplicação deste pertencimento, acerca da qual falaremos a seguir.

5.3.2 “A gente tem que puxar um ao outro”: Multiplicação

O contato com os grupos interlocutores da pesquisa evidenciou que o pertencimento aos grupos se expande e multiplica a partir do conjunto de afetos que sustenta essa relação. Há o entendimento de que suas práticas não possuem um fim em si mesmas, trazendo consigo a possibilidade de representarem formas inovadoras e potentes de expressão pessoal e convivência e transformação comunitárias. Nesse sentido, os jovens parecem reconhecer que no âmbito de suas ações, há uma espécie de *ethos* em que a colaboração deve superar a competição, ainda que estejam disputando um prêmio ou uma vaga de trabalho. Competição e rivalidade são interpretadas como obstáculos para que “o movimento cresça”. Este crescimento está relacionado à ampliação de sua visibilidade e influência e é impulsionado pela qualidade e quantidade de vinculações. Uma evidência desta percepção pode ser verificada nas falas de Mel e Vica, transcritas abaixo:

“[...] quando você é sozinho, você faz um trabalho, mas não consegue abranger ali um projeto grande, né. Então tipo, trabalhando junto, com as pessoas tendo essa consciência, né, de que juntos somos mais fortes e conseguimos fazer mais coisas, dá pra fazer um puta de um trampo muito louco. E às vezes, se você tiver pensamento de sozinho, você se mata ali, faz sozinho, e quando chega na coletividade você consegue até ter mais trampo, cada um com um olhar diferente, cada um com um jeito diferente.” Mel

“Eu abraço alguns projetos, mas tenho um carinho muito grande pelo ComplexCidade. Eu queria alcançar a estruturação do Complex pra gente poder fazer um sarau itinerante pelo Brasil. Eu sei a diferença que um sarau faz na vida de um artista independente, de um trabalhador que é artista mas ainda nem se descobriu. É muito importante, muito foda, fortalecer essas iniciativas em todos os lugares, levar essa transformação pra longe, para atingir cada vez mais pessoas. Às vezes, quando você fala que você quer ser reconhecido nacionalmente, quer que o coletivo seja reconhecido nacionalmente, soa meio prepotente, meio arrogante, mas não é isso. Vai ter mais uma estrelinha no meio de tantas outras que vai estar fazendo a diferença, que as pessoas vão olhar e vão se espelhar, saca? O sarau ComplexCidade pode influenciar outros. Então, quanto

mais estrelinhas a gente tiver nesse céu... Mais iluminado vai ficar aqui embaixo!" Vica

Partindo da apreensão de que a proficuidade de suas ações passa pela ampliação de sua visibilidade, há um entendimento de que aqueles que de fato se comprometem com as ações do grupo devem manter uma postura inclusiva, sem alimentar antagonismos entre seus pares. Evidências dessa percepção podem ser encontradas nas falas transcritas abaixo:

"[...] eu percebo que é muita competitividade e pouco apoio, sabe? As pessoas não ficam felizes pelo sucesso das outras, sempre querem criticar ou criar picuinha. Então acho que o meu "Deus me livre mas quem me dera!" é todo mundo criar uma rede de conexão e um poder ajudar o outro sem ficar desdenhando o que o outro faz." Jaque

"Eu acho que a gente tem que tirar isso da cabeça, eu acho que a união, eu acho que ela é mais importante do que eu pensar que você 'tá fazendo uma coisa e eu tenho que fazer uma coisa diferente. Então eu acho que a soma das pessoas pode ser muito maior quando elas estão juntas. A gente não é concorrente, a gente pode uma hora ou outra 'tá disputando um trabalho, mas eu acho que mesmo disputando um trabalho a gente precisa 'tá junto, ajudar um ao outro. A gente pode levar tudo isso de uma maneira diferente." Vinicius Durock

"Ver o crescimento de outras meninas no skate não me dá inveja, vontade de brigar, me deixa cheia de orgulho. A gente precisa esquecer as picuinhas, as brigas, a vontade de ser melhor que ela... A gente tem que caminhar juntas para fazer o movimento crescer, isso é bem importante para mim." Talita Alves

"Tipo assim, pra mim, o hip-hop, o movimento da rua, o skate... é inclusão, tá ligado? Nós temos que um incentivar o outro, um puxar o outro, entendeu? E aqui, em Indaiatuba, tem uma parada de "ah, com aquele ali eu não pinto, não". Aí depois a pessoa fala "eu trabalho num projeto social, lá, eu sou professor, eu dou aulas" e tal. Mas quando ele vê uma pessoa nova chegando no movimento da cultura, ele fala "vixe, esse cara aí...". Como que esse cara dá aula? Como que ele acha que faz parte do hip-hop se ele não quer incluir? Que inclusão é essa? Se ele não tem hombridade de ver um novo parceiro do movimento chegando, que é pra fortalecer cada vez mais. Quanto mais gente no movimento, mais fortalece! Então essa parada de panela, de querer ser o mais pá, pra mim não rola, tá ligado? Eu sou a favor de todo mundo estar na parada, e quem está começando ser incentivado por quem já está lá." Estranho

A ideia de que o "incentivo" dos mais experientes é importante atravessa as narrativas de pertencimento de todos os grupos entrevistados. Se em uma ponta deste fio está o acolhimento recebido pelos pares ao se aproximarem de determinado grupo, na outra ponta está o entendimento de que esta postura inclusiva e acolhedora é devida àqueles que se aproximarem. Uma evidência deste fato pode ser percebida na resposta dos articuladores do coletivo ComplexCidade a um dos espectadores do

programa. No chat da plataforma, o jovem mencionou que escreve poesias, mas tem vergonha de mostrá-las para alguém. A resposta do poeta Vini Alceu está transcrita abaixo:

“Eu vou te dar uma ideia, cara. A gente tá fazendo um sarau, é live, no Instagram. Então, acompanha a gente, no próximo que tiver, você participa. Ai ‘cê faz o seguinte, ‘cê ta com vergonha, tampa a câmera. Põe a câmera virada pra mesa, ‘cê não aparece, só vamos escutar sua voz. A gente quer escutar as suas palavras, porque é... é, a gente acha que não tem muita importância, mas tem muito, cara, muito, muito. [...] Já teve gente que recitou uma coisa ali morrendo de vergonha no sarau. Recitando baixinho. Eu sempre ouço tudo. É que eu sou chato, eu vou no sarau, eu vou pra prestar atenção nas pessoas que tão lá apresentando. Não sou muito de ficar trocando ideia com os outros não. Então, a pessoa tá baixinho, recitando, eu fico lá perto pra escutar tudo que ela tá falando. E de repente ela fala um verso, ou até a poesia toda, ou o tema, que me traz assim um insight, que eu falo: ‘caraca, não tinha pensado por esse lado, não tinha visto isso, não tinha sentido isso. Olha que coisa maravilhosa, que coisa genial!’ E depois eu vou lá e aperto a mão da pessoa, cumprimento a pessoa, porque sei que ela precisa desse incentivo pra continuar fazendo. [...] Então, Daniel, aparece, cola com *nóis* no insta que ‘cê vai recitar essa fita pra *nóis* sim.”

Acolher novos membros e ser admirado por eles parece constituir uma importante realização, como pode ser percebido na resposta de Talita Alves ao quadro “biscoito”, em que deveria contar algo do qual se orgulhasse em sua trajetória com os grupos. A jovem, que mencionou ter tido poucas referências de mulheres skatistas quando começou a andar de skate, relatou que poder criar um ambiente mais acolhedor para outras crianças e meninas consiste em uma grande realização pessoal:

“Para mim, ter passado conhecimento de skate, ter inspirado de perto algumas minas... É muito bom. Tenho muitas crias aqui na pista, crianças pequenas, meninas... Gente que aprendeu, ouviu, se inspirou e continuou por causa de mim. [...] Eu tenho fé que as próximas gerações vão ter outras referências, porque vai ter a gente para recebê-las. Quando eu cheguei na pista, com onze anos, só tinha moleque. Agora eu sou a tia da pista, ‘tô lá para beijar o machucado de todo mundo!”

O desejo de ampliar as ações e a visibilidade dos grupos, aliado à vontade de admirar e ser admirado parece culminar em alguns pontos comuns. O que mais se destaca é o sonho de materializar suas ações e ideias em um espaço físico. Este espaço teria uma dupla função, servindo como base para a oferta de atividades educativas; e também como um ambiente acolhedor e estruturado para que as ações e relações dos grupos fossem fortalecidas e qualificadas. Este sonho foi claramente

expresso pelo poeta Bruno Peron e pelo grafiteiro Mazzi5E, como pode ser percebido nas falas abaixo transcritas:

“Deus me livre, mas quem me dera: eu conseguir, de fato, que a gente forme uma equipe bem estruturada e consiga construir uma casa de cultura e, assim, ter acesso, ter biblioteca, ter uma sala oficina de poesia, ter computador pra galera fazer aula de graça de programa de edição, de edição de vídeo, ter um estúdio, ter uma casa de cultura mesmo, tipo a casa hip hop em Diadema, assim. É uma parada sinistra, física, assim. E pagar todo mundo em euro, né? Quem dera também.” Bruno Peron – oPoeta7c

“Vou sentir que meu trabalho valeu a pena quando ver que uma criança ou adolescente deixou de fazer uma fita errada pra seguir o meu caminho, e aí sim vai ser biscoitagem. [...] Acho que todo mundo que “trampa” com o hip-hop, ou que conhece a cultura ou se apaixona e tal, tem esse sentimento de querer fazer alguma coisa, de querer mudar algum cenário em que vive, a gente sempre pensa. O sonho de qualquer um é ter um espaço cultural pra molecada frequentar, e tudo, acho que uma das metas seria essa, esse espaço cultural pra gente conseguir desenvolver nossos trabalhos e ver que tem retorno, assim, porque a gente fazer por nós, ir lá, pra fazer, ainda mais nessa pandemia, a gente desenrolar, ir lá fazer um muro, ou qualquer coisa, fazer uma atividade no Instagram e tal, não tem o impacto social que a gente quer, né. A gente precisa voltar pra rua e fazer a diferença, e, por enquanto não tá rolando, aí, mas uma hora vai virar. Essa é a meta.” Mazzi5E

É possível notar nas falas acima que a já referida multiplicação do pertencimento aos grupos de jovens caminha junto ao desejo de efetivarem e ampliarem seu potencial criativo e contestador. Ainda que o desejo de serem financeiramente reconhecidos esteja presente, ele não sobrepõe o anseio por criar novas realidades para as cenas culturais do território, também incidindo sobre as situações de vulnerabilidade e risco social que ali se apresentam. Sobre a dimensão coletiva da criatividade enquanto “motor para a inovação, para a construção de identidades sociais e para a formação de vínculos grupais” (CAMPOS e SARROUY, 2020, p. 26) é que trata a seção a seguir.

5.4 “A causa é muito mais importante que qualquer coisa”: CRIAR

“[...] Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu

preciso ser Outros.
 Eu penso
 renovar o homem
 usando borboletas.”
(BARROS, 2002, p. 79)

Nos estudos sobre juventudes, a criatividade vem sendo tematizada como experiência que tem o potencial de ampliar o campo de possibilidades dos jovens, modificando trajetórias individuais e reinventando vínculos e formas de agregação social (NOVAES, 2006). Campos e Sarrouy (2020) afirmam que a dimensão da criatividade ocupa um espaço central na forma com que a juventude tem sido analisada por parte das Ciências Sociais. A criatividade juvenil é marcada pelo “[...] carácter inovador, muitas vezes disruptivo, de ideias que contribuem para a transformação” (p. 28), e associada à produção cultural e artística, à estética, à mobilização e ao protesto, bem como à promoção de causas sociais, tem sido um “apanágio de diferentes gerações de jovens, pelo menos desde meados do século passado”(p. 20). Para Raposo (2015), a criatividade consiste em locus privilegiado de afirmação dos jovens enquanto sujeitos sociais ao conferir ao lúdico

“[...] uma forte importância não só na elaboração de projetos individuais e coletivos, mas também na mediação com outros mundos sociais, inserindo na cena pública as suas práticas artísticas e estéticas, as suas contradições e angústias.” (p. 72)

Ainda que nem sempre constituam um produto artístico, as criações dos jovens interlocutores deste estudo consistem em mais do que um mero divertimento, trazendo consigo o potencial de redefinir as suas identidades coletivas, anunciar um modo específico de viver a juventude e denunciar violências. No espaço das cidades, as criações dos jovens evidenciam preocupações, vivências, imaginários e alegrias, “criando um espaço comunicacional que frequentemente transpõe as barreiras etárias, geográficas e de classe” (RAPOSO, 2015, p. 76). Essa percepção pode ser verificada na fala de Vica. O jovem narra o momento em que percebeu que a participação em saraus poderia oferecer novos significados à forma de estar no mundo de seus participantes:

“[...] começou a vir gente, a mostrar o trabalho, e através do Sarau Complex eu comecei a conhecer outros gêneros de arte e ver que tinha isso aqui em Indaiatuba, mano! Ver que tinha artista foda de outros gêneros. Gênero que eu falo não é só rap, ou samba, ou rock, ou sertanejo. É mágica, dança, poesia, música, pintura, grafite, teatro, mímica! [...] eu falei: “Caralho, mano!”. A arte vai acontecendo! Tem gente que eu trombava na rua, vendia chip da Claro de segunda a sexta... Mas faz arte foda! [...] Sarau pra mim é resistência: a gente

pode ser pobre e fodido, mas ninguém tira a arte da gente. Sem sarau de rua eu seria vazio. É essa a importância do sarau na minha vida.”

A associação de criatividade à “resistência”, como mencionado por Vica, passou a ser bastante comum a partir dos anos 1980, de acordo com Freire Filho (2007). O autor afirma que este tomou a forma de um “conceito camaleônico” (p. 13): embora tradicionalmente associado a protestos organizados ou a grandes insurreições coletivas contra instituições e ideologias opressivas, passou a ser “frequentemente relacionado a ações mais prosaicas e sutis, gestos menos tipicamente heróicos da vida cotidiana, nem sempre vinculados a derrubadas de regimes políticos ou mesmo a discursos emancipatórios” (p. 18). Resistência passa a ser também reconhecida como uma forma de contestação e protesto que “endereço para os domínios da estética e da comunicação que, como sabemos, são fundamentais em política” (CAMPOS e SARROUY, p. 28), ainda que não necessariamente tenham relação direta com a esfera pública. Isso pode ser visto na fala do jovem PH sobre sua relação com a moda e as próprias vestimentas, apontando que acredita que as roupas deveriam poder ser usadas por pessoas de todos os gêneros e formas corporais.

“A minha visão dentro da moda, como deu pra perceber tanto pelo meu estilo quanto pelas coisas que eu faço, é totalmente fora desse padrão que a galera cria de que tal pessoal tem que usar tal tipo de roupa, com tal tipo de corte e com tal tipo de cor pra valorizar o corpo. Eu penso totalmente o contrário, penso na moda de uma forma muito inclusiva, agênero, que todos os corpos podem vestir o mesmo tipo de roupa, sem ter uma roupa específica pra tal tipo de corpo. E não é tão fácil assim, porque é difícil você achar gente que também abrange esse mesmo tipo de pensamento que eu, principalmente aqui no interior, aqui em Indaiatuba, principalmente, são poucos. Homens fora do padrão que trabalham com moda e levam esse tipo de experiência agênero e pra todos os corpos, acho que quase ninguém! [...] a galera vê o jeito que eu me visto e eles têm uma visão muito conservadora e ligam muito pra sexualidade né, a roupa é a sexualidade, se você veste uma roupa, entre aspas, com corte feminino e você é um homem, basicamente você é homossexual, você é uma pessoa trans. Eu ouço muitas pessoas perguntarem pra mim se eu sou uma pessoa trans por conta das roupas que eu uso, e eu falo ‘Não, galera!’. A imagem que eu quero passar é que eu sou um homem que se veste da maneira que tem vontade de se vestir e usa roupas, só roupas, simplesmente roupas! E que todo mundo é livre para vestir o que bem entender!”

Neste caso, é evidente que esta opção estética explicita um conflito: usando roupas diferentes daquilo que é esperado para um homem jovem de determinada composição corporal, PH desafia os códigos de vestuário designados ao gênero masculino e às expectativas de determinadas normatizações estéticas. Para Lanz (2014), essa opção explicita uma importante forma de contestação, posto que:

“Os corpos que não se conformam aos códigos de vestuário, especialmente os códigos designados para cada um dos gêneros, corpos que desprezam as convenções da sua cultura e se apresentam publicamente sem as roupas apropriadas, são considerados transgressores da ordem social e se arriscam a ser ridicularizados, rejeitados, marginalizados e excluídos.” (p. 93)

Ora, longe de ser uma opção estética esvaziada de sentido, o ato de vestir-se é, para PH, uma forma de expressão que pode estar associada a “modos de envolvimento na esfera pública de natureza não-institucional ou não-convencional” (CAMPOS e SARROUY, 2020, p. 23), podendo remeter para “práticas de mobilização, expressão, reivindicação ou contenda política que utilizam formatos originais, inesperados e disruptivos” (Idem, p. 25). Nesse sentido, é possível constatar neste caso uma evidência do enunciado por Tommasi ao falar sobre manifestações políticas juvenis: “Fugindo das formas tradicionais da política (os partidos, os sindicatos, o movimento estudantil), esses jovens expressariam através do corpo, da performance, da palavra, do traço, suas questões, demandas, denúncias” (2013, p. 13).

Dessa forma, a eleição da criatividade enquanto categoria analítica deste estudo parte da percepção de que esta precipuamente compõe a identidade dos jovens interlocutores da pesquisa: todos eles são jovens que criam. Criam espaços de expressão, criam novas relações com a cidade, criam roupas, literatura, música, material audiovisual. Sua criação, mesmo que em última instância, denuncia violências e normatizações e anuncia possibilidades de transformação. A partir de sua vinculação aos grupos de pertença, os jovens também passam a exercer coletivamente esta criatividade. A importância que os jovens atribuem àquilo que criam permite-nos inferir que o exercício coletivo da criatividade consiste em um dos principais elementos que dão liga às suas narrativas de pertencimento e à identidade coletiva de seus grupos, como pode ser percebido na fala de Ju Videla:

“O que eu ia comentar é que tipo, você tem que encontrar o seu rolê. Respeitar o seu rolê. [...] Assim, quando a gente faz o que a gente gosta, tipo, quando a gente faz as coisas com amor, meio que não tem outra opção sem que o resultado seja uma coisa incrível. [...] Tipo, ‘cê tá aí caminhando e fica nítido quando você coloca você no seu trabalho, e você só consegue fazer isso quando você coloca tipo, amor, paixão no seu trabalho. Quando você está no seu rolê. Tudo isso acontece quando você faz o que tem que fazer, junto com quem faz com você. Encontrar o seu rolê, respeitar ele, estar com quem respeita ele também.”

Sobre “estar no seu rolê [...] com quem respeita ele também”, parece-me haver duas principais dimensões da relação dos jovens com aquilo que criam coletivamente.

A primeira delas é o papel que atribuem ao ato de criar: para os jovens participantes desta pesquisa, a dimensão criativa de suas ações diz respeito às suas formas de expressão. É por meio dela que expressam visões de mundo, identidades, aspirações e denúncias. Criando, expressam aquilo que por vezes é silenciado. Evidências dessa percepção podem ser diretamente verificadas na fala de Bruninho Gonzaga, transcrita abaixo. Enquanto discutia sua relação com o rap, o jovem atribuiu ao exercício coletivo de sua criatividade por meio da música uma importante mobilização afetiva e de reconhecimento identitário, oferecendo-lhe o canal e os códigos para que pudesse ser efetivamente emissor de sua mensagem:

“[...] eu sou preto, pobre, de quebrada. Mano, eu sofria preconceito na escola, na rua atrás de casa, muitas vezes não tinha o que comer em casa. Às vezes eu ia para a casa dos meus amigos, aqui no mesmo bairro, e via os caras ostentando..., mas na minha casa era só cara de choro. Não tinha como viver o que eu vivi, ver o que eu vi e passar pelo que eu passei e fazer outra coisa. Era isso que eu tinha que fazer, era isso que eu tinha que falar. Meu rap manda mensagens, ele é mensageiro. Ele passa a mensagem de quem antes não podia falar, e por isso que ele transforma. [...] Se a gente fosse depender só dos livros convencionais pra saber da nossa história e pra registrar o que a gente passou, fodeu.”

Contudo, a comunicação não é completa sem que haja também um receptor. Expressar aquilo que é silenciado importa, desde que na outra ponta deste fio haja aquele que ouve o que é dito, como pode ser percebido na fala de Bruno Peron:

“E ó, um recado aí ó, eu sempre falo isso: as palavras só valem a pena se forem lidas ou escutadas. Só aí tem sentido. Se ‘cê escreve pra ninguém ler, pra ninguém ouvir... pra quê ‘cê escreve, mano? Deixa a gente escutar, deixa a gente ler, deixa a gente ver, mostra pro mundão.”

Assim, outro importante elemento daquilo que os jovens criam é como suas expressões são consideradas pelos receptores. A partir daí, algumas questões principais emergem desta discussão: o que expressam as criações dos jovens interlocutores do estudo? De que forma? Quem as escuta? Como elas são recebidas? Em vistas de refletir sobre estes questionamentos, organizo a discussão em torno do *criar* a partir destes dois elementos: o que falam e para quem falam.

5.4.1 “Eu canto o que eu gostaria de viver”: o que falam

O movimento de refletir sobre “o que falam” os jovens participantes desta pesquisa deve andar ao lado do entendimento de “de onde falam”. A partir do

entendimento do discurso como um sistema que estrutura um determinado imaginário social, Djamila Ribeiro (2017) estrutura o conceito de lugar de fala, alertando para a necessidade de “entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica” (p. 33). A autora afirma que localizar socialmente um determinado discurso é importante para “refutar uma pretensa universalidade [...], quebrar com o discurso autorizado e único.” (p. 40). Este mesmo movimento pode ser observado nas falas dos jovens sobre suas próprias criações, posto que um importante aspecto do exercício da criatividade dos entrevistados é o que Tommasi (2013) nomeia acionamento identitário. Os jovens interlocutores dessa pesquisa reivindicam o pertencimento a uma periferia territorial, que embora diversa, é simbolicamente unificada “e se contrapõe ao centro dominante; apelando para o reconhecimento político de uma alteridade positivada” (p. 27). Suas produções frequentemente aparecem vinculadas à

“[...] valorização da identidade territorial periférica; a afirmação da autonomia, que se expressa também, às vezes, na recusa a se submeter à normatização implícita nos editais, a denúncia das condições precárias dos serviços públicos da região, o tema do desemprego sempre presente, do trabalho precário” (p. 26).

Os jovens entrevistados explicitam claramente sua percepção acerca do lócus social de onde criam e percebem que sua produção parte deste lugar. Alguns deles se reconhecem diretamente como artistas – de fotografia e vídeo, literatura, música, grafite, moda –; todavia, mesmo que não tenham um produto artístico concreto, os jovens expressam em suas criações a valorização de sua identidade, ainda que parta de um lugar muitas vezes subalternizado. Evidências dessa percepção podem ser percebidas na fala da skatista Nats Pereira sobre como percebe que as relações com o poder local são atravessadas por preconceitos etários e de classe:

“Eu sinto que os skatistas sempre foram marginalizados. Sempre fomos considerados vândalos, gente que destrói tudo. Até hoje a gente enfrenta isso, a gente não tem voz com as autoridades. Elas não nos respeitam, não nos ouvem de verdade. [...] Quando a gente tenta movimentar alguma coisa com a prefeitura, coisas que vão agregar para nós, a gente é ignorado, só ouvem as pessoas mais velhas, os playboys, skatistas de condomínio... E não é por nada não, mas skate não tem nada a ver com ser coxinha. A gente é bem melhor que eles.”

A criatividade dos jovens é exercida por meio de suas ações, ainda que não culmine em um produto artístico concreto. Os skatistas representam exemplarmente essa ideia: “Flaneurs da contemporaneidade” (BRANDÃO, 2011, p. 80), os skatistas criaram novas relações com a cidade, ocupando ruas, praças e avenidas, projetando-as como um grande parque de diversões. Trilharam ao longo das décadas um longo

caminho entre a esportivização e a marginalização, sendo que para as mulheres skatistas, esse caminho ainda está em construção (FIGUEIRA e GOELLNER, 2009). As articuladoras do coletivo Elas no Skate criam, além de tudo o que o skate as provoca para criar, um ambiente diferente para as meninas e mulheres skatistas. Porém, nada disso é sem custo: além de enfrentarem os desafios da marginalização do esporte, Nats Pereira e Talita Alves relatam contestar diariamente o sexismo entre os skatistas:

“O skate é machista. Quem fala que o skate não é machista são só os homens, porque eles não veem as atitudes machistas que eles têm. O fato de você chegar na pista e ter uns caras falando ‘nossa, que gostosa’ ou ficarem te assediando é muito ruim. E vou falar para todos os caras skatistas que estão nos assistindo o que eu sempre falo: grande parte das meninas que estão andando de skate não estão nem aí para você! Elas estão lá para andar de skate, não para se aparecer para homem, nem nada do tipo. Só para fazer o que gostam. Mas infelizmente, homem tem mania de achar que tudo é para eles. Macho fazendo machice, sabe?” Nats Pereira

“[...] são vários auges, muitos comentários machistas. Tipo ‘nossa, até ela manda e você não’. Independente de eu ser uma menina, não tem nada a ver eu mandar manobras bem. É um toque para os meninos entenderem, porque é muito chato. No começo, quando eu tinha uns treze anos, ouvi muitos comentários machistas. ‘Ah, mas você é menina, meninas nunca são tão boas quanto os meninos...’. Vários comentários assim. Para uma criança que está começando no skate, para uma menina... É muito violento e absurdo ouvir isso. Mas os meninos faziam muito isso. Com o tempo eu fui aprendendo a lidar e a brigar: não deixo falar isso para ninguém mais.” Talita Alves

Contudo, ainda que partam de um lugar que muitas vezes é considerado subalternizado, os jovens subvertem a ordem esperada das coisas ao afirmá-lo com orgulho. A alcunha “cultura marginal” foi usada pelo poeta Bruno Peron para definir produções que divergem do considerado como hegemônico em seus segmentos de atuação. Sobre a definição de “cultura marginal”, o jovem aponta:

“Cultura é tudo que aquilo de conhecimento gerado e cultuado pela nossa sociedade. São comportamentos, formas de expressão, formas de vivência, tudo isso, se denomina uma cultura, se constrói. Marginal são de pessoas que estão a margem, daquilo tudo que foi distanciado. Então, a cultura marginal representa isso, um pouco desses comportamentos ideias, pensamentos, expressões, artes, formas de se relacionar, isso através das pessoas que estão às margens, quem foi deixado de lado, seja pela sociedade, seja pelo Estado, seja pela família, enfim. Cultura marginal é tudo isso, o conhecimento produzido por todas as pessoas que foram deixadas um pouco de lado.”

Embora o termo “marginal” seja usado para nomear o gênero literário de “obras produzidas por sujeitos marginalizados (moradores de favelas ou das periferias, presidiários, etc) que se lançaram no mercado com obras que retratam singularidades

de suas trajetórias de vida” (NASCIMENTO, 2006, p. 54), Bruno Peron e Vini Alceu defendem que este pode também abranger outras formas de produção. Na fala transcrita abaixo, Vini Alceu define como “marginal” toda a forma de expressão que não se enquadra dentro dos padrões tradicionais de se produzir cultura:

“[...] conforme as coisas novas vão aparecendo, as pessoas que detém o poder em cima da arte, da cultura, elas são mais antigas, mais brancas, mais ricas, obviamente... e aí tem todo esse tabu. O que é novo é... o que é desconhecido, opa... tá inventando demais, não pode. Então, pra mim, essa arte marginal é a poesia de sarau, o funk, é o rap, é o fato de eu usar uma roupa diferente. [...] Muitas vezes esse jeito dele de se expressar é barrado, então essa arte marginal ela dá essa visibilidade, ela dá essa voz, e cada um do seu jeito vai se apresentando.”

Esse lugar de marginalidade parece constituir um importante elemento no estilo das criações dos jovens. No caso da pichação, por exemplo, a criminalização da prática é parte ineliminável de sua constituição. Contudo, Pereira (2010) propõe que ao invés da noção de delinquência, amplamente empregada pelo senso comum para justificar a atuação dos pichadores; o melhor termo para compreendê-la é a transgressão: “há uma valorização de certa postura marginal, que está presente em diversos momentos de seu cotidiano e não apenas no ato da *pixação*” (p. 152). Isso se comprova na fala de Carol sobre a sua opinião acerca da relação entre grafite e pichação, transcrita a seguir:

“Como sociedade, a gente tem padrões sociais a seguir. E qualquer coisa que fuja desse padrão social é tido como desvio. Pichação, por exemplo: tem uns que falam que é vandalismo, e uns que falam que é arte, mas uma coisa não deveria excluir a outra, na minha opinião. Pelos padrões sociais, aquilo é tido como vandalismo. Só que não é porque é vandalismo que deixa de ser arte. É pelo pensamento das pessoas ser muito extremista, falar ‘não, é vandalismo, então não é mais nada, não é arte, não é expressão social, não é linguagem de jeito nenhum’. [...] não é porque socialmente é entendido como vandalismo, que não é bonito, que não é expressão de outra pessoa, que não é uma expressão coletiva. A sociedade definiu grafite e pichação só pela base penal. Porque a pichação, você sai de madrugada e sai pichando tudo, prédio abandonado, qualquer coisa. O grafite já é um pouco mais sério, mais formal. O pessoal contrata, você tem que ir lá na Prefeitura, então eu acho que a parte de eles separarem grafite de pichação, é mais da parte de legalidade, entendeu? Mas pra mim não tem muita diferença. Pra mim tudo é arte, eu acho tudo bonito e importante. [...]”

Ainda que não tenham um adjetivo específico para definir sua relação com as formas hegemônicas de produzir cultura, os entrevistados demonstram conscientemente optar por não ceder às amarras das normatizações sociais acerca de como deveriam criar. Isso pode ser percebido nas falas transcritas abaixo. Ao falar

sobre o porquê de acreditarem que seu trabalho na moda é diferente dos demais, as jovens afirmaram:

“[...] as marcas - as lojas né - que mais crescem são essas, que revendem essas peças que as blogueiras do Instagram usam. Não é quem pega, desenvolve e propõe outras ideias, é sempre quem copia aquele formatinho. Ninguém cria nada, ninguém pensa em corpos diferentes. Eu não gosto de trabalhar assim.” Ana Beatriz

“Às vezes, as pessoas da periferia em que eu cresci né, do bairro periférico, tentam imitar aquilo que tá ali no Instagram de blogueiras com mais grana, e o que as pessoas com mais grana em Indaiatuba realmente fazem é isso: pegar esse look tipo blogueira Instagram e vão mostrando isso e as pessoas querem comprar isso. Eu acho que às vezes a gente até tenta fazer isso no brechó, mas é muito difícil pra mim.” Taís Fonte

É a partir deste reconhecimento do caráter disruptivo e contestador de sua produção que os jovens criam e expressam. Sua produção por vezes anuncia desejos e expressa denúncias relacionadas ao seu lugar social. Abaixo, transcrevo a letra de duas músicas de Vica e Cottta. Na primeira delas, Vica denuncia o racismo e a violência policial. Cottta, por sua vez, anuncia seu desejo de viver a experiência de ter fartura em bens de consumo e de lazer:

“Cláclá! Somos estatísticas. CláClá! Somos estatísticas. CláClá! Somos estatísticas. Cláclá! Somos estatísticas. Talvez cinco por cento dos meus próprio irmão me leia com atenção. Noventa por cento deles são como eu: preto, pobre, brigando pra ter autoestima. Cinquenta por cento do tempo faço rima, os outro cinquenta por cento... só reflexão. Lembrei que... a cada quatro pessoas mortas pela polícia três são negras. Isso mostra que nós temos setenta e cinco por cento de chances a mais de entrarmos em extinção. E se dependesse de oitenta por cento da direita, que normalmente não nos respeita, essa tese... já estaria em consumação. Mas como a hipocrisia fala mais alto que a poesia até quem nos maltrata, espanca e mata vai dizer que esse papo de racismo hoje em dia... é só ilusão. Vemos a globalização, tá louco irmão. Tanta farsa disfarça o real e maqueia as notícias na televisão. Setenta por cento vivendo a miséria e as novelas mostrando só ostentação. Quem acha que favela é cem por cento clipe de funk não sabe um por cento da situação. Cinquenta e cinco por cento elegeram o novo Messias, talvez por isto hoje em dia até crente tá tendo vergonha do termo... cristão. Nós tamo tristão com o peito na mão e a alma implorando por revolução. E a sina é maldita e até minha escrita hoje tem porcentagem de anulação. História verídica. Fico feliz quando eu for estatística. CláClá. Mais um ponto final de vermelho no chão.” Vica

“Eu quero uma nave preta, aro 17, tipo orbital. Com esse jet na minha vila, os boy passa mal e pra nós tá normal. Tudo tranquilo, tá tudo legal. Naquele modo VR mil grau, vários galos de saldo no PayPal, cinco garrafas de Don Perrion, se o papo é dinheiro, eu sempre tô on. O que não brilha, não chama a minha atenção, eu tenho o futuro na

palma da mão, daqui um tempo cinco dígitos, show. Passinho milionário por causa do flow, domino a bola, nunca perco o gol, domino a área mesmo em modo Slow. Sou o Cottta, Cottta, Cottta.” Cottta

Embora o *trap*, subgênero em que se enquadra a produção de Cottta, seja recente no Brasil, tendo seus primeiros registros a partir de 2017 (MACHADO e VILHENA, 2019), ele expressa questões que estão longe de serem inéditas. A palavra inglesa *trap* significa “armadilha”, mas também faz referência a estabelecimentos em que o uso de drogas e demais negócios ilegais acontecem (KALÛZA, 2018). As discussões sobre o *trap* nas cenas da cultura hip-hop por vezes são marcadas por certa resistência por parte de determinados sujeitos que acreditam que este representaria uma despolitização do movimento (MACHADO e VILHENA, 2019). Fenômeno semelhante ocorreu com o funk ostentação, conforme Pereira (2014):

“[...] em setores mais intelectualizados e mesmo em ONGs, esse movimento do funk ostentação tem sido visto com certa reserva e mesmo aversão em alguns casos. Essa visão decorre de uma postura muito comum nesses meios sociais específicos, que é a de tentar ver as práticas culturais ou movimentos juvenis, principalmente dos mais pobres, como potencialmente revolucionários ou transformadores, repudiando tudo que soe como apolítico ou não contestador. Geralmente, esse tipo de visão decorre de um modo de ver o jovem pobre dentro de três perspectivas: a do delinquente, a da vítima ou a do revolucionário.” (p. 12)

Eu mesma enfrentei esta reserva enquanto selecionava os interlocutores e pesquisava sobre a trajetória cultural dos entrevistados. Contudo, o contato com a reflexão de Pereira citada acima me fez perceber que a exigência de determinado tipo de politização que legitimasse a produção cultural dos jovens consistia em um tipo de assujeitamento: os jovens têm direito de contarem as suas próprias histórias da forma que bem desejarem. Ora, é fato que exaltação de bens de consumo acaba por contribuir para a manutenção da lógica cultural do capitalismo, conforme apontou Castro em 2011. Para a autora, a imagem hegemônica da juventude está intrinsecamente ligada aos significantes em torno do prazer e da experimentação, formatando um estilo de vida “que serve e se torna cooptado pela renovação econômica ilimitada de produtos” (p. 8).

Contudo, a apropriação destes significantes por parte das classes populares representa uma importante questão para se refletir sobre: bens materiais e simbólicos que já foram exclusivos das elites passam a fazer parte do imaginário da periferia. Para Baccega (2011), o desejo de consumir bens materiais e simbólicos é legítimo: “o que não é legítimo é a segregação” (p. 28). A autora vai além, afirmando que o acesso

ao consumo é uma das bases para o exercício pleno da cidadania, uma vez que reconhecer-se enquanto sujeito de direitos deve ir além dos direitos tradicionalmente reconhecidos pelo Estado, abrangendo também “seu direito ao exercício das práticas sociais e culturais que lhe dão sentido de pertencimento” (p. 34). A vontade de acessar bens e experiências, no caso dos jovens entrevistados, traz consigo um anseio que explicita conflitos importantes: o acesso ao lazer, à segurança de renda, à certeza de que suas necessidades serão supridas, como afirmam Cottta e Jessi nas falas abaixo:

“Quando eu canto que meu bonde ‘tá cheio de ouro, é porque meu bonde fez todo o trampo que precisava, fez todos os corres e merece conquistar o que quiser. Eu canto as paradas para que elas aconteçam. Não é que eu queira ostentar, eu quero viver bem. Quero viver essas paradas, quero viver suave e parar de passar perrengue. Eu canto sobre isso, porque é foda falar só de tristeza, de coisa ruim. O meu objetivo é chamar, jogar pro Universo para ele me dar de volta se eu fizer tudo o que eu tiver que fazer.” Cottta

“Eu falo sim sobre dinheiro. Mano, eu nunca tive nada, ‘tá ligado? É muito desgastante ter que viver com pouco. Vivo no Brasil e ainda mais, na quebrada, na margem do Brasil. Eu sei que sou uma mina branca, que tenho privilégios por isso. Mas ainda assim, sendo periférica, eu nunca tive nada. Trago no *Trap* não só o desejo de ser rica, ter muito dinheiro, mas o de conseguir ficar estável, sabe? Saber que nesse mês todas as minhas contas estão pagas e posso dar um rolê com meus amigos, se eu quiser descer uma garrafa do uísque mais caro, eu posso, ‘tá ligado? É o que eu quero, sabe? Eu sou jovem, quero poder curtir tranquila, estar com as pessoas que eu gosto, possibilitar um conforto para a minha mãe... então, quando eu rimo no *Trap* eu manifesto meu desejo por essas coisas mais materiais, que não são tudo o que a gente precisa na vida, mas também são essenciais.” Jessi

Destarte, fica claro que é a partir de sua dimensão criativa que os jovens comunicam visões de mundo, denúncias e desejos. Mas quem é o receptor dessa comunicação? De que forma ela é recebida? É disso que se trata o item a seguir.

5.4.2 “Nóis no poder”: para quem falam

Os jovens não falam para o vazio. Falam para serem ouvidos pelos seus pares, pela sociedade em geral, pelo Estado e por demais instituições representativas. Podem ou não serem ouvidos, o que neste caso diz respeito ao (não) reconhecimento daquilo que produzem: ao modo como suas produções ecoam, a como elas são compreendidas e valorizadas. Ser ouvido, aqui, está relacionado aos diferentes significados que suas criações podem assumir e às relações que se estabelecem a partir delas.

Um primeiro aspecto da forma com que os jovens são ouvidos diz respeito às tentativas de profissionalização de suas produções. Tommasi (2013) aponta que a dimensão econômica das iniciativas culturais das periferias deve ser entendida de forma entrelaçada com a sua dimensão política. A venda dos produtos culturais da periferia “implica valorização do lugar: a periferia é hoje valorizada como lugar onde se produz cultura, e não somente violência e marginalidade” (p. 19). A autora também aponta que comumente as iniciativas artísticas e culturais representam também um meio de sobrevivência, que se torna ainda mais significativo se considerarmos que os jovens que as promovem compõem “grupos sociais subalternos que geralmente têm acesso a postos de trabalho caracterizados pela baixa qualificação, remuneração e gratificação pessoal” (p. 17). Para os jovens interlocutores deste estudo, ser remunerado pelas suas produções fortalece a percepção de que seu trabalho é valorizado e reconhecido. Há a ideia de que não ser reconhecido financeiramente implica em vivenciar mais dificuldades para ter suas expressões validadas, conforme pode ser percebido na fala de Bruno Peron:

“Quando as pessoas pensam em quem merece ser ouvido ou não, entra muito o quesito de artistas profissionais e artistas que não são profissionais. Uma pessoa é uma escritora, ah mas ela não tem um livro publicado por uma editora, não tem um livro numa livraria, então... ela não é uma escritora né? [...] tem essa diferenciação... pessoas que são profissionais ou não... e tem essa valorização menor de quem não conseguiu ser profissional. Seja com música, com poesia, com tudo. Quando as pessoas ainda estão no *underground* é uma coisa, quando tá no *mainstream* é outra. Né? Então tem essa diferenciação também. Do que as pessoas consideram, o que é uma expressão validada, tipo de arte ou não.”

Na fala de Bruno Peron, *underground* faz referência ao termo inglês que significa “subterrâneo”, “clandestino”. *Mainstream*, por sua vez, faz referência às formas de expressão dominantes, hegemônicas, mais vendáveis. A percepção de que ser validado enquanto produtor de cultura também está relacionado a ter espaço no mercado parece ser um denominador comum que une vários entrevistados. Os jovens mencionam que sua dimensão identitária por vezes atrapalha esse reconhecimento: ser um artista de quebrada ou uma mulher skatista, por exemplo, proporciona menos ‘reconhecimento’ do que estar dentro dos circuitos hegemônicos de seus respectivos segmentos de atuação. Essa percepção pode ser constatada nas falas de Jessi, Talita Alves, Kleber Zanzotti e Mazzi5E transcritas abaixo. Os jovens queixam-se de momentos em que não foram levados a sério enquanto artistas e atribuem essa experiência ao fato de “serem de quebrada”:

“[...] quando eu fui fazer um show em Itu, estava tudo certo, já tinha fechado o cachê, o equipamento... Não tinha em quem dar errado. Pensei em levar várias pessoas para cantarem comigo, estava muito animada. Mobilizei vários amigos, DJ, um monte de gente. Já tinha avisado o contratante, falei que ia ter muita gente, que precisaria de equipamento. Aí quando chegamos lá, não tinha microfone! Um monte de gente pra cantar e ele não tinha microfone. Na hora ele tentou ir buscar, mas não achou. Aí eu rasguei o cara, né? Fiz ele me pagar o cachê, pagar um Uber... Porque foi uma palhaçada! Aí fui embora, né? E levei todo mundo pra beber com a grana. Ele nem tinha DJ próprio na festa, o meu DJ teve que ficar cantando. Foi muito esculacho, porque ele estava numa casa de show e não tinha nada! Duvido que faria isso com uma famosa. Só porque *nóis* é da quebrada, os cara acha que *nóis* é otário.” Jessi

“Ser uma skatista profissional não é fácil. Tem que ter muita visibilidade, não depende só do seu esforço. As marcas precisam te patrocinar, é bem difícil, principalmente para mulheres. Já tentei correr atrás de marcas pequenas, mas nunca fui ouvida. Levo uma porta na cara atrás da outra. Continuo tentando, andando de skate, estudando e trabalhando, mas meu sonho era viver disso.” Talita Alves

“Primeiro, ninguém leva a sério, né. Você é a primeira pessoa que tem que levar a sério o trabalho. A galera não tem empatia pelo trampo, sabe? Tipo, não sabe o quanto que você se dedicou, o tanto de estudo, quanto pra você investir em equipamento, e depois o tempo das suas habilidades ali, dedicadas a ter empatia por ele. Então tipo, a galera do audiovisual tem que ter empatia pelo seu cliente, porque vai contar a história daquele cliente, certo? Tipo, pra passar mensagem pro mundo e às vezes o cliente, tipo assim, só só quer saber do produto e não quer acreditar e não tem empatia nenhuma por quem tá fazendo aquilo por ele, de certa forma. É uma das coisas chatas de ser artista de quebrada.” Kleber Zanzotti

“[...] a gente sabe que, mano, esse é o dia a dia do artista de quebrada, fodido, no Brasil, é isso, é que nem cê comprar uma lata importada, cê não vai conseguir, cê querer fazer um trampo na parede, cê não tem autorização, cê tem que rebolar pra fazer um trampo artístico, aqui. Isso aí vai ser pra sempre, não vai mudar. Ou a gente “trampa” com edital, ou a gente corre atrás de Prefeitura, a gente bate de frente, a gente se infiltra e faz por nós, ali, ou a gente vai precisar pagar pra fazer “trampo”, entendeu? Meu sonho é conseguir articular de outra maneira pra que a gente consiga passar um ano que seja bem, fazendo o que gosta, trabalhando com Arte e sendo remunerado.” Mazzi5E

Sobre a apropriação mercadológica das culturas juvenis, Freire Filho aponta “a capacidade dos espetáculos midiáticos de empacotar e mercantilizar a resistência e a marginalidade” (2009, p. 43). Ainda que o desejo de ser reconhecido pelo mercado esteja presente, os jovens interlocutores deste estudo demonstram ter algum grau de percepção dessa contradição. Sobre a celebração de parcerias com o poder público, por exemplo, a maior parte dos participantes da pesquisa apresenta um conjunto de

restrições a mantê-las. Uma delas é a recusa de “submeter-se às normatizações implícitas nos editais” (TOMMASI, 2013, p. 26). Bruno Peron expressa claramente essa recusa:

“Outro perreco que é... envolvendo aí essas dificuldades que tem de se fazer um evento, em local público, às vezes de ter que lidar com falas absurdas de ter pessoas que também tem uma representatividade sistêmica, governamental. [...] a gente sempre teve muito embate com, com a galera elitizada e tal, e que não deixava a gente fazer um evento em local público. [...] A gente optou por nunca ter suporte do poder público. Por mais que a gente enxergue a importância, é... não é que a gente não quer, a gente não quer da forma que eles querem. A gente quer uma parceria de verdade... não fazer tudo e colocar lá o emblema deles e boa. Então, que era mais ou menos o que eles queriam. A gente nunca quis esse apoio que eles queriam dar.”

Os jovens interlocutores deste estudo também mencionam a burocratização das relações com o poder público e o desconhecimento de aspectos importantes à cultura de rua como um grande entrave para a efetivação de parcerias, conforme as falas de Mazzi5E e Estranho:

“[...] eu percebi que ou você baba ovo ou você fica nessa aqui, lutando sem conseguir nada. [...] a minha indignação vai pra esses malucos aí das Secretarias de Cultura, esses prefeitos que ‘tão desgovernando igual o presidente, igual um monte de gente que tá aí desgovernando o nosso país, não deixa a gente tramar, não deixa a gente ser artista, não deixa a gente fazer porra nenhuma, essa é a fita.” Mazzi5E

“Eu sou meio injuriado com pessoas da prefeitura que já me convidaram para reuniões, que tipo, ‘você tem que estar lá nesse horário’, e eu cheguei no horário, participei das reuniões e nada aconteceu. Então eu já fui participar de muitos projetos sociais, entendeu? Só que tipo assim, de quebrada, são os que acontecem, quando você envolve Secretaria da Cultura, Prefeitura, e tudo mais, a parada não acontece. Pelo menos pra mim aqui, não. Aqui, em Indaiatuba, existe uma panelinha, ‘tá ligado, que já tem os seus selecionados, tá entendendo?’ Estranho

Os jovens mencionam que é comum que haja, mesmo que implicitamente, um “perfil ideal” de grupo com quem o poder público prefere celebrar parcerias. Essa questão já foi mencionada por Tommasi (2013) ao descrever as relações de coletivos culturais periféricos com o poder público nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Contudo, os jovens participantes deste estudo acreditam que as relações com as prefeituras são ainda menos inclusivas em cidades do interior. Vini Alceu expressa claramente essa comparação ao narrar um acontecimento recente:

“Aqui no interior a gente tem essa coisa muito de elitizar a cultura, mais do que essas grandes cidades. [...] nas grandes cidades parece que isso é mais acessível, parece que o edital, ele é mais, é... é mais divulgado que aqui, né? [...] O que a gente faz é algo não

convencional, que muitas vezes bate em uma barreira elitista, uma barreira preconceituosa mesmo do que é arte, desse estereótipo do que é um artista, que a gente enfrenta na hora de tentar transcender, na hora de tentar mostrar isso pras pessoas, mostrar nossa arte, da nossa maneira. [...] Indaiatuba é muito mais plural do que os "oficiais da cultura" promovem. [...] eles engessam muito a cultura da cidade, eles colocam a cultura da cidade como um molde único, né?"

As articuladoras do coletivo Elas no Skate também falaram sobre os desafios que vivenciam na relação com as instituições do município. No caso, as jovens mencionaram especialmente a associação representativa dos skatistas da cidade, expressando sua percepção de que a mesma teria sido cooptada pelo poder público local:

"Minha pistola vai para a queridíssima Associação dos Skatistas de Indaiatuba (ASKIN), vulgo baba ovo da prefeitura. Eu acho que uma associação de skatistas tem que passar para a prefeitura as coisas que os skatistas estão passando, não ficar babando ovo da prefeitura e ficar concordando com tudo o que a prefeitura faz, sabe? [...] Skate tem que ser contracultura, não pode ser coxinha não." Nats Pereira

Ao mesmo tempo em que há o tensionamento entre os jovens e os sujeitos e instituições que detêm o poder, também há por vezes o desejo de participar dele, em vistas de construir outros desdobramentos e relações. Bruno Peron fala claramente sobre essa ideia no trecho transcrito abaixo:

"A gente critica pessoas que tão no poder, muitas vezes só pelo próprio fato de estar no poder, né? E, querendo ou não, a gente sempre se distancia do poder. Mas, no nosso caso aí, a gente deveria tentar fazer o contrário. Por mais que seja de alguma outra forma, eu acho que tipo, mano, nós deveria tentar fazer um poder, tá ligado? Nem que seja o nosso, pra gente ter essas aberturas, saca? Porque a cultura, por mais que ela se forme na sociedade, ela é conduzida pelas pessoas que ocupam os lugares de poder, né? Então, tipo, essas pessoas que têm esse poder, que fazem os convites, que fazem os eventos e tal. Agora, é, da mesma forma, por exemplo, se o Vini tá numa posição de poder, com certeza a postura dele vai ser uma postura inclusiva, que vai dar voz, que vai dar um megafone pra quem tiver lá, pra ser escutado. Então, muitas vezes, eu acho que talvez um dos nossos erros seja que a gente embate muito com o poder. Mas a gente tem que exercer o poder também, porque senão o poder sempre vai ficar na mão de pessoa que tem esse tipo de atitude."

Esse desejo de "fazer um poder, nem que seja o nosso" se torna evidente quando os jovens expressam o sonho de construir espaços culturais por não se sentirem representados nos já existentes, por exemplo. Também pode aparecer quando reivindicam parcerias horizontais e efetivas com o poder público ou quando expressam a falta de identificação que mantêm com as instituições representativas. Este hiato entre as expectativas e desejos dos jovens e o funcionamento das instituições e políticas públicas é tema largamente explorado na bibliografia sobre

juventudes, sendo a “participação juvenil” a principal solução apresentada para esse problema (UNESCO, 2004).

A participação juvenil aparece como um importante “referencial de análise para as políticas públicas de juventudes no Brasil” (BOGHOSSIAN e MINAYO, 2009, p. 415), sendo reconhecida como a “tendência contemporânea nos estudos sobre juventudes” (Idem, p. 417). Muito já foi discutido sobre os sentidos da participação na sociedade e sobre as particularidades da participação juvenil. Bordenave (1994) aponta que “participação é o contrário de marginalização” (p. 18), podendo consistir em

“processo coletivo transformador, às vezes contestatório, no qual os setores marginalizados se incorporam à vida social, [...] conquistando uma presença ativa e decisória nos processos de produção, distribuição, consumo, vida política e criação cultural” (p. 20).

Bordenave ainda apresenta a participação como “necessidade humana universal” (p. 10), que “facilita o crescimento de consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade” (p. 12). Para Novaes e Vital (2005), a participação juvenil deve ser examinada com especial cuidado e abertura para reflexão, uma vez que

“A indagação sobre a participação dos jovens remete à questão a respeito do futuro da democracia das sociedades latino-americanas. São eles os herdeiros da sociedade, de seus símbolos, valores e códigos de funcionamento. Eles é que definirão padrões de reprodução e/ou de mudança da sociedade e de suas instituições.” (p. 109)

A bibliografia sobre participação juvenil no Brasil gira ao redor de duas percepções principais: a de que os jovens não participam ou de que participam de novas maneiras (BOGHOSSIAN e MINAYO, 2009). É fato que está arraigado no senso comum um suposto “desinteresse dos jovens para influenciar os assuntos públicos, bem como sua apatia em relação aos processos político-eleitorais” (VÁZQUEZ-CEBALLOS, 2011, p. 46) se comparados aos jovens de gerações anteriores. Contudo, Novaes e Vital (2005) destacam que a desilusão em relação às instituições políticas tradicionais é extensiva a toda a população. Sobre as novas formas de participação, é comum o entendimento de que há nelas uma “reapropriação da ideia de cidadania, para a qual são transferidas certos atributos próprios do campo político” (NOVAES, 2007, p. 100). Essas “novas” formas de participação juvenil nem sempre se relacionam diretamente com as instituições políticas tradicionais, se expressando de forma plural, orgânica e diversa (SPOSITO, 2000); marcadas pela “emergência de diferentes coletivos de identidade que se afastam das formas e

conteúdos clássicos de participação e militância e se orientam para o simbólico, o corpóreo, o cultural e as demandas do cotidiano” (CARRANO, 2012, p. 94). Um exemplo dessa percepção pode ser visto na fala da fotógrafa Mel, interlocutora de nossa pesquisa. A jovem descreveu um serviço de fotografia para mulheres que criou junto a outras duas fotógrafas como “um trabalho feminista”:

“Este é o meu trabalho feminista: ajudar mulheres a recuperarem a autoestima. A pressão que a mulher vive nessa sociedade... Nós mulheres damos conta de muita coisa. Eu conheço meninas da minha idade, minhas amigas, já com filho, casadas, trabalhando, fazendo isso, fazendo aquilo, estudando. E às vezes eu elogiava, mas elas não conseguiam ver o quanto eram foda. Aí ‘cê fala: ‘Não, você é linda, você é maravilhosa!’. E não estão acostumadas, acham que não são merecedoras. Então tipo, trazer o conhecimento de que todos nós somos lindas, maravilhosas, inteligentes, merecedoras, que podemos criar nossa realidade pelo que a gente ama... E trazer isso pra fotografia, fotografando uma mulher ali que acabou de se divorciar, que não se achava bonita, que tá se achando gorda pra padrões estéticos. ‘Tá lá ó, você é linda sim!’, e a pessoa fala ‘Nossa!’ e sai dali com a autoestima renovada, se achando linda, com uma força de dentro sabendo que ela pode ir lá e dominar o mundo! E podendo postar uma foto bonita no Instagram também!”

Porém, Souza (2009) alerta sobre a necessidade de atentar para a real possibilidade de transformação dessas formas de participação. A autora aponta que o discurso da participação e protagonismo juvenil por vezes é marcado por aquilo que se pode chamar de “participacionismo pedagógico” ou “encenação política”: jogos de cena institucional que simulam participações reais e excluem os cidadãos do exercício efetivo da tomada de decisões. Carrano (2012) ainda afirma que essas iniciativas podem estar orientadas para “o ajustamento de condutas de jovens populares e que, em última instância, camufla contradições, naturaliza precariedades em territórios de pobreza e inibe conflitos relacionados com a busca de direitos da juventude” (p. 89). Esse conflito fica evidente na fala do grafiteiro Mazzi5E, transcrita abaixo. Perguntado sobre algum impacto positivo percebido no seu trabalho,

“Com o que a gente tá passando ultimamente eu nem consigo olhar pra uma fita e falar ‘pô, da hora’, e tal. Tem aquele lance diário de né, sei lá, você ir lá, fazer um graffiti na rua, o pessoal passar, buzinar, mexer, aquela alegria momentânea, mas de resto, o cenário, esse desgoverno que a gente tá tendo, toda essa pandemia, as pessoas indo pra rua protestar e tal, não tem como estar bem, não tem como estar feliz, ‘tá ligado? Então, enquanto eu não conseguir fazer algo que eu sinta que teve um impacto, não só artístico, mas também social, eu não sossego. Então até o momento, nada me toma a cabeça, tá ligado? [...] Só quando eu ver que teve algum retorno, e uma criança ou alguém deixou de fazer uma “fita” errada pra seguir o meu caminho que vai ser biscoitagem.”

Cientes dessas contradições, é importante manter uma postura aberta e reflexiva diante dos grupos que, como aqueles integrados pelos interlocutores desta pesquisa, não se organizam conforme os moldes políticos clássicos. Conclusões apressadas que descartam seus efeitos políticos por serem “meramente artísticos” (NOVAES, 2007) ou que romantizam sua atuação sob jargões pouco refletidos como o do “protagonismo juvenil” (SOUZA, 2009) não dão conta de sua complexidade e podem reforçar assujeitamentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”
(FREIRE, 1996, p. 53)

Esta pesquisa dedicou-se a analisar as experiências de sociabilidade dos jovens de camadas populares de Indaiatuba, focalizando seus espaços coletivos de expressão e criatividade, por vezes mais ou menos associados ao lazer e ao uso do tempo livre. Tais espaços, aqui denominados grupos ou coletivos culturais, não se resumem a esferas homogêneas de sociabilidades, mas também podem expressar movimentos de contestação e insurgência no que se refere a reivindicar soluções diferenciadas para suas próprias necessidades, amparadas em reflexões que buscam entender as relações sociais que as condicionam. Este enfoque foi motivado pelo entendimento, validado pela bibliografia consultada (PAIS 1993, 2011; DAYRELL, 2005; NOVAES, 2006; MAGNANI e MANTESE, 2007; CARRANO, 2012; OLIVEIRA, 2020), de que as práticas culturais juvenis dos espaços de sociabilidade são importantes lentes de análise das juventudes contemporâneas. Dessa forma, a compreensão de que os grupos culturais juvenis constituem um indicador fundamental para a análise das juventude contemporâneas foi um importante ponto de partida para a construção do problema desta pesquisa.

A sociabilidade dos coletivos culturais torna-se dado analítico relevante à medida que expressa relações locais e permite uma leitura própria dos contextos territoriais e sociais nos quais os jovens se inserem. Desta forma, o recorte espacial deste estudo também representou um importante dado analítico. O desejo de compreender e descrever as sociabilidades e as experiências culturais tecidas por jovens integrantes de grupos culturais de Indaiatuba – SP, aqui expresso na forma de objetivo central, foi motivado pelo grande estranhamento em relação às diferenças que eu percebia entre a realidade observada no meu cotidiano, enquanto trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social em Indaiatuba, e os retratos acadêmicos e midiáticos de coletivos juvenis, normalmente associados às grandes metrópoles. É a partir dessas questões que atravessaram este trabalho que, sem a pretensão de oferecer respostas prontas, construo aqui as minhas considerações finais.

Inspirado nas abordagens metodológicas das pesquisas participativas, por meio de uma temporada de *lives* planejada e executada em uma plataforma on-line

bastante popular entre os jovens, este estudo buscou identificar alguns dos coletivos culturais de jovens nos bairros populares da cidade de Indaiatuba e os circuitos que constroem a partir de suas interações, em vistas de conhecer suas narrativas no que se refere às suas trajetórias de atuação e expressão cultural.

O percurso deste trabalho permite concluir que a relação dos jovens com a cidade é cheia de conflitos e tensionamentos. A comparação entre os eventos de São Paulo e de Indaiatuba, citada no início deste trabalho, parece ressoar continuamente no imaginário dos jovens interlocutores deste estudo, que consideram que a cidade de Indaiatuba é muito mais hostil às suas criações e às suas identidades do que as capitais – e até mesmo do que outras cidades da região, como Salto e Porto Feliz. Os jovens demonstram considerar que a cidade de Indaiatuba é pouco acolhedora às suas formas de expressão cultural – e por vezes, também à sua existência.

Concluir que os jovens consideram que Indaiatuba é uma cidade hostil às suas práticas culturais levou-me a outra possível inferência: os jovens reagem ao conflito da não-pertença à cidade ao criarem vínculos com os seus pares nos coletivos culturais. Seu pertencimento aos grupos era sustentado pela percepção de que ali havia espaço para eles: os coletivos são, para os jovens, um espaço de acolhimento. Os jovens também relatam que os grupos são um espaço em que sentem sua existência acolhida e legitimada pelos seus pares. Esse acolhimento está relacionado a um conjunto de evidências de reciprocidade que envolvem o gostar e ser gostado, admirar e ser admirado e o cultivo de interesses e afinidades comuns. Pode-se concluir que são os afetos de pertencimento e legitimação que circulam nas relações que os jovens mantêm entre seus pares que os encorajam a ocupar diferentes espaços na cidade e desafiar hegemonias até então naturalizadas.

Essa percepção está diretamente articulada com a relação entre as formas de expressão cultural dos jovens e sua constituição enquanto sujeitos políticos, cuja investigação consistiu em um objetivo complementar deste estudo. Conclui-se que o exercício coletivo da criatividade constitui um importante pilar que sustenta as narrativas de pertencimento e as identidades coletivas dos grupos interlocutores desta pesquisa. Os jovens entrevistados criam espaços de expressão, criam novas relações com a cidade, criam roupas, literatura, música, material audiovisual. Por meio do exercício coletivo de sua criatividade, os jovens denunciam violências e normatizações e anunciam possibilidades de transformação.

A criatividade dos jovens pode expressar questões, demandas e denúncias por meio do corpo, do traço, da performance, do estabelecimento de relações diferenciadas com o espaço da cidade. Diferentes percepções podem ser extraídas da análise da dimensão criativa dos jovens. A reivindicação de pertencimento a uma periferia territorial, o desejo por ser remunerado e reconhecido, porém sem ceder às amarras do mercado, são alguns dos elementos que figuram entre elas. Um importante dado a ser considerado é que diferente dos coletivos culturais periféricos de algumas grandes cidades, como as citadas por Tommasi (2013), que são alvo do interesse de universidades, organizações não governamentais e aceleradoras de projetos, os jovens interlocutores deste estudo organizam-se de forma autônoma. Se no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em Recife, por exemplo, grupos organizados fortalecem e patrocinam iniciativas culturais das juventudes periféricas, em Indaiatuba os jovens não contam com este tipo de suporte. Também destaco o desejo, expresso diretamente por vários deles, de construir um espaço de formação cultural e convivência. Este desejo explicita o quanto por vezes os jovens não sentem-se representados nos espaços que já existem e a compreensão de que “fazer um poder, nem que seja o nosso”, em suas próprias palavras, por meio da participação pode suprir esta necessidade.

Sobre a metodologia utilizada, avalio que esta foi bastante pertinente na medida em que representou uma forma dinâmica e dialógica de acessar os grupos interlocutores da pesquisa. Ainda que a opção de realizar a pesquisa em ambiente predominantemente virtual tenha sido influenciada pelo cenário pandêmico, considero que esta não representou um distanciamento maior entre pesquisadora e interlocutores. A linguagem das redes sociais, combinada ao envolvimento de jovens com alto poder de articulação entre seus pares, foi determinante para que alcançássemos uma amostra de interlocutores suficientemente significativa em termos qualitativos. O ambiente das *lives* constituiu um espaço em que os jovens ficaram à vontade para falar livremente, sem constrangimentos.

O momento do trabalho de campo se deu em uma fase em que a circulação estava bastante reduzida em razão das orientações de distanciamento social à época das entrevistas. Por este motivo, dados mais concretos acerca da lugarização das juventudes e dos múltiplos usos que fazem do espaço da cidade acabaram não ganhando um lugar de destaque naquilo que os interlocutores da pesquisa trouxeram ao diálogo. Desta forma, estudos ulteriores que privilegiem a abordagem dos lugares

da cidade e dos espaços sociais que os jovens produzem a partir deles podem representar uma importante contribuição para a compreensão das juventudes locais.

Dito isso, cabe afirmar que concluir esta pesquisa não é uma tarefa simples. O processo de construção e desenvolvimento de uma dissertação de mestrado exige muito do pesquisador: muita dedicação, muita energia, muito tempo. É um período bastante intenso e transformador cujo encerramento mobiliza um conjunto de afetos difusos e contraditórios, que vão da alegria à frustração, do prazer à angústia, do alívio do dever cumprido ao luto e à saudade antecipada de um ciclo tão marcante que está chegando ao fim.

Arrisco dizer que no meu caso tudo isso alcançou proporções ainda maiores: o capítulo correspondente ao mestrado na tragédia grega que é a minha aventura no mundo foi profundamente marcado por este momento histórico. Do início ao fim, o contexto sociopolítico que foi partícipe e cenário deste trabalho foi, no mínimo, bastante marcante. A presente pesquisa foi concebida e desenvolvida em um dos momentos mais sombrios da história recente do Brasil, durante a maior crise sanitária do século, enquanto o país era governado por um presidente que se colocou como inimigo da ciência, das políticas sociais, da democracia e de tantas outras causas que importam para aqueles comprometidos com os direitos humanos. Não obstante, a conclusão dessa pesquisa acontece enquanto celebramos a derrota deste presidente nas urnas, esperando que com ele também sejam derrotados o medo, o negacionismo, a intolerância e o ódio que se radicalizaram na sociedade brasileira nos últimos tempos.

Nesse sentido, o estudo aqui apresentado representa a minha contribuição para o campo de saberes sobre as juventudes brasileiras, especialmente aquelas residentes fora dos grandes centros urbanos. Expressa a relevância das sociabilidades e dos espaços coletivos de expressão e de criatividade para uma melhor compreensão e análise da condição juvenil. A partir de nosso recorte espacial, este estudo representa mais uma evidência da dimensão reticular das práticas culturais dos jovens, de sua capacidade de atribuir sentidos afetivos e sociais aos espaços da cidades, de sua criatividade insubordinada.

A despeito do momento histórico em que esta pesquisa foi concebida, por vezes marcado por angústia, perdas e indignação, sinto-me confortável em afirmar que a alegria se deu como parte da busca, em alusão ao texto de Paulo Freire que abre este capítulo. Embora as representações da juventude como uma fase da vida

predominantemente feliz sejam uma simplificação rasa da realidade, a experiência de diálogo com jovens em minha trajetória profissional e acadêmica apontou que criatividade e espontaneidade podem aflorar junto às vicissitudes desta fase da vida, tornando a relação com jovens bastante alegre e prazerosa.

O processo de criação, execução e análise dos dados produzidos na pesquisa de campo, ainda que por vezes árduo e desafiador, pode ser considerado como uma busca pela *boniteza*, no sentido freireano da palavra, que tem a ver com a crença em um mundo mais justo. A *boniteza* que foi um importante horizonte desejado na relação com os interlocutores da pesquisa parte de um posicionamento ético-político que, para Nita Freire (2021) faz referência às lutas sociais mais amplas, à amorosidade e a gentileza nas relações, à formação do pensamento crítico a partir de leituras e debates em que todos estão na mesma posição. Ainda que este trabalho tenha um conjunto de contribuições relevantes para o campo dos estudos juvenis, espero que o desejo e a esperança em torno de um mundo mais bonito para as diversas juventudes seja a principal delas.

REFERÊNCIAS

- ABAD, Miguel. *Crítica política das políticas de juventude*. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (org.). *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-32.
- ABDEL-MONEIM, Sarah Grussing. O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no chiapas cibernético. *Revista Estudos Feministas*, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 39-64, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO).
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5, 1997. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf Acesso em: 10 jan. 2021.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. *Cadernos Adenauer XV*, São Paulo, v. , p. 12-25, set. 2015.
- _____. *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006
- ADERALDO, Guilherme. Linguagem audiovisual e insurgências populares: reconstituindo uma experiência associativa entre jovens vídeo-ativistas nas “periferias” paulistanas. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda. TEDX: *O Perigo da História Única*. [S.I.]: Tedx Global, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br. Acesso em: 20 maio 2021.
- ALMEIDA, Renato Silva. *Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo*. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ALVES, Walter Assis. *Só nossa luta mesmo! Sociedade e reivindicações no bairro Morada do Sol e Indaiatuba–SP, 1980-2010'*. 284 f. Tese (Doutorado em História) Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- ARAÚJO, Leticia de Souza. *PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE DE INDAIATUBA (SP): ANÁLISE DO PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DA TERRA URBANA NO PERÍODO DE 2000 A 2017'*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Interrelações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. Tradução. São Paulo: Miró Editorial, 2011. p. 26-44.
- BAQUERO, Rute; HAMMES, Lúcio Jorge. Juventude, Grupos e Participação Social. *Ciências Sociais em Perspectiva*, Cascavel, v. 1, p. 25-37, jan. 2006.
- BARBALHO, A. No ar da diferença: mídia e cultura nas mãos da juventude. *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, v. 9, n. 1, p. 08–15, 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: Editora da UFGD, 2011.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é participação?* São Paulo: Brasiliense, 1994

BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde e Sociedade*, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 411-423, set. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902009000300006>.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, [S.L.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>.

BONILLA, Maria Helena Silveira. A presença da cultura digital no GT Educação e Comunicação da ANPED. *Teias*, v. 13, p. 69-91, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24272> Acesso em: 13 ago. 2022.

BRASIL. *Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*. Secretaria Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social. PNAS/2004. Brasília, DF: MDS/SNAS, 2004.

_____. *Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*. Secretaria Nacional de Assistência Social. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Brasília, DF: MDS/SNAS, 2009.

_____. IBGE – *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Censo de 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> . Acesso em: 2 maio 2019.

_____. *Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*. Secretaria Nacional de Assistência Social. Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. Brasília, DF: MDS/SNAS, 2013.

_____. Lei nº 12852, de 05 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude.

_____. *Ministério da Fazenda*. Cadastro Sincronizado Nacional - Um histórico. s.d.. Disponível em: [http://www16.receita.fazenda.gov.br/cadsinc/sobre-o-projeto/historico/#:~:text=Em%201998%2C%20atrav%C3%A9s%20da%20Instru%C3%A7%C3%A3o,Geral%20de%20Contribuintes%20\(CGC\)..](http://www16.receita.fazenda.gov.br/cadsinc/sobre-o-projeto/historico/#:~:text=Em%201998%2C%20atrav%C3%A9s%20da%20Instru%C3%A7%C3%A3o,Geral%20de%20Contribuintes%20(CGC)..) Acesso em: 16 nov. 2022.

_____. Presidência da República. Secretaria de Governo. *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais*

de 100 mil habitantes. / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. 87 p.

CAMPOS, Ricardo; SARROUY, Alix. Juventude, criatividade e agência política. *Revista TOMO*, n. 37, p. 17-46, 8 jul. 2020.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2003.

CANGAS, Yanco Gonzáles. *Juventud Rural: trayectorias teóricas y dilemas identitários*. *Revista Nueva Antropología*, México, v. 19, n. 63, p. 153-75, 2003. Disponível em: <http://www.iica.org.ur/redlat/index.html>. Acesso em 4 de junho de 2006.

CARRANO, Paulo. *Juventudes e cidade educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Os jovens e a cidade*. Rio de Janeiro: RelumeDumará: FAPERJ, 2002.

_____. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 27, p. 83-100, 2012.

_____. Territórios Juvenis. *Portal EMDiálogo*, Universidade Federal Fluminense, [s.d.]. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/territorios_juvenis.pdf . Acesso em: 27 nov. 2020

CARVALHO, Claudio Oliveira; MARIANI, Carla Neves. Escritas marginais nas ruas: expressões do direito visual à cidade. *Revista de Direito da Cidade*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 912-933, 18 jul. 2017.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, Lúcia Rabelo de. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. Em J. Dayrell, M. I. C. Moreira, M. Stengel (orgs.), *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*, págs. 299-324. Belo Horizonte: Ed. PucMinas, 2011.

_____.; BESSET, Vera Lopes. *Pesquisa-intervenção na infância e juventude: construindo caminhos*. In: CASTRO, Lucia Rabelo; BESSET, Vera Lopes. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2008, v. , p. 9-12.

_____. et al. A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. *Psicologia em Estudo*. 2006, v. 11, n. 2, pp. 437-447

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da violência - 2018*. Brasília: IPEA, 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432 . Acesso em: 02 abr.2018.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 16, p. 221-236, 2003.

CHIES, Luiza; RECUERO REBS, Rebeca. PANDEMIA E AS MOTIVAÇÕES SOCIAIS PARA A PRODUÇÃO DE CIBERDANÇAS NO TIKTOK. *Revista da FUNDARTE*, v. 44, n. 44, p. 1–19, 2021.

COB - COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *Rayssa Leal: medalhista olímpica*. 2021. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/rayssa-leal>. Acesso em: 26 jul. 2022

Código de Ética Profissional da Assistente Social. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), Brasília, 1993.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). *RELATÓRIO Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil: dados de 2021*. S.l.: ., 2022.

CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CMAS). Indaiatuba. *Relação das Organizações da Sociedade Civil inscritas no CMAS*. 2021. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/assistencia-social/conselhos/cmas/osc-inscritas/>. Acesso em: 11 maio 2021.

Conselho Nacional De Juventude (CONJUVE). *Juventudes e a Pandemia Do Coronavírus – Relatório Nacional*. 2020. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/> Acesso em 10 de abril de 2021.

_____. *Juventudes e a Pandemia Do Coronavírus – 2ª Edição. Relatório Nacional*. 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/> Acesso em 19 de junho de 2021.

CÔRREA, Roberto Lobato. A periferia Urbana. *Revista GEOSUL*, Florianópolis, v.1. n.2, p.70-78, 1986.

DATAFOLHA. *Pesquisa sobre os praticantes do skate no Brasil*. 2015. Disponível em: BRANDÃO, Leonardo. A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Editora da UFGD, 2011.. Acesso em: 27 out. 2022.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*. 2002, v. 28, n. 1, pp. 117-136.

_____. Juventudes, grupos culturais e sociabilidade. *Jóvenes-Revista de Estudios sobre Juventud*, México, ano 9, n. 22, p. 296-313, jan/jun 2005. Disponível em: <http://docplayer.com.br/42698655-Juventude-grupos-culturais-e-sociabilidade-1-juarez-dayrell-2.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____.; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: _____; _____; MAIA, Carla Linhares. *Juventude e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 43, p. 1-30, 2022. DOI: 10.5965/1414573101432022e0206.

DOI, Arlete Schimidt. Indaiatuba, uma grande cidade. In: PRÓ-MEMÓRIA, Fundação (org.). *Crônicas Indaiatubanas*. Indaiatuba: Fundação Pró-Memória, 2006. p. 48-50.

DOIb, Doroth de Assis Schimidt *et al.* Desembrulhando o presente: Políticas Públicas para a Juventude no Aqui e no Agora. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 2018, Vitória. *Anais [...]*. Vitória: Ufes, 2019. p. 563-584. CD-ROM.

DORNELLES, Jonatas. *Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade*. 2018. 293 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DUTRA, Lucas de Menezes; MIRANDA, Victor Fernandes Duarte. *Comunicação, moda e memória: a roupa de brechó como parte do processo de construção da narrativa do indivíduo*. 2013. 131 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

EMICIDA. Emicida – *AmarElo (Sample: Belchior – Sujeito de Sorte)* part. Majur e Pablo Vittar. YouTube, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU> Acesso em: 19 jun. 2020.

_____. Emicida – *Cananeia, Iguape e Ilha Comprida*. YouTube, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j03Y6Ej3YVw> Acesso em: 19 jun. 2020.

_____. Emicida - *Principia* part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q> Acesso em 19 jun. 2021

_____. Emicida – *É tudo pra ontem* part. Gilberto Gil. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q> Acesso em 19 jun. 2021

_____. *Juventude levada a sério!* 2020. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/juventude-levada-a-serio-por-emicida/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

FEIXA, Carles. *De joves, bandes y tribus*. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. GENERACIÓN @ LA JUVENTUD EN LA ERA DIGITAL. *Nómadas*, Bogotá, v. 13, n. , p. 75-91, out. 2000.

_____.; FERNÁNDEZ-PLANELLAS, Ariadna; FIGUERAS-MAZ, Mónica. Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 107-120, 13 jan. 2016.

_____.; WEISSBÖCK, Lara Pires. Da geração @ a geração blockchain: a juventude na era postdigital. *Textura - Ulbra*, [S.L.], v. 21, n. 47, p. 6-31, 16 jul. 2019. Editora Cubo. <http://dx.doi.org/10.17648/textura-2358-0801-21-47-5110>.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 30, p. 95-110, 2009.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

FRANCO LIMA E SILVA, Andrea; BORGES DA SILVA, Grécia Mara. Falando a voz dos nossos desejos: os sentidos da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 42–56, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 53.

FREIREb, Ana Maria Araújo (org.). A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. São Paulo, *Paz e Terra*, 2021, 299 p.

FREIRE FILHO, João. Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: *Mauad X*, 2007, 171 p.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GIL, Carmem Zeli Vargas. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Última década.*, Santiago, v. 12, n. 20, p. 47-69, jun.2004.

_____. Jovens e juventudes: consensos e desafios. *Educação (UFMS)*, v. 36, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2909/> Acesso em: 10 jan. 2021.

GOMES, Elias Evangelista. *Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: "vem, você vai gostar!"*. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GROPPO, Luís Antonio. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. *Desidades*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-17, mar. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822017000100002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jun. 2021.

GUIMARÃES JÚNIOR., Mário J. L. *O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais*. IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14652/13398>. Acesso em: 08 mai. 2021.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. 1951. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

HENNING, Carlos Eduardo. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. *Cadernos Pagu* [online]. 2016, v. 000, n. 46 [Acessado 16 Novembro 2022], pp. 341-371. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201600460341>>.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, v. 5, n. 10, 2 dez. 2009.

Prefeitura Municipal de Indaiatuba. *Divisão territorial de Indaiatuba*. 2013. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/download/37109/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. *Terceira edição do Papo Jovem reúne 400 alunos em Escola Estadual*. 2017. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/relacoes-institucionais/imprensa/noticias/25424/>. Acesso em: 17 maio 2021.

_____. *Pela segunda vez Indaiatuba tem melhor Ideb do Estado e segundo do Brasil*. 2020. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/relacoes-institucionais/imprensa/noticias/28869/>. Acesso em: 17 maio 2021.

_____. *Saúde faz balanço das ações desenvolvidas ao longo dessa gestão*. 2020. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/relacoes-institucionais/imprensa/noticias/29098/>. Acesso em: 17 maio 2021.

_____. *Indaiatuba: esboço de uma história*. S.d. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/cultura/turismo/pontos-turisticos/>. Acesso em: 10 out 2022.

_____. *Indaiatuba: pontos turísticos*. S.d. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.gov.br/historia/>. Acesso em: 10 abr 2021.

IBGE Cidades. *Panorama de Indaiatuba*. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/indaiatuba/panorama>. Acesso em 20 abr 2021.

INSTITUTO DATAFOLHA. *Skate no Brasil: uma pesquisa*. 2015. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/uploads/repositorio/pesquisadatafolha2015.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Atlas da Violência: Retratos dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190802_atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

KALUŽA, Jernej. Reality of Trap: trap music and its emancipatory potential. *Iafor Journal Of Media, Communication & Film*, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 69-80, 17 ago. 2018. The International Academic Forum (IAFOR).

KATZ, James E.; RICE, Ronald E.; ASPDEN, Philip. The Internet, 1995-2000. *American Behavioral Scientist*, [S.L.], v. 45, n. 3, p. 405-419, nov. 2001. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0002764201045003004>.

KOGA, Dirce. *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003.

KNOWLES, Ed. O que aprendemos: Encerramento do Skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/o-que-aprendemos-encerramento-do-skate-nos-jogos-olimpicos-de-toquio-2020> Acesso em 02 set 2022.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís (2020). "*Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social*". Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio (digital). Acesso em 01.mai 2020.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos. Em: *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 78. 2002. P. 37-55

LANZ, Letícia. *O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LARANJEIRA, Denise H. P.; IRIART, Mirela Figueiredo; LUEDY, Eduardo. Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do nordeste do Brasil. *Etnográfica*, [S.L.], 2018, n. 222, p. 427-452.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista Famecos*, [S.L.], v. 5, n. 9, p. 37, 10 abr. 2004. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3009>.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008.

LISA JÚNIOR, Cláudio. *Cidade 'das indústrias', Indaiatuba conquista mercados no exterior*. 2020. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/viva-indaiatuba/NOT,0,0,1568304,cidade-das-industrias-indaiatuba-conquista-mercados-no-exterior.aspx>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MACHADO, Marcus Gabriel Magalhães; VILHENA, Ana Paula Mendes de Pereira. Juventude e a produção de sentidos: uma análise da recepção de mensagens transmitidas em músicas dos gêneros musicais Rap e Trap, através da teoria das mediações. In: CONGRESSO BRASI LEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,

42., 2019, Belém. *Anais [...] .* Belém: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. p. 28-33.

MAGNANI, José Guilherme C., Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?. *Cadernos de Campo* (USP), v. 2, p. 48-51, 1992.

_____. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 35, p. 191-203, 1992b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>. Acesso em: 1 nov. 2022.

_____. 2005, “Os circuitos dos jovens urbanos”, *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 17 (2): 173-205.

_____.; MANTESE, Bruna. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MANSUR GARDA, Juan Carlos. Habitar la ciudad. *Rev. filos.open insight*, Querétaro, v.8, n.14, p.9-24, dic. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-24062017000200009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2022.

MARASCHIN, Cleci. Pesquisar e intervir. *Psicologia & Sociedade*, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 98-107, 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822004000100008>.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. In: ARIOVICH, Laura. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. *Opinião Pública*, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 164–187, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641225>. Acesso em: 16 mai. 2021.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Jóvenes: comunicación e identidad. *Pensar Iberoamérica*. Revista da Cultura. Número 0, v.I. Fevereiro, 2002.

_____. *A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens*. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

MCKENNA, Katelyn Y. A.; GREEN, Amie S.; GLEASON, Marci E. J.. Relationship Formation on the Internet: what's the big attraction?. *Journal Of Social Issues*, [S.L.], v. 58, n. 1, p. 9-31, jan. 2002. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/1540-4560.00246>.

MONDARDO, Marcos Leandro; GOETTERT, Jones Davi. Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite. *Terr@ Plural*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 293–308, 2009.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. *Educ. Soc.* vol.28. 2007.

MUCCHIELLI, R. *Les Méthodes Qualitatives*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *“Literatura marginal”*: os escritores da periferia entram em cena. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NEEDLEMAN, S.E. 2015. *Twitch’s Viewers Reach 100 Million a Month*. Disponível em: <https://blogs.wsj.com/digits/2015/01/29/twitch-viewers-reach-100-million-a-month/>. Acesso em: 24/04/2021.

NERI, Marcelo. Qual foi o impacto da crise na renda dos jovens? E nos nem-nem? – Etapa 1 do Atlas das Juventudes. São Paulo: FGV Social, 2019

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 50-57, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822005000200008>.

NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, Ma. Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

_____. Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas. *Observatório da cidadania*, [s.l.], p.99, 2007. Disponível em <<http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/outras-publicacoes/social--watch-2007/Social%20Watch%20%202007%20nada%20--%20Regina%20Novaes.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2022.

_____. *Prefácio*. In: PERONDI, Maurício et al (Org.): *Infâncias, adolescências e juventudes na perspectiva dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?* Porto Alegre: Edipucrs, 2018. p. 49-62. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

_____.; VITAL, Cristina. A Juventude de Hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (Org.). *Associando-se à Juventude para Construir o Futuro*. Revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni. São Paulo: Peirópolis, 2005. P. 109-147.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. *Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 17-33.

OLIVEIRA, Igor; HERMONT, Catherine. *Juventudes e participação política*. In: CORREA, Licinia M.; ALVES, Maria Z.; MAIA, Carla L. (Orgs.). *Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel et al. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. *Educar em Revista*, v. 34, n. 70, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58145/> Acesso em: 10 jan. 2021.

_____. et al. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em educação – uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, v. 33, n. 64, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/50119/> Acesso em: 10 jan. 2021.

_____. *Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses*. 2020. 213f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020a. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9109> Acesso em: 10 jan. 2021.

_____. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). *Revista Educar Mais*, 5(2), 358-372. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2279>. Acesso em 22 jun 2021

OSTROWER, Fayga. Petrópolis: Editora Vozes, 6.ed. 1997.200p.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. 15, p. 105-106, 1990.

_____. *Culturas Juvenis*. 1. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

_____. ; BLASS, Leila (coords.). *Tribos urbanas. Produção artística de identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

_____. Grupos e Afiliações Sociais. *Revista Teias*, [S.L.], p. 247-286, dez. 2011. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/teias>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24223/17202>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PAIVA, Ilana. *Como fazer pesquisa com/sobre/para as juventudes no contexto da pandemia da Covid-19?*. [S.l.]: Canal Prioridade Absoluta, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gSOWZHqgECQ>. Acesso em: 16 set 2020.

PARRA, Gabriela. *40 anos de Jardim Morada do Sol*. 2020. Disponível em: <https://www.indaiatuba.sp.leg.br/institucional/noticias/25-02-2015-35-anos-de-jardim-morada-do-sol-15005#:~:text=S%C3%A3o%20aproximadamente%2070%20mil%20moradores,ag%C3%A2ncias%20lot%C3%A9ricas%3B%20entre%20outros%20segmentos..> Acesso em: 31 out. 2022.

PARSONS, T. A classe como sistema social. In: BRITTO, S. Org. Sociologia da juventude. Volume III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 47-76.

PASE, André Fagundes *et al.* Capital lúdico e trabalho na transposição dos jogos digitais para as plataformas de streaming. In: XXIX ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 29., 2020, Campo Grande. *Anais [...]*. Campo Grande: S.I., 2020. p. 1-23. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_Z7JXX0MXCF043R9M9LF3_30_8636_26_02_2020_13_38_22.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

PAUGAM, Serge. Le lien social. Tradução livre de pesquisadores do NEPSAS PUC/SP. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. Versão traduzida, mimeo.

_____.; GUIMARÃES, Nadya Araújo e PRATES, Ian. Laços à brasileira: desigualdades e vínculos sociais. *Tempo Social*. 2020, v. 32, n. 3, pp. 265-301.

PAZ, Samyr; MONTARDO, Sandra Portella. Performance play: consumo digital como performance no streaming de games da plataforma twitch. *Fronteiras - Estudos Midiáticos*, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 190-203, 29 ago. 2018. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/fem.2018.202.05>.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política. 2010, n. 79, pp. 143-162.

_____. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologia da informação e da comunicação. *Revista Estudos Culturais*, [S. I.], v. 1, n. 1, p. 1-18, 2014.

PERONDI, Maurício; VIEIRA, Patrícia Machado. *A construção social do conceito de juventudes*. In: PERONDI, Maurício et al (Org.): *Infâncias, adolescências e juventudes na perspectiva dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?* Porto Alegre: Edipucrs, 2018. p. 49-62. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015/ IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

_____. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019 (PNAD Contínua). Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

PREECE, Jennifer J.; GHOZATI, Kambiz. Experiencing Empathy Online. *The Internet And Health Communication: Experiences and Expectations*, [S.L.], p. 237-260, dez. 2001. SAGE Publications, Inc.. <http://dx.doi.org/10.4135/9781452233277.n11>.

PREVEDELLO, Tatiane; NEDEL OLIVEIRA, Victor Hugo; PIRES CORRÊA DE LACERDA, Miriam.; MENDES DOS SANTOS, Andreia. São Borja vista pelos jovens: percepções urbanas e culturas juvenis. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 31, n. 1, 2018. DOI: 10.22456/2595-4377.82699. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/82699>. Acesso em: 1 nov. 2022.

RAPOSO, Otávio Ribeiro. Laboratório de Cidadania. Criatividade e resistência nas favelas da Maré. *Cidades, Comunidades e Territórios*, [S.L.], v. 1, n. 31, p. 70-84, dez. 2015. Instituto Universitario de Lisboa (ISCTE-IUL).

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.v

RIBEIRO, Leticia Barbosa. *Redistribuição espacial da população na Região Metropolitana de Campinas e a reestruturação das periferias metropolitanas: os casos de Indaiatuba e Jaguariúna*!. 143f. (Dissertação). Mestrado em Demografia, Unicamp. 2019.

RIBEIRO, Jânio. *Morada do Sol, duas décadas de história*. 2000. In: Blog de Eliana Belo. Arquivo virtual de História, Memória e Patrimônio de Indaiatuba (SP) e região. Disponível em: <<http://historiadeindaiatuba.blogspot.com/2010/03/30-anos-do-jardim-morada-do-sol-1.html>> Acesso em 02 de abr. 2021.

RIZZINI, Irma, CASTRO, Monica Rabelo e SARTOR, Carlos Daniel. *Pesquisando... Guia de Metodologias da Pesquisa Para Programas Sociais*. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1999.

ROCHA, Maria Cristina. Juventude: apostando no presente. *Imaginário*, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 205-223, jun. 2006.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO).

RODRÍGUEZ, Víctor Gabriel. O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico. São Paulo, SP: WMF, 2012.

SCHERER, Giovane Antonio. Territórios Violentados e Vidas Descartáveis: a dinâmica espacial do capital diante da crise estrutural. *Emancipação*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 251–265, 2018.

SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho et al . Juventude e pobreza: a construção de sujeitos potencialmente perigosos. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 64, n. 3, p. 19-34, dez. 2012 .

SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho; GALEANO, Giovana Barbieri. Pesquisa-intervenção e juventudes: enredando a produção de vidas marginais. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 18-29, jan./jun. 2018.

SELWYN, Neil. *Educação e tecnologia: questões críticas*. In: FERREIRA, Gisele Martins dos Santos; ROSADO, Luis Alexande da Silva; CARVALHO, Jaciara de Sá. Educação e Tecnologias: abordagens críticas. Rio de Janeiro: SESES, 2017. p. 85-102.

SERRA, Pedro Martins; BICUDO, Marcos de Castro. Desigualdades e laços sociais: por uma renovação da teoria do vínculo: Entrevista com Serge Paugam. *Plural*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 208-232, 2019.

SETTON, Maria da Graça J. Juventude, mídias e TIC. In: SPOSITO, Marília Pontes. O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

_____. Teorias da Socialização: um estudo entre as relações indivíduo e sociedade. *Revista da Faculdade de Educação (Universidade de São Paulo. Impresso) (Cessou em 1998. Cont. ISSN 1517-9702 Educação e Pesquisa (USP. Impresso))*, v. 37, p. 711-724, 2011.

SIMÃO, Mário Pires. Dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade. *Revista Juventude e Políticas Públicas*, v. 1, n. 1, p. 1-16, nov. 2014.

SIMÕES BORELLI, Silvia Helena; ABOBOREIRA, Ariane. Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. *Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv*, Manizales, v. 9, n. 1, p. 161-172, Jan. 2011. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2011000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 16 June 2021.

Síntese de Indicadores Sociais 2017: SIS 2017/ IBGE, *Coordenação de Trabalho e Rendimento*. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

SIQUEIRA, Ronan de Almeida. O garimpeiro no mercado de roupas de segunda mão no comércio informal em Juiz de Fora. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, nº 24, p. 256-273, 2017

SOARES, Helena de Barros. Produção de subjetividade pelas práticas do vestir no Brechó de Troca: novos campos para a psicologia social. *Psi Unisc*, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 141-151, 3 jan. 2019. APESC - Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. NOVAS LINGUAGENS E SOCIABILIDADES: COMO UMA JUVENTUDE VÊ NOVAS TECNOLOGIAS. *Interacções: Interacções*, Coimbra, v. 0, n. 17, p. 170-188, fev 2011.

SOUZA, Regina Magalhães de. O conceito de protagonismo juvenil. In: ESPINDULA, B. (Org.). *Protagonismo da juventude brasileira: teoria e memória*. São Paulo: Instituto Arte Cidadania/Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2009a. p. 10-24.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança e hip hop*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. 176p.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 17, n. 3, p. 353-360, Dez. 2012 .

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A Classe Operária tem dois sexos: Trabalho, Dominação e Resistência*. 2ed. São Paulo: Ed Fundação Perseu Abramo, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. A Sociabilidade Juvenil e A Rua: Novos Conflitos e Ação Coletiva Na Cidade. *Tempo Social* (USP. Impresso), São Paulo, v. 5, n.1, p. 161-178, 1994.

_____. Algumas hipóteses sobre as relações entre juventude, educação e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 13, p. 73-94, 2000.

_____. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, v. 36, p. 95-106, 2010.

TEIXEIRA, P. (coord). *Juventude e cidadania em São Paulo: o direito ao futuro*. Grupo de Trabalho: Juventude e Cidadania. Instituto Florestan Fernandes. São Paulo, s/d.

TENINNA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. 2013, n. 42, pp. 11-28.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som. As transformações do rap no Brasil*. São Paulo, Claro Enigma, 2015.

TOMMASI, Livia de. Um olhar sobre as experiências de políticas públicas de juventude na América Latina. *Revista Brasileira de Educação*. 2004, n. 25. pp. 177-181.

_____. Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. *Política & Sociedade*, Florianópolis, Janeiro, v. 12, n. 23, p. 11-34, 3 jun. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

TORRES, Abigail Silvestre. *Segurança de convívio e de convivência: direito de proteção na Assistência Social*. 2013. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

TREVISOL, Joviles Vitorio; NIEROTKA, Rosileia. DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: análise das políticas de ingresso da ufs/democratization of the access to the public higher education. *Roteiro*, [S.L.], v. 40, p. 31, 18 dez. 2015. Universidade do Oeste de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.18593/r.v40i0.9203>.

UNESCO. Políticas públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO, 2004. 304 p.

UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas -. Relatório sobre a situação da população mundial - 2014. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/swop2014/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

VAZQUEZ-CEBALLOS, Cristo Avimael. La participación ciudadana juvenil como un recurso externo al Gobierno. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv*, Manizales, v. 9, n. 1, p. 45-59, Jan. 2011

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Relatório de Desenvolvimento Juvenil e do Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ) – 15 a 29 anos de idade – trabalho em elaboração – versão preliminar – Secretaria Geral da Presidência da República*, 2015.

WEISHEIMER, Nilson. Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais. *Desidades*, Rio de Janeiro , v. 1, p. 22-27, 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822013000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2021.

ZOPPI, Antônio op. cit., 1998, p.33. Crônicas Indaiatubanas, vol. 1. Indaiatuba: Fundação Pró-Memória

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO HOSPEDADO NA PLATAFORMA GOOGLE FORMS

SESSÃO Nº 1

Nome Completo: (resposta curta)

Nome artístico/ apelido/ nome social (se tiver): (resposta curta)

E-mail: (resposta curta)

SESSÃO Nº 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DA PESQUISA

Título da pesquisa: Coletivos juvenis de Indaiatuba - SP

Pesquisadora executante: Dorothea de Assis Schimidt Doi, mestranda, assistente social, inscrita na 9ª Região do Conselho Regional de Serviço Social sob o nº 55129/ SP

Pesquisadora responsável: Marta Carvalho de Almeida, professora doutora, inscrição conselho regional nº: 1557- TO (CREFITO-3).

Departamento/Instituto: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH USP

Convidamos você a participar de uma pesquisa científica, que é um conjunto de procedimentos que procura criar ou aumentar o conhecimento sobre um assunto.

Os objetivos de nossa pesquisa são:

- Inventariar, por meio de levantamento próprio, os coletivos culturais que possuem maior poder de articulação e representatividade nas periferias de Indaiatuba;
- Descrever as trajetórias de jovens de camadas populares na participação em coletivos culturais, identificando aspectos socioeconômicos, afetos, desejos e fazeres;

- Desvelar a relação cotidiana destes jovens com a família, com a escola, com o trabalho e com as demais instituições que representam autoridades denominadas “tradicionais”;
- Conhecer as narrativas juvenis acerca da relação entre suas formas de expressão cultural e sua constituição enquanto sujeitos políticos.

Para coletar informações dos participantes, faremos uso da transcrição integral de sua participação no Programa Interconexões, veiculado em forma de transmissões da TV Sinérgica na Twitch. Após a sua colaboração, participando do programa citado acima, você poderá ser convidado pela pesquisadora executante a oferecer novas informações, de modo a completar os dados coletados durante a sua participação no programa. Se sentir algum desconforto emocional em qualquer uma das etapas, você pode pedir para interromper sua colaboração com o estudo, sem que isso te traga qualquer problema. O áudio da sua participação no programa será utilizado para sua transcrição em linguagem escrita. Sua participação não é obrigatória, você tem direito de deixar de colaborar com o estudo a qualquer momento, se assim o desejar. Não haverá nenhum custo para a sua participação você não será remunerado (a) por isso. Você terá direito a solicitar indenização diante de eventuais danos resultantes da sua participação da pesquisa.

Uma cópia deste Termo de Consentimento será enviado ao e-mail que você informou na pergunta acima.

Pedimos, também, sua autorização para que os dados obtidos nesta pesquisa sejam utilizados em publicação científica, que é o meio como os resultados de uma pesquisa são divulgados e compartilhados com a comunidade científica.

A qualquer momento você poderá acessar as profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de dúvidas. A pesquisadora responsável Profa. Dra. Marta Carvalho de Almeida, do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP, pode ser encontrada no Centro de Docência e Pesquisa, na Rua Cipotânea, 51 – Cidade Universitária, Butantã - São Paulo/SP, 1º andar, Sala 8; Telefone: (11) 3091 8439, de segunda à sexta-feira, das 8:00 às 17:00 h, pelo celular (11) 993547417 ou pelo e-mail: mcarme@usp.br. A pesquisadora executante, Doroth de Assis Schimidt Doi, estudante do Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, pode ser encontrada na Av. Prof. Lineu Prestes, 159, Subsolo – Cidade Universitária, Butantã – São Paulo/SP, pelo telefone (19) 983154061 ou ainda pelo e-mail: doroth.doi@usp.br.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre o respeito às normas éticas no estudo, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), localizado à Rua do Iago, 717 - sala 110, Prédio da Administração da FFLCH - CEP 05508-080 - Cidade Universitária - São Paulo/SP, telefone: (11) 2648-6560 ou e-mail: ceph-fflch@usp.br.

- *Ao assinalar a questão abaixo, você afirma que:*

“Fui suficientemente informado a respeito do estudo Sociabilidades Juvenis em Indaiatuba/SP.

Eu discuti as informações acima com a pesquisadora Doroth de Assis Schimidt Doi sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficou claro para mim os objetivos, os procedimentos, os potenciais desconfortos e riscos e as garantias. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.”

(Sim) – Ir para próxima sessão

(Não) – Encerrar questionário

SESSÃO N° 3

- *Você autoriza que seu nome completo, apelido/nome artístico e redes sociais sejam mencionados na pesquisa?*

(Sim) – Encerrar questionário

(Não) – Ir para a próxima sessão

SESSÃO N° 4

- *Como você prefere que sua identidade não seja mencionada, vamos criar um nome fictício para você. Qual você gostaria que fosse?*

(Resposta curta)